

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL
CAMPUS FELIZ
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS**

HELOÍSA PELLEZ SCHNEIDER

**OS EFEITOS DA IDENTIDADE DO INTERLOCUTOR NO *CODE-SWITCHING*
EMPREGADO POR UMA CRIANÇA BILÍNGUE PORTUGUÊS-HUNSRÜCKISCH:
UM ESTUDO DE CASO**

Feliz

2023

HELOÍSA PELLENZ SCHNEIDER

**OS EFEITOS DA IDENTIDADE DO INTERLOCUTOR NO *CODE-SWITCHING*
EMPREGADO POR UMA CRIANÇA BILÍNGUE PORTUGUÊS-HUNSRÜCKISCH:
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Feliz, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Carlos Diego Cardoso Ferreira

Coorientador: Prof. Dr. Cristiano da Silveira Pereira

Feliz

2023

HELOÍSA PELLEZ SCHNEIDER

**OS EFEITOS DA IDENTIDADE DO INTERLOCUTOR NO *CODE-SWITCHING*
EMPREGADO POR UMA CRIANÇA BILÍNGUE PORTUGUÊS-HUNSRÜCKISCH:
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus Feliz*, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em ____ de _____ de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Carlos Diego Cardoso Ferreira (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

Profa. Dra. Dania Pinto Gonçalves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

Profa. Dra. Laura Helena Hahn Nonnenmacher

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

Dedico este trabalho ao meu sobrinho e afilhado Lucca, por ter oportunizado o desenvolvimento da presente pesquisa. Indubitavelmente, ele é a personificação do amor em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Gilmei e Irini, pelo empenho em conceber o melhor. Por fazerem o possível dentro de suas possibilidades. Por acreditarem em mim, apoiarem minhas decisões e incentivarem minhas escolhas. Por terem construído um ninho sólido que me deu subsídios aos voos da vida. Por me motivarem a voar e por continuarem sendo local de pouso e abrigo após os passeios, as idas e as voltas – literais – pelo mundo. Obrigada por serem, afinal, lar.

À minha irmã, Laís, por ter estado ao meu lado em todos os momentos de minha trajetória, partilhando as angústias e os êxitos do caminho. Por deixar as dores mais leves, as gargalhadas mais intensas, a vida mais significativa. Por ser uma extensão de mim mesma.

Ao meu sobrinho e afilhado, Lucca, pelas demonstrações diárias de afeto. Pelos risos sinceros, pelas brincadeiras malucas, pelos apertos na bochecha e pelos abraços apertados. Por ser precioso e genuíno.

Ao meu namorado, por ser alento e calma nas turbulências do processo. Por ser o sossego que contrapõe minha ansiedade.

Às minhas amigas, pelo incentivo à luta por meus objetivos e pela compreensão de minhas ausências.

À minha vó, Nair, por ser presente em minha vida, desde sempre. À minha vó, Alzira, pelo carinho constante. Aos meus avôs, Lauro e Vicente (*in memoriam*), pelos ecos da afetividade, impressa em minha infância e adolescência, que ressoam em mim ainda hoje e que jamais deixarão de me habitar.

Aos mencionados até então, por serem, afinal, família: a estrutura basilar de tudo que me constitui. Obrigada pelas demonstrações de amor em gestos sublimes, traduzidos em movimentos ora simples, ora grandiosos.

Ao professor Carlos Diego, meu orientador, pela cooperação e pela parceria no decorrer desse estudo. Obrigada pela disposição contínua em ajudar.

Ao professor Cristiano, essencial em minha jornada acadêmica, pelas partilhas ao longo de todos os anos de graduação. Obrigada pelo incentivo para que eu realizasse essa pesquisa.

A todos os professores de minha vida e, especialmente, aos educadores de minha graduação, pelas marcas firmadas em meu processo de formação. Carrego um pouco de cada um no âmago de meu ser.

Ao IFRS, pela oportunidade do estudo e pelo fomento à educação pública e de qualidade.

RESUMO

O contato linguístico entre duas ou mais línguas apresenta-se como um fenômeno dinâmico, caracterizado pela interação de variados códigos em determinado contexto social. Os fluxos migratórios ocorridos no Brasil no século XIX, no que se refere especificamente à vinda de imigrantes alemães para a região sul, culminaram em cenários de intercâmbio linguístico e cultural. Dessa forma, instaurou-se uma contiguidade linguística entre a Língua Portuguesa e a língua de imigração *Hunsrückisch* (em português, hunsriqueano), trazida por grande parcela dos imigrantes germânicos. Atualmente, em determinadas cidades e regiões gaúchas faz-se presente a manutenção dessa variedade do alemão por parte dos descendentes dos imigrantes que aqui se estabeleceram. Nesse entremeio, a aproximação entre as duas línguas favorece a ocorrência de fenômenos linguísticos específicos, dentre os quais se menciona o *code-switching* (em português, alternância linguística). A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso desenvolvido com um menino bilíngue português-hunsrückisch que atualmente possui 4 anos de idade e é residente da zona rural do município de Nova Petrópolis (RS). O trabalho tem por objetivo geral analisar o emprego do *code-switching* na fala da criança, reconhecendo os fatores sociolinguísticos que motivam a escolha ora de uma língua, ora de outra. O objetivo específico é constatar a influência dos traços identitários do interlocutor do infante nessa dinâmica de comutação de códigos, analisando-se a inter-relação entre o falante e seu ouvinte. O percurso metodológico, ao envolver um único sujeito de pesquisa, deu-se através da realização de gravações audiovisuais, no decorrer de 14 meses: 2 anos e 10 meses (2:10) a 4 anos de idade (4:00) da criança. Tal coleta dos atos de fala do garoto buscaram apreender sua produção discursiva em situações de interação espontânea com os seus familiares e parentes. Após esse processo, os dados foram analisados de modo a perceber a alternância linguística infantil em função daqueles que interagem discursivamente com a criança. As análises destacam o fato de as escolhas linguísticas do falante serem influenciadas pelo grau de proximidade dele com os seus interlocutores. No que se refere aos interlocutores monolíngues, há um uso categórico do idioma por eles conhecido. Já com relação aos bilíngues, a negociação linguístico-identitária firmada entre a criança e tais sujeitos é que delimita a língua predominante de comunicação: por vezes o português, por vezes o *Hunsrückisch*. Explora-se, assim, a interdependência entre a linguagem e o seu contexto linguístico-social de uso. Tal investigação oportuniza a verificação dos prismas identitários que permeiam a produção de fala infantil em cenários interativos pautados pelo bilinguismo.

Palavras-chave: Línguas de contato; *Hunsrückisch*; Bilinguismo Infantil; *Code-switching*.

ABSTRACT

Language contact among two or more languages is a dynamic phenomenon, characterized by the interaction of various codes in a given social context. The migratory flows that took place in Brazil in the 19th century, specifically regarding the arrival of German immigrants in the southern region, culminated in scenarios of linguistic and cultural exchange. In this way, a linguistic contiguity was established between the Portuguese language and the Hunsrückisch immigration language (in Portuguese, Hunsriqueano), brought by a large proportion of German immigrants. Nowadays, in certain cities and regions of Rio Grande do Sul (RS), this variety of German is maintained by the descendants of the immigrants who settled here. In this environment, the proximity between the two languages favors the occurrence of specific linguistic phenomena, including code-switching. This research is a case study developed with a Portuguese-Hunsrückisch bilingual boy who is currently 4 years old and lives in the rural area of the town of Nova Petrópolis (RS). The general aim of the study is to analyze the use of code-switching in the child's speech, recognizing the sociolinguistic factors that motivate the choice of one language or the another. The specific objective is to verify the influence of the identity traits of the child's interlocutor on this code-switching dynamic, analyzing the interrelationship between the speaker and his listener. The methodological approach, involving a single research subject, included audiovisual recordings over the course of 14 months: 2 years and 10 months (2:10) to 4 years (4:00) of the child's age. The data collection of the boy's speech captured his discursive production in situations of spontaneous interaction with his family and relatives. After this process, the data was analyzed in order to perceive the child's linguistic switching according to those who interact discursively with the infant. The analysis highlights the fact that the speaker's linguistic choices are influenced by the degree of closeness he has with his interlocutors. Regarding monolingual speakers, the boy categorically used the language they knew. In the case of bilingual interlocutors, it is the linguistic-identity negotiation between the child and these subjects that defines the predominant language of communication: sometimes Portuguese, sometimes Hunsrückisch. Therefore, the study explores the interdependence between language and its linguistic-social context of use. This investigation provides an opportunity to verify the identity prisms that permeate children's speech production in interactive scenarios based on bilingualism.

Keywords: Languages in Contact; Hunsrückisch; Child Bilingualism; Code-switching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da localidade Tirol no município de Nova Petrópolis.....	72
Figura 2 – Mapeamento das comunidades bilíngues na Região Sul do Brasil.....	73
Figura 3 – Localização da província Hunsrück na Renânia Central.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Interlocutores do sujeito da pesquisa.....	85
Quadro 2 – Transcrição e tradução da Situação Interativa 1.....	88
Quadro 3 – Transcrição e tradução da Situação Interativa 2.....	96
Quadro 4 – Transcrição e tradução da Situação Interativa 3.....	102
Quadro 5 – Transcrição e tradução da Situação Interativa 4.....	106
Quadro 6 – Transcrição e tradução da Situação Interativa 5.....	113
Quadro 7 – Transcrição e tradução da Situação Interativa 6.....	121

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	BILINGUISMO	16
2.1.1	Bilinguismo Infantil	24
2.2	CODE-SWITCHING.....	29
2.2.1	Code-switching na fala infantil	39
2.3	IDENTIDADE E <i>CODE-SWITCHING</i>	45
2.3.1	A marcabilidade linguística	56
3	METODOLOGIA	67
3.1	O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	67
3.2	O SUJEITO DA PESQUISA: A CRIANÇA.....	68
3.2.1	O contexto de inserção sociocultural da criança	71
3.3	A LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO <i>HUNSRÜCKISCH</i>	78
3.4	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	83
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	86
4.1	SITUAÇÃO INTERATIVA 1	87
4.2	SITUAÇÃO INTERATIVA 2	95
4.3	SITUAÇÃO INTERATIVA 3	101
4.4	SITUAÇÃO INTERATIVA 4	105
4.5	SITUAÇÃO INTERATIVA 5	112
4.6	SITUAÇÃO INTERATIVA 6	119
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
	REFERÊNCIAS	134
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	142

1 INTRODUÇÃO

O mundo revela-se pautado por uma ampla diversidade cultural e linguística, comportando, em seus 193 países (ONU, 2023), 7.168 línguas, de acordo com o relatório publicado pela Ethnologue em 2023. Essa conjuntura acarreta cenários de contato linguístico, nos quais se faz presente o uso contíguo de duas ou mais línguas em um mesmo espaço. Daí, constata-se a existência de comunidades sociais bilíngues e multilíngues, por vezes validadas oficialmente como tais, por outras não – ainda que esses locais abriguem uma pluralidade linguística para além do(s) idioma(s) nacionalmente reconhecido(s).

No contexto brasileiro, verifica-se a existência de variados contatos linguísticos, atravessados pelo emprego concomitante de diferentes códigos no interior de comunidades linguístico-sociais. A dinâmica de colonização portuguesa iniciada no século XVI no Brasil culminou no processo administrativo governamental dos lusos, o que instituiu, dentre outros aspectos, a difusão da Língua Portuguesa no território nacional. Devido a isso, esse idioma configura a língua oficial brasileira, determinada como tal pelo artigo 13 da Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988). Contudo, ainda que o português se apresente como a língua majoritariamente em uso no domínio brasileiro, o país comporta, também, línguas autóctones (línguas indígenas) (Morello, 2015) e alóctones (línguas de imigração) (Altenhofen, 2014).

Nessa perspectiva, no que se refere às últimas, os fluxos migratórios sucedidos ao longo da história ocasionaram a utilização de novos idiomas na extensão territorial brasileira. No século XIX, houve um fomento à vinda de imigrantes europeus, tendo esse processo propiciado a chegada de diversos grupos, dentre esses os alemães. Imerso em uma travessia marítima de aproximadamente cem dias, o primeiro aglomerado de germânicos desembarcou no estado do Rio Grande do Sul em 1824 (Assmann, 2020). Tais indivíduos, oriundos especialmente da província de Hunsrück, sudoeste da Alemanha, trouxeram consigo a língua minoritária denominada *Hunsrückisch* (em português, hunsriqueano).

O advento dos imigrantes alemães suscitou um intercâmbio sociocultural e linguístico, impulsionando o contato linguístico entre essa língua de imigração e a Língua Portuguesa. Essa circunstância tem efeitos na atualidade, uma vez que

grande parte dos descendentes dos imigrantes, residentes das zonas de colonização alemã, mantiveram o emprego da variedade linguística germânica. Como resultado dessa dinâmica, tais descendentes se constituíram bilíngues português-hunsriqueano, empregando ambos os códigos em suas produções discursivas.

Ainda que a utilização dessa língua de imigração se faça predominante nos dizeres dos membros mais antigos das comunidades – em virtude de seu desuso por parte dos jovens e das crianças –, em algumas famílias esse idioma continua sendo ensinado aos infantes. Esse é o caso do sujeito da pesquisa do presente estudo: um menino de quatro anos, cujo processo de aquisição da linguagem se deu/se dá num entremeio de bilinguismo entre o português e o *Hunsrückisch*. Nesse viés, a fala da criança é pautada pelo emprego do *code-switching*, isto é, pela alternância linguística entre os seus dois códigos de domínio. De acordo com Porto (2006, p. 1), o *code-switching* trata-se de “[...] um fenômeno linguístico natural que consiste no uso alternado de dois ou mais códigos nas interações conversacionais entre indivíduos bilíngues”.

A escolha do tema da pesquisa recaiu no fato de o *Hunsrückisch* se apresentar como uma língua de imigração amplamente utilizada na região Sul, sendo constitutiva dos prismas identitários dos sujeitos que a falam. Pontua-se, inclusive, que o *Hunsrückisch* se configura como a língua cooficial de três municípios sulinos. Essa circunstância é passível de ser percebida nas cidades de Antônio Carlos (SC), Ipumirim (SC) e Barão (RS), conforme divulgado em 2022 pelo Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL).

Em meio a aspectos sociais, culturais, históricos e políticos, esse idioma manifesta-se como parte integrante da trajetória de vida de seus falantes, permeando, através do *code-switching*, as relações interpessoais dos membros das comunidades sociais. Além disso, dado o enfraquecimento do vínculo das novas gerações com as tradições alemãs, o bilinguismo infantil português-hunsrückisch presente na fala de uma criança contribui para o enriquecimento dos estudos próprios a essa língua de imigração.

À vista disso, a presente pesquisa é um estudo de caso que se propõe a investigar a comutação de códigos presente nas interlocuções do garoto. Tem-se, como objetivo geral, a análise das razões do *code-switching*, em situação comunicativa, do menino diante de seus interlocutores. Os objetivos específicos são

(a) classificar o fenômeno através da proposta de Dabène e Moore (1995); (b) apontar possíveis indexicalidades (Silverstein, 2003) no enunciado do menino que favoreçam a alternância linguística. Ademais, o trabalho intenta contribuir, em certa medida, para a preservação do *Hunsrückisch*, através de sua divulgação escrita, visto que sua manutenção se dá sobretudo oralmente.

A fim de coletar os dados de fala do menino, recorreu-se à metodologia qualitativa, tendo sido realizadas gravações audiovisuais para a apreensão do discurso infantil em situações de interação com os seus familiares e parentes. A hipótese que norteia o estudo se volta à influência dos traços identitários do interlocutor da criança, no que se refere à sua escolha linguística ora pela Língua Portuguesa, ora pelo *Hunsrückisch*. Essa hipótese se comprova pelo trabalho, evidenciando que o infante realiza a troca de códigos em função de seu alocutário.

Dado o cenário de contato linguístico intrínseco ao estudo, a pesquisa inscreve-se no campo da Sociolinguística, enquanto área que dá conta de investigar esse fenômeno, uma vez que se debruça sobre a inter-relação entre os aspectos linguísticos e sociais da linguagem. Afinal, os pressupostos basilares sociolinguísticos postulam a indissociabilidade entre a língua e o seu contexto de produção, apontando-a como um fato social. Para Calvet (2002, p. 161), torna-se possível delimitar o objeto de estudo desse campo como “a comunidade social em seu aspecto linguístico”.

No que tange à organização estrutural do estudo, o trabalho constitui-se por diferentes capítulos. O capítulo 2 comporta um referencial teórico que abrange três seções. A primeira, 2.1, trata do bilinguismo, de forma a dissertar sobre as diferentes concepções desse fenômeno, os variados tipos de sujeitos bilíngues e as funções interna e externa do bilinguismo. A partir daí, em uma subseção, focaliza-se o bilinguismo infantil, traçando a peculiaridade da criança bilíngue com relação à monolíngue, evidenciando-se as vantagens cognitivas e sociais da aquisição de duas línguas.

Na seção 2.2 aborda-se o *code-switching*, conceituando o fenômeno sob diferentes perspectivas e explicitando a sequencialidade da alternância linguística. Então, em uma subseção, dá-se enfoque ao *code-switching* infantil, de modo a pontuar como a comutação de códigos se sucede no discurso das crianças, sendo influenciada por fatores sociolinguísticos do contexto situacional de comunicação.

A seção 2.3 e última do levantamento bibliográfico dá enfoque à noção de identidade, no que se refere à inter-relação entre o uso da linguagem e os fatores sociais, culturais e identitários. Outrossim, em uma subseção, postula-se a alternância linguística vinculada a um processo de negociação de idiomas e de identidades no interior das interlocuções dos sujeitos participantes da conversação.

No capítulo 3 expõe-se a metodologia do estudo, traçando o percurso metodológico da pesquisa, identificando o sujeito da pesquisa e seu contexto de inserção sociocultural. Além disso, discorre-se acerca do *Hunsrückisch*, definindo-o como uma língua de imigração, em virtude da dinâmica de imigração alemã sucedida, a qual é também brevemente explicitada. Ainda, apontam-se os procedimentos da coleta dos dados, evidenciando como se deu a apreensão da fala infantil.

O capítulo 4, por sua vez, contempla a análise e discussão dos dados. Para isso, são elencadas seis interlocuções, cada qual comportando a transcrição e tradução das situações dialógicas, bem como a análise das motivações do *code-switching* empregado nesses episódios por parte do sujeito da pesquisa. Por fim, o capítulo 5 trata das considerações finais, retomando os pontos-chave do trabalho e deixando perspectivas para trabalhos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No presente capítulo será traçado um referencial teórico que comporta estudos relativos ao bilinguismo, ao *code-switching* e à inter-relação entre o uso da linguagem e a identidade dos participantes discursivos. Para fins de organização, inicialmente, em 2.1, conceitua-se o bilinguismo e, especificamente, em 2.1.1, trata-se do bilinguismo infantil. Em seguida, em 2.2, define-se o *code-switching*, de modo que em 2.2.1 focaliza-se o emprego desse fenômeno na fala infantil. Por fim, em 2.3, traz-se uma descrição da relação entre o *code-switching* e a identidade, explicitando-se, em 2.3.1, a noção de marcabilidade linguística no interior da comutação de códigos.

2.1 BILINGUISMO

Os contextos de contato linguístico entre as diferentes línguas existentes mundo afora culminam em cenários de bilinguismo e multilinguismo. O bilinguismo aponta-se como uma área de estudo que apresenta variadas acepções, ocasionalmente controversas, mediante os pressupostos teóricos postulados por diferentes estudiosos. Pode-se tomar o termo sob diferentes abordagens: uma relacionada ao âmbito coletivo/social, que diz respeito a uma comunidade de falantes; e outra à esfera individual/pessoal, concernente a um único falante. Tem-se, assim, tal como propõe o dicionário Priberam (2023), uma definição do bilinguismo em vias duplas: (a) situação de uma comunidade em que são faladas duas línguas e (b) domínio de duas línguas por parte de um falante.

À vista dessa definição dual amplamente difundida, Romaine (1997) propõe a impossibilidade de separação do bilinguismo em tais noções, indicando que o bilinguismo individual e societal é indissociável. No tocante ao caráter individual do bilinguismo, Bloomfield (1933, p. 67) expõe que um indivíduo bilíngue se caracteriza por sua fluência em dois idiomas, de modo que ele os domine semelhantemente a um falante nativo. Sendo assim, essa abordagem sugere um critério de controle sobre ambas as línguas, de modo equivalente ao conhecimento intuitivo que um nativo detém acerca de um código linguístico específico.

Em uma abordagem contrastiva, segundo Macnamara (1969), para que um sujeito seja considerado bilíngue torna-se necessário que ele apresente, em alguma língua, que não a sua materna, alguma competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas: fala, escrita, compreensão e leitura. Nessa perspectiva, não se faz elementar “controlar” as línguas perfeitamente, ao passo que deter competência em qualquer grau nas práticas de linguagem supracitadas é suficiente. Essa circunstância manifesta a possibilidade de os indivíduos se relacionarem com os idiomas em níveis variados, não sendo unicamente o de uma proficiência ampla.

No entremeio dessas concepções, situadas nas extremidades do fato de saber sublimemente uma língua e de saber uma língua em medida inexata, fazem-se presentes demais definições. De acordo com Titone (1972 *apud* Harmers e Blanc, 2000, p. 7, tradução nossa), por exemplo, o bilinguismo se trata da “[...] capacidade individual de falar uma segunda língua seguindo os conceitos e as estruturas desse idioma, ao invés de parafrasear a sua língua materna”¹. Sendo assim, para o estudioso, o falante deve ser capaz de proferir seus dizeres na língua estrangeira consoante a organização estrutural desse sistema linguístico, não incorporando saberes de sua língua primeira em sua produção discursiva.

Edwards (2006), por outro lado, menciona que todos os indivíduos são bilíngues, visto que eles sabem pelo menos algumas palavras de alguma língua estrangeira. Para o autor, tem-se, pois, uma questão de grau de conhecimento do falante nesse idioma. Já Saer (1924) compreende os falantes bilíngues como sendo a combinação de dois monolíngues em uma única pessoa, em virtude de suas competências linguísticas se apresentarem separadas. Para o estudioso, os bilíngues possuem uma proficiência em mesmo nível, tanto em sua língua materna (L1), quanto na segunda língua (L2)².

¹ Do original: “[...] the individual's capacity to speak a second language while following the concepts and structures of that language rather than paraphrasing his or her mother tongue”.

² No presente trabalho, a L1 é entendida como uma língua adquirida como materna, isto é, uma língua que é constitutiva do ser, do sujeito. Spinassé (2006) pontua que a L1 carrega um fator identitário, uma vez que o indivíduo se identifica, de alguma forma, com essa língua. Postula-se, ainda, que a L1 não compreende, impreterivelmente, uma única língua, havendo a possibilidade de um falante, neste caso bilíngue, possuir duas línguas maternas (duas L1). Já a L2 é entendida como a língua-outra, uma língua que não se configura como a L1 (língua materna). Tal como proposto por Spinassé (2006, p. 6), “uma segunda língua é uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização”. Além disso, menciona-se que a L2 não se desvela, necessariamente, a segunda língua aprendida, no que se refere à ordem de aquisição de uma língua. Sendo assim, uma L2 pode ser, por exemplo, a terceira, a quarta ou a quinta língua aprendida por um sujeito, contanto que não seja a primeira.

No entanto, contrapondo essa perspectiva, Bialystok (2010, p. 559, tradução nossa) aponta que

os processos cognitivos e linguísticos envolvidos na aquisição e no uso de dois idiomas são sistematicamente diferentes dos processos envolvidos no uso da linguagem monolíngue, levando a mudanças detectáveis nos resultados linguísticos e cognitivos para os bilíngues³.

Mediante a prerrogativa acima, verifica-se que, para a estudiosa, os falantes bilíngues não se apresentam como o arranjo de dois monolíngues, uma vez que os processos cognitivos envolvidos na dinâmica de aquisição de duas línguas culminam em aspectos díspares na esfera mental dos sujeitos que adquiriram um único idioma. Por esse pressuposto, a autora qualifica o bilinguismo como a capacidade do sujeito de falar duas ou mais línguas, tendo um certo grau de proficiência nesse idioma (Bialystok, 2001).

Além disso, outro estudioso cuja perspectiva contraria a de Saer (1924) é Grosjean (1982). O autor propõe que um sujeito bilíngue não se manifesta como a soma de dois monolíngues, mas como um “todo” integrado que não é passível de separação. Na perspectiva do estudioso, o falante bilíngue movimenta-se de acordo com as necessidades contextuais, com os propósitos da conversa e com os interlocutores. Dessa forma, verifica-se a noção de bilinguismo relacionada ao aspecto social, havendo a consideração dos fatores extrínsecos ao código linguístico para constituir sua definição.

Na mesma direção, Skutnabb-Kangas (1980 *apud* Pereira, 1999, p. 66) traz, ao conceito de bilinguismo, a exterioridade, apontando que “[...] um falante é bilíngue quando é capaz de funcionar em duas ou mais línguas, tanto em comunidades bilíngues como monolíngues, de acordo com as exigências socioculturais da competência comunicativa e cognitiva do indivíduo”. Posto isso, essa noção situa-se no limiar do aspecto social, cultural e cognitivo, elucidando o bilíngue como um sujeito capaz de se adaptar às demandas comunicativas do ato de fala.

Segundo Bassani (2015) a delimitação de um falante como bilíngue é variável, uma vez que é dependente dos critérios que se utiliza para classificá-lo ou não como tal. Assim, a definição de um sujeito como bilíngue é assujeitada aos contextos para avaliar essa condição. Além disso, a estudiosa propõe a

³ Do original: “The cognitive and linguistic processes involved in the acquisition and use of two languages are systematically different from those processes engaged in monolingual language use, leading to detectable changes in language and cognitive outcomes for bilinguals”.

possibilidade de se pensar em diferentes tipos de bilinguismo, revelando que há diferenciações entre os indivíduos bilíngues, não sendo todos idênticos.

Nessa orientação, Flory e Souza (2009) elencaram seis critérios para classificar o bilinguismo, cujas abordagens advêm de diferentes estudiosos, a fim de dar conta de questões linguísticas, sociais e intelectuais. Um dos critérios postulados pelas autoras, e em grande parte presente nos debates sobre o tema, trata-se da proficiência do sujeito nas duas línguas em questão, de modo que o falante possa ser: (a) bilíngue balanceado (tem competência semelhante no emprego de ambos os idiomas) e (b) bilíngue dominante (tem competência superior em uma das línguas).

O segundo critério considerado volta-se à idade de aquisição da segunda língua por parte do indivíduo, isto é, ao momento de sua vida no qual esse código foi aprendido. Tem-se, daí, duas classificações: aquisição precoce ou tardia. A primeira diz respeito ao processo de aquisição ocorrido ainda no período da infância, podendo ser simultânea (a aquisição de ambas as línguas se sucedeu conjuntamente) ou sequencial (uma língua foi adquirida somente após outra já ter sido aprendida). No que concerne à aquisição tardia da L2, tem-se um cenário de aquisição do idioma no período da adolescência ou da vida adulta⁴.

O terceiro critério proposto pelas autoras relaciona-se à esfera cognitiva, remetendo à organização dos códigos linguísticos na mente do falante. Daí, há três subdivisões: (a) bilinguismo composto (os dois sistemas linguísticos estão associados a uma mesma unidade de significado); (b) bilinguismo coordenado (cada um dos códigos organiza-se isoladamente em conjuntos de significado distintos; e (c) bilinguismo subordinado (a segunda língua é interpretada e estruturada tendo por base a primeira língua do indivíduo).

Ademais, um outro critério postulado por Flory e Souza (2009) refere-se ao *status* político-social de cada um dos idiomas, no interior das comunidades nas quais eles são empregados. Para essa conceituação, foi proposta a existência do

⁴ Vale constatar o desenvolvimento de um conceito linguístico, elaborado por Lenneberg (1967), cuja abordagem trata da incidência de um período propício e sensível para a aquisição de uma língua: o Período Crítico. Essa noção concerne a um período no qual há uma maturação linguística que facilita a assimilação de uma língua de forma natural, tendo um tempo pré-determinado: dos dois anos à puberdade. A hipótese que norteia esse conceito sugere que, após este intervalo de “auge” da aprendizagem, os sujeitos apresentam uma maior dificuldade de obtenção de sucesso na aquisição linguística. Sendo assim, a aquisição de uma língua na adolescência ou na vida adulta, por exemplo, poderia acarretar dificuldades de acesso à competência linguístico-cognitiva do sujeito. No entanto, menciona-se que no campo dos estudos linguísticos, tal noção suscita diferentes posicionamentos, de modo que os pesquisadores discordam acerca da existência ou não desse período atravessado pela máxima possibilidade de desenvolvimento linguístico.

bilinguismo de elite e do bilinguismo popular. O primeiro é relativo aos sujeitos que falam um idioma dominante em uma sociedade, além de usarem uma outra língua considerada prestigiada nesse mesmo contexto. Já o segundo bilinguismo se sucede em grupos linguísticos minoritários, nos quais o idioma empregado não detém uma valorização social ampla.

O quinto critério volta-se a uma dinâmica de manutenção ou não de sua língua materna ao estar imerso em um processo de aquisição da segunda língua. Há uma diferenciação entre (a) bilinguismo aditivo (a segunda língua é adquirida de modo a não causar prejuízos de proficiência à primeira) e (b) bilinguismo subtrativo (o processo de aquisição de um segundo código implica a perda de proficiência da língua materna). Um dos fatores que influencia o último caso de bilinguismo trata-se da não valorização, no contexto de inserção social do falante, de sua L1.

O último critério proposto diz respeito à identificação que o sujeito tem com as comunidades socioculturais que empregam as línguas. Dessa forma, a depender do tipo de relação interpessoal com os membros dessas coletividades, o indivíduo pode ou não querer ser reconhecido como pertencente a tais aglomerados sociais. Há, assim, uma subdivisão em quatro tipos de bilinguismo:

Bilinguismo Bicultural: o falante se identifica positivamente com os dois grupos de falantes e é reconhecido como membro de ambos. Bilinguismo Monocultural: o falante tem competência bilíngue, mas somente se identifica culturalmente com o grupo de sua língua materna. Bilinguismo Aculturado: o falante renuncia ou é obrigado a renunciar da identidade cultural do grupo de sua língua materna e adota a identidade cultural do grupo falante da segunda língua. Bilinguismo Deculturado: o falante renuncia da identidade cultural própria, mas não passa a adotar a identidade cultural do grupo falante da segunda língua (Flory e Souza, 2009, p. 33 *apud* Bassani, 2015, p. 14).

Diante das categorias de bilinguismo especificadas pelas estudiosas, verifica-se a possibilidade de um mesmo indivíduo estar classificado em mais de um critério, dado que eles se articulam. Outrossim, tal como propõem Figueroa e Valdés (1996), o bilinguismo aponta-se como um processo contínuo, à medida que o falante constantemente está em inter-relação com a sua língua materna, com a língua estrangeira e com os aspectos socioculturais envolvidos nessa dinâmica. Portanto, nesse contexto, ocorrem rupturas, movimentos e deslocamentos, de modo que o sujeito possa alterar seu tipo de bilinguismo – tomando por base os critérios de classificação propostos.

Dando continuidade ao que os estudos acerca do bilinguismo revelam, alguns estudiosos postulam a variabilidade inerente a esse fenômeno, indicando que ele pode se dar em diferentes graus de intensidade. Nessa perspectiva, Mackey (2005) assinala o fato de que um sujeito não necessariamente apresenta o mesmo nível de competência no emprego das diferentes línguas e, especificamente, no desempenho das habilidades linguísticas de compreensão, fala, leitura e escrita. Ademais, o autor propõe que no interior de cada uma dessas práticas, o indivíduo pode manifestar um domínio maior ou menor nos níveis fonológico-gráfico, gramatical, lexical e estilístico da linguagem (Mackey, 2005, *apud* Bassani, 2015, p. 16). À vista disso, o falante é passível de dominar e/ou apresentar uma maior facilidade para fazer a língua funcionar em quesitos linguísticos específicos, assim como apresentar dificuldades em “coordenar” outros.

Para Mackey (2000) o desempenho do indivíduo nas habilidades linguísticas e, precisamente, nos níveis linguísticos a elas intrínsecos, é decorrente da função que as línguas têm em sua vida. Isso significa que questões de ordem interna e externa ao idioma, relacionadas ao papel que tais códigos cumprem nos atos conversacionais, influencia o modo como o sujeito os emprega. No que se refere aos aspectos externos, o ambiente no qual a língua foi aprendida e/ou é utilizada denota sua funcionalidade. Tem-se, assim, algumas situacionalidades sociais que fomentam o bilinguismo: o emprego do idioma no domínio familiar, no comunitário, no escolar, no midiático e, por vezes, no laboral.

Com relação ao espaço familiar, o uso de duas línguas nesse ambiente é comum quando há a manutenção de um idioma, por parte dos pais, sendo este diferente da língua presente na comunidade de vivência. Ademais, em alguns casos, cada progenitor detém línguas maternas distintas, o que culmina em um contexto de contiguidade linguística. O bilinguismo pode se dar, também, na comunidade, quando essa se apresenta atravessada pelo uso contínuo de dois sistemas linguísticos. Na conjuntura comunitária, pautada pela subdivisão de diferentes aglomerados sociais, tem-se a possibilidade, por exemplo, do emprego de um idioma por uma parcela dos residentes do local; por um grupo étnico específico; por grupos que partilham de atividades sociais semelhantes etc.

No tocante ao fator midiático, a mídia pode veicular as informações através de uma língua específica, tendo o falante contato com a modalidade oral e escrita de um idioma secundário por meio de jornais, revistas, programas de televisão e de

rádio, artefatos culturais, entre outros. Já com relação ao espaço escolar, pode haver o emprego de uma língua como veículo de instrução, isto é, como forma por meio da qual há o ensino de todos os componentes curriculares. Nesse caso, os idiomas estrangeiros são ensinados como segunda língua. Além disso, há instituições de ensino bilíngues, cujas práticas pedagógicas se dão em duas línguas distintas.

Por fim, tem-se também o bilinguismo em espaços laborais, uma vez que, por vezes, o sujeito tem contato com uma língua estrangeira no trabalho, necessitando comunicar-se com indivíduos de outros países. Nesse cenário, a língua apresenta-se como um código de correspondência. Tratando-se do aspecto histórico, sobretudo em dinâmicas migratórias, pautadas pela partida de alguns sujeitos de uma região e pela permanência de outros nesse local, o contato familiar se deu, em grande parte, pela troca de correspondências. Portanto, muitos idiomas foram mantidos nos novos “destinos”, em virtude dessa necessidade comunicativa inter-parental.

Mackey (2000) propõe não só a influência de tais fatores externos, descritos acima, no bilinguismo, como também a atuação de questões internas que se apresentam responsáveis por delimitar certas funções da língua. Baseando-se nos pressupostos do estudioso, Bassani (2015) revela que tais fatores se relacionam a dois aspectos: usos internos da língua que não objetivam a comunicação externa e elementos que intervêm na aptidão do falante bilíngue.

No tocante ao primeiro ponto, os usos internos da língua tratam-se de situações de fala internalizada, dentre as quais se pode mencionar a realização de cálculos, de orações, de xingamentos, de anotações, entre outros. Majoritariamente, o idioma empregado nessas ações é a língua dominante do falante, não obstante isso não se apresente como uma regra. Já com relação ao segundo ponto, relativo às condições que influenciam a aptidão do falante bilíngue, tem-se os seguintes fatores: gênero, idade, inteligência, memória, atitude e motivação.

Mackey (2005) revela que o gênero do falante atua sobre o desenvolvimento da linguagem do sujeito e, por conseguinte, sobre seu bilinguismo. A idade, por sua vez, é também relevante, uma vez que o período de aquisição da linguagem – se na infância ou posteriormente – influencia a competência do bilíngue. No que concerne ao fator inteligência, o autor a compreende como a capacidade de raciocinar, bem como de deter conhecimentos gerais. Por isso, em um contexto de bilinguismo,

considera esse elemento importante, em decorrência de ele estar relacionado a um mecanismo de interpretação e, desse modo, favorecer a atribuição de sentido aos objetos simbólicos.

Já a memória relaciona-se à capacidade de aprender línguas, devido à sua influência no armazenamento da apreensão auditiva e da manutenção lexical. Com relação à atitude, a postura do falante bilíngue diante da língua e dos membros de uma comunidade que a utilizam atua sobre o comportamento linguístico do sujeito. Para Mackey (2005, *apud* Bassani, 2015, p. 22), “atitude é entendida no texto como a escolha do falante em usar ou não sua primeira ou segunda língua em determinado contexto ou ambiente”. Sendo assim, a escolha do indivíduo por um código ou por outro pode estar relacionada, dentre outras, a questões de ordem política, tratando-se do prestígio e do desprestígio social de certas línguas.

E, por fim, a motivação também interfere no processo de aquisição da linguagem. O fator que incita a aquisição de uma língua materna trata-se da necessidade de interação e comunicação interpessoal, sendo basilar para sua sobrevivência. No entanto, a aprendizagem de uma segunda língua, especialmente em ambientes “não-espontâneos” de interatividade, requer uma motivação maior do indivíduo para que o processo de aquisição desse código, de fato, se suceda.

Diante dos fatos mencionados, nota-se o caráter de variabilidade do bilinguismo, no sentido de que diversos coeficientes – de vieses linguísticos, sociais, culturais, cognitivos e identitários – atuam sobre a constituição do indivíduo bilíngue. Por muito tempo, principiando no século XIX, a crença vigente socialmente recaía no fato de tomar os bilíngues como cognitivamente inferiores aos monolíngues. Sendo assim, acreditava-se que ter conhecimentos acerca de uma língua para além da materna configurava prejuízos intelectuais aos seres humanos.

Baker (2006), ao analisar o curso histórico do bilinguismo, aponta que um dos pressupostos que norteavam a ideia de os falantes monolíngues se sobressaírem aos bilíngues voltava-se ao fato de que quanto maior a proficiência em uma L2, menor seria a proficiência em uma L1. Portanto, considerava-se que um conhecimento amplo em um idioma estrangeiro causava danos à relação do sujeito com sua língua materna, de modo a diminuir a quantidade de informações acessíveis ao indivíduo nesse código.

Pairava uma representação mental do cérebro dos indivíduos bilíngues, proposta por Cummins (1979), a qual propunha o Modelo de Proficiência Subjacente

Separada⁵. A ideia era de que a estrutura organizacional cerebral dos bilíngues comportava dois “balões”, cada qual configurando uma das línguas. Assim, ao estarem separados, os balões sugeriam uma independência linguística dos dois sistemas, de modo a não haver transferências de conhecimento de um ao outro. Anos depois, com o fomento de novos estudos apontando resultados díspares quanto à separação cognitivo-linguística, o estudioso desenvolveu o modelo alternativo para sua teoria: o Modelo de Proficiência Subjacente Comum⁶. Segundo essa nova perspectiva, Cummins (1981) evidenciava a separação das línguas através de um *iceberg*, o qual abrangia, na superfície, a separação das línguas e, na profundidade, a fusão dos dois idiomas. Discorrendo sobre a ideia do autor, Finger e Brentano (2018, p. 188) revelam que essa concepção considerava que “[...] as duas línguas do bilíngue operam através do mesmo sistema de processamento central, ou seja, os pensamentos que acompanham o falar, o ler, o escrever e o escutar vêm do mesmo mecanismo central”. Vale constatar que a proposição do novo modelo não findou o debate concernente à ordem funcional da cognição no bilinguismo.

O entendimento de que o bilinguismo traria um malefício à competência linguística dos sujeitos intensificava-se à proporção que se abordava o bilinguismo infantil. Devido a isso, na próxima subseção, serão abordadas as características e peculiaridades do bilinguismo infantil, de modo a desmistificar o pressuposto de que crianças que falam duas línguas apresentam desvantagens com relação aos que não o fazem. Assim, serão apresentadas as vantagens cognitivas e sociais que se interpõem no processo de aquisição de duas línguas por parte dos infantes.

2.1.1 Bilinguismo Infantil

No século XX, pairava uma crença entre os pesquisadores de que as crianças bilíngues apresentavam aptidões cognitivas abaixo das manifestadas pelas monolíngues, em virtude do seu desempenho em testes mentais. Uma das circunstâncias que contribuiu para essa ideia tratou-se da comparação estipulada entre o arcabouço lexical inerente ao monolinguismo e ao bilinguismo infantis. Segundo avaliações realizadas na época, as crianças bilíngues precoces, cujo processo de aquisição dupla da linguagem ocorreu cedo, apresentavam um

⁵ Do original: “Separate Underlying Proficiency Model” (SUP).

⁶ Do original: “Common Underlying Proficiency Model” (CUP).

conhecimento vocabular inferior em cada um dos idiomas que dominavam, se comparadas aos saberes que as crianças monolíngues detinham nessas línguas.

No entanto, de acordo com Marchman *et al.* (2010), a aparente diferença entre o repertório linguístico de cada um dos grupos de falantes se dissipa à medida que se considera o “vocabulário conceitual total” (VCT) das crianças nos dois idiomas. Esse conceito aborda o fato de as palavras equivalentes em ambos os códigos serem contabilizadas uma única vez. Sendo assim, tomando por base a soma dos vocábulos que o sujeito emprega em cada uma das línguas, desconsiderando-se a relação de sinonímia entre os sistemas, em um viés quantitativo, as crianças bilíngues e monolíngues detêm um conhecimento vocabular similar (Pearson, Fernández e Oller, 1993; Pearson e Fernández, 1994).

No tocante ao abandono incipiente da noção de bilinguismo como um elemento prejudicial ao fator cognitivo dos falantes, as pesquisas realizadas a partir da segunda metade do século XX demarcam uma nova era na investigação desse objeto de estudo. Liderados por Peal e Lambert (1962), as investigações passaram a apresentar um rigor metodológico maior do até então vigente, de modo a garantir uma confiabilidade mais ampla na condução de tais pesquisas científicas. O estudo pioneiro dos autores supracitados abrange uma investigação baseada em testes cognitivos, sucedida com 110 crianças com dez anos de idade, residentes em Montreal (Canadá). Os testes realizados apontaram que as crianças bilíngues apresentam um desempenho superior às monolíngues, contrapondo as pesquisas prévias nessa área de concentração. Buscou-se perceber em que medida a proficiência em um idioma favorece a obtenção de vantagens cognitivas por parte dos sujeitos bilíngues, tendo os resultados apontado que isso se sucede à proporção que o indivíduo progride a um bilinguismo balanceado. Esse, tal como indicado anteriormente, refere-se à competência semelhante que indivíduo bilíngue apresenta nas duas línguas.

A grande maioria dos estudos subsequentes ao de Peal e Lambert (1962) desenvolveram-se tendo como base crianças em processo de “aquisição bilíngue da primeira língua”⁷ (Meisel, 1989; De Houwer, 1990). Devido a isso, as pesquisas deram-se com informantes cujo nível de proficiência é alto, de forma que os resultados das investigações fossem relacionados a esse tipo de sujeito bilíngue, no

⁷ Do original: “Bilingual first language acquisition” (BFLA).

que se refere às vantagens cognitivas e sociais inerentes à dinâmica do bilinguismo. A forma como tais bebês bilíngues precoces simultâneos distinguem exatamente as duas línguas ainda é desconhecida, não obstante as evidências apontam que tal circunstância ocorre nos primeiros sete meses de vida do bebê (Bosch e Sebastián-Gallés, 1997; Sundra, Polka e Molnar, 2008, *apud* De Houwer, 2013, p. 1). Ainda assim, é conhecido o fato de que o aparato cognitivo dessas crianças é alterado mediante o processo de aquisição de duas línguas, culminando, assim, em mudanças no processamento linguístico dos bilíngues e monolíngues.

Nessa perspectiva, as investigações desenvolvidas nas últimas décadas, próprias do século XXI, indicam um desenvolvimento intelectual acentuado nas crianças bilíngues, denotando uma consciência metalinguística. King e Mackey (2007, p. 5, tradução nossa) revelam que

a maioria das vantagens cognitivas decorre da maior consciência metalinguística dos bilíngues, o que significa consciência da linguagem como um objeto ou sistema. As crianças bilíngues são mais sensíveis ao fato de que a linguagem é um sistema que pode ser analisado ou utilizado⁸.

Segundo o entendimento dos autores, a imersão da criança em um entremeio pautado pelo emprego de dois idiomas favorece a reflexão acerca da estrutura e das regras que regem o funcionamento dos sistemas linguísticos. Nesse sentido, o conhecimento de duas línguas fomenta uma percepção intuitiva de que a realidade é suscetível de ser apreendida e reconhecida de formas diferentes. E, nesse contexto, a linguagem, enquanto passível de uso, viabiliza a possibilidade dos diferentes modos de dizer, afinal um mesmo objeto simbólico pode, por exemplo, deter nomes variados – mediante sua inscrição em códigos díspares.

Além disso, outra vantagem cognitiva relacionada aos infantes bilíngues, frequentemente mencionada nos estudos realizados, volta-se ao desenvolvimento acentuado das funções executivas, confrontando seu progresso em crianças monolíngues. A literatura carece de um consenso no que se refere aos elementos composicionais de tais funções, havendo diferentes posicionamentos teóricos quanto a isso. Oates e Grayson (2006, *apud* Finger e Brentano, 2018, p. 194), definem as funções executivas como um grupo de funções mentais de alto nível que oportunizam ao indivíduo o planejamento de uma ação. Ademais, tais funções

⁸ Do original: “Most of the cognitive advantages stem from bilinguals’ greater metalinguistic awareness, which means awareness of language as an object or system. Bilingual children are more sensitive to the fact that language is a system that can be analyzed or played with”.

possibilitam a ação de iniciar e de manter uma conduta direcionada a determinado objetivo de forma organizada e consciente⁹. Sendo assim, as funções executivas comportam atos de planejar, de tomar decisões, de corrigir erros, de controlar sequências comportamentais, entre outros (Finger e Brentano, 2018, p. 194).

Segundo Diamond (2006), pode-se classificar os componentes intrínsecos às funções executivas em três categorias: controle inibitório, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva. O primeiro elemento trata-se de uma habilidade de inibir e ignorar estímulos impulsivos e distratores que afetam o curso de alguma ação, através da atenção seletiva e do raciocínio. A memória de trabalho configura a ação de reter informações, expandindo sua manutenção na mente para, quando necessário, valer-se dela. Já a flexibilidade cognitiva diz respeito a uma propensão para a maleabilidade cerebral, favorecendo a competência criativa dos indivíduos, na condição, por exemplo, de trocas de perspectiva e do mapeamento de respostas.

Para além das vantagens cognitivas relacionadas ao bilinguismo infantil, pesquisadores investigaram se essa condição favorece o desenvolvimento de competências não-linguísticas, ou seja, sociais. Segundo Bialystok e Werker (2018), as línguas oportunizam a codificação das nuances da realidade, influenciando a relação do sujeito com esse elemento, bem como a inter-relação dele com os outros indivíduos. Todavia, a possibilidade de apreensão do mundo ocorre de modos diferentes em cada idioma, fazendo com que a criança esteja submersa em um contexto de diversidade. Para as autoras, “[...] criança bilíngue adquire dois sistemas sonoros, dois conjuntos de regras para a ordem das palavras, dois léxicos e uma infinidade de outras diferenças na forma como seus dois idiomas codificam e representam o mundo”¹⁰ (Bialystok e Werker, 2018, p. 3, tradução nossa). Portanto, o bilinguismo propicia a internalização de dois sistemas linguísticos dessemelhantes, abarcando, não somente a apreensão de aspectos intralinguísticos, como também de fatores sociais relacionados ao emprego de determinada língua.

⁹ Oates e Grayson (2006, *apud* Finger e Brentano, 2018, p. 194) mencionam a existência de dois tipos de ações humanas. As primeiras tratam-se das ações habituais, as quais não exigem um esforço consciente, dado que envolvem respostas automáticas na realização de uma ação, tais como: dirigir por um trajeto conhecido, caminhar e tomar banho. Por outro lado, existem ações que exigem um controle cognitivo, isto é, demandam um esforço consciente, uma vez que envolvem planejamento e tomada de decisões para lidar com as situações. Nesse sentido, as funções executivas estariam relacionadas ao segundo tipo de ações, cuja abordagem exige um controle consciente de determinado comportamento.

¹⁰ Do original: “[...] the bilingual child acquires two sound systems, two sets of rules for word order, two lexicons, and the myriad other differences in the way their two languages encode and represent the world”.

Em um entendimento semelhante, King e Mackey (2007, p. 10, tradução nossa) apontam que as diferenças inerentes aos idiomas potencialmente configuram o modo de perceber o mundo, dado que “as línguas têm maneiras diferentes de categorizar e organizar informações por meio de suas gramáticas e vocabulários [...]”¹¹. Dessa forma, a singularidade própria de cada sistema confere a oportunidade de captação e de compreensão do mundo social, fazendo com que a experiência do bilinguismo lhe traga ganhos afetivos.

Outrossim, outro aspecto favorecido pelo bilinguismo é a ampliação da sensibilidade intercultural, em decorrência de a introdução do infante a uma nova língua o pôr, também, ao *ethos* cultural desse idioma. À vista disso, a criança se desloca por entre linhas socioculturais distintas, de modo que a interação com os valores próprios do multiculturalismo influencia a construção de sua identidade. Esse fator cultural influencia demasiadamente o processo de aquisição bilíngue da linguagem, dado que frequentemente o incentivo para que a criança se torne bilíngue advém dos interesses pessoais dos pais ou dos cuidadores desse indivíduo.

Segundo King e Mackey (2007), em famílias imersas em contextos marcados por uma língua de herança¹², torna-se comum a ideia de que a aprendizagem desse idioma favorece a manutenção de um vínculo social e cultural entre os integrantes de tal círculo familiar. Para os autores, “[...] as pesquisas apontam que quando as crianças aprendem um segundo idioma, é mais provável que tenham atitudes positivas em relação aos falantes desse idioma¹³ (King e Mackey, 2007, p. 8, tradução nossa). À vista disso, a aquisição de uma língua específica, ao envolver o sujeito em práticas de linguagem nesse idioma de herança, favorece não só a valorização dessa tradição, como também denota questões de ordem interpessoal. Trata-se de estipular conexões com o outro, fomentando um senso de pertencimento e de consolidação de laços de identidade em âmbito individual e coletivo.

¹¹ Do original: “Languages have different ways of categorizing and organizing information through their grammars and vocabularies [...]”.

¹² Uma língua de herança é um idioma que foi falado por gerações anteriores e que, em virtude de seu significado especial para a família, continua a ser mantido no contexto familiar ou, ainda, somente existindo através da memória – relacionada ao uso desse código por parte dos antepassados (KING e MACKAY, 2007, p. 11).

¹³ Do original: “[...] research tells us when children learn a second language they are more likely to have positive attitudes toward speakers of that language”.

Na presente seção buscou-se apontar a variabilidade própria do conceito de bilinguismo, de modo a desvelar as diferentes possibilidades de entendimento concernentes a essa condição. O falante bilíngue, ao estar imerso em um contexto permeado pelo emprego de duas línguas, mostra-se inserido em uma matriz atravessada por aspectos cognitivos, linguísticos, sociais, culturais e identitários. Ao colocar dois códigos distintos em funcionamento, o sujeito tem à sua disposição a possibilidade de se transportar nesse entremeio, elegendo a língua na qual irá proferir o seu dizer. Para tanto, o bilinguismo comporta a possibilidade de emprego de escolhas linguísticas, sendo essas relacionadas “[...] às especificidades do contexto sociolinguístico, incluindo a economia política em que os dois idiomas circulam, bem como as ideologias sobre o idioma e sua relação com a identidade individual e coletiva”¹⁴ (Jaffe, 2009, p. 119, tradução nossa).

Essa circunstância fomenta o emprego da alternância linguística, em inglês *code-switching* (CS), pautada pela mobilidade do indivíduo bilíngue por entre suas duas línguas. Nessa perspectiva, o presente trabalho entende um indivíduo bilíngue como aquele passível de se movimentar entre dois idiomas, mediante contextos sociolinguísticos específicos, havendo, nessa conjuntura, a possibilidade de uso da comutação de códigos. Para tanto, na próxima seção, buscar-se-á dissertar acerca desse fenômeno linguístico, elucidando como o *code-switching* se sucede e, por conseguinte, como se apresenta uma competência inerente ao falante bilíngue.

2.2 CODE-SWITCHING

As condutas linguísticas dos falantes bilíngues presumem a existência de competências sociocomunicativas inerentes à dominância de dois ou mais idiomas. O bilinguismo é pautado por especificidades no que concerne à construção de discursos, os quais abarcam significados cognitivo-sociais que diferem da significação dos enunciados construídos por indivíduos monolíngues. Nessa perspectiva, o *code-switching* revela-se como um comportamento próprio dos sujeitos bilíngues, enquanto fenômeno caracterizado pela alternância de códigos linguísticos, consoante o contexto situacional das atividades verbais.

¹⁴ Do original: “[...] the bilingual child acquires two sound systems, two sets of rules for word order, two lexicons, and the myriad other differences in the way their two languages encode and represent the world”.

O *code-switching* trata-se da utilização alternada de línguas em episódios de interação conversacional, através do processo de ativação/desativação dos idiomas. Sendo assim, implica a utilização de uma língua de base na qual os indivíduos em inter-relação se favorecem até o momento em que outro idioma se faz presente. Essa dinâmica envolve uma associação dialógica marcada por atribuições: a função do locutor/falante é evidenciar intenções, ao passo que a do interlocutor/ouvinte se volta à construção de inferências ao discurso que foi, previamente, a ele direcionado.

De acordo com Myers-Scotton (1993, p. 156, tradução nossa),

[...] a alternância é simultaneamente uma ferramenta e um índice. Para o falante, é uma ferramenta, um meio para fazer algo [...]. Para o ouvinte, é um índice, um símbolo das intenções do falante. Portanto, o *code-switching* é, ao mesmo tempo, um meio e uma mensagem¹⁵.

Torna-se evidente que a alternância linguística desempenha um papel duplo, à medida que exerce funcionalidades no que se refere aos participantes do processo interativo. Conforme postulado pela estudiosa, para o locutor, o *code-switching* manifesta-se como um recurso por meio do qual se elucida intencionalidades, a fim de obter objetivos comunicativos. Por outro lado, para o interlocutor, essa dinâmica declara-se como um indício das intenções subjacentes do falante, pondo-lhe diante da necessidade de decodificar a mensagem simbólica proferida. A alternância linguística é, portanto, carregada de camadas de significação, exigindo o envolvimento bilateral dos sujeitos discursivos para que a comunicação seja efetivada.

Diante disso, verifica-se que o fenômeno abrange questões de ordem cognitiva, informativa, social e contextual. Os participantes da atividade interativa se valem da troca linguística estrategicamente, de modo consciente ou inconsciente, fazendo com que a seleção de determinada língua não se dê de maneira arbitrária. A alternância de uma língua por outra obedece a restrições gramaticais e pragmáticas, o que elucida o reconhecimento, não somente das regras sintático-semânticas, como também das imposições circunstanciais do ato comunicativo. Portanto, o *code-switching* é empregado de forma criativa pelo locutor e pelos alocutários, no intuito de ampliar os sentidos dos enunciados.

¹⁵ Do original: “[...] switching as simultaneously a tool and an index. For the speaker, switching is a tool, a means of doing something [...]. For the listener, switching is an index, a symbol of the speaker’s intentions. Switching, therefore, is both a means and a message”.

O processo em enfoque, enquanto condição do falante bilíngue, é intrínseco às produções discursivas efetivadas mundo afora, abrangendo variadas comunidades e, por conseguinte, diferentes pares de idiomas. À vista disso, o *code-switching* apresenta-se como um válido objeto de estudo, dado que oportuniza a análise dos movimentos psicológicos e dos eventos sociais motivados pela alternância linguística.

Segundo Milroy e Muysken (1995, p. 4, tradução nossa),

as complexas interações resultantes do armazenamento e processamento simultâneo de várias línguas no cérebro humano revelam características gerais do processamento neurolinguístico e psicolinguístico. A mistura de sons e de padrões gramaticais de diferentes línguas no discurso bilíngue informa-nos sobre as características gerais da estrutura da língua¹⁶.

Mediante a prerrogativa acima, o processamento de diferentes códigos linguísticos evidencia aspectos funcionais da esfera cognitiva do ser humano, anunciando como se dá a organização neuro-psico-linguística bilíngue. Além disso, a utilização de diferentes idiomas, através da construção dos discursos dos falantes, possibilita a delimitação de atributos relativos à disposição, ordenação e estruturação das línguas usadas no processo interativo.

Nessa orientação, o bilinguismo manifesta particularidades, mostrando-se passível de ser analisado sob diferentes perspectivas. Os estudos acerca do *code-switching*, enquanto tópico de investigação, indicam a existência de pesquisas diversas, cujos pressupostos basilares, por vezes, se assemelham, se cruzam ou se distanciam. As hipóteses e teorias relacionadas ao tema fundamentam o fenômeno de maneira a focalizar aspectos a ele intrínsecos e extrínsecos, fazendo-se presentes abordagens psicolinguísticas, fonológicas, gramaticais e sociolinguísticas.

No que tange a uma abordagem histórica, os estudos que dizem respeito ao *code-switching* revelam uma trajetória marcada, inicialmente, por desprestígio. A Linguística, durante muito tempo, preocupou-se em examinar os processos linguísticos ocorridos em comunidades homogêneas, permeadas por falantes monolíngues. Posteriormente, houve uma “abertura” à análise da dinâmica discursiva instaurada em comunidades heterogêneas, as quais são marcadas pela ausência de uma uniformidade linguística, em virtude da coexistência de duas ou

¹⁶ Do original: “The complex interactions resulting from the storage and simultaneous processing of several languages in one human brain are revealing of general features of neurolinguistic and psycholinguistic processing. The mixing of sounds and of grammatical patterns of different languages in bilingual speech informs us about general features of language structure”.

mais variantes linguísticas em um mesmo aglomerado social. Para tanto, ao se atentar a tais grupos, os estudos da linguagem entenderam a comutação de códigos como uma carência de conhecimento sobre a estrutura das línguas e, destarte, sobre a adequação do uso de tais códigos.

A alternância linguística foi, assim, parcialmente invisibilizada, visto que os linguistas a consideravam um erro de desempenho. Weinreich (1953) divulgou que, durante o *code-switching*, as imposições lexicais dos idiomas são violadas, fazendo com que a distribuição dos vocábulos nos enunciados descumpra as regras das línguas em uso no discurso. Outrossim, Haugen (1950) expôs que, durante o ato comunicativo, os falantes utilizam somente uma língua e, ao alternarem seus dizeres a outro idioma, se valem desse último como um elemento de assistência para desenvolver sua fala. À vista disso, o estudioso reduziu a inter-relação das línguas a um procedimento de inserção de constituintes linguísticos “secundários” em um único código de comunicação utilizado ao longo da interação.

Nesse sentido, constata-se que a dinâmica do *code-switching* foi estigmatizada, deixando de ser marcada negativamente somente em 1972, através da proposição de ideias inovadoras por parte de John Gumperz e Dell Hymes. Os pressupostos dos sociolinguistas assinalaram uma transformação na concepção desse processo linguístico, uma vez que se distanciaram das noções vigentes até então. Gumperz (1982) definiu o *code-switching* como “a justaposição, dentro do mesmo fragmento de fala, de trechos pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes”¹⁷ (Gumperz, 1982, p. 59, tradução nossa).

Para o estudioso, a alternância linguística não se apresenta como uma deficiência de conhecimento das línguas e uma imprecisão no desempenho dos falantes, mas é vista como uma estratégia discursiva pautada pela intencionalidade de transmitir significados sociais e retóricos. Desse modo, o linguista não se atentou exclusivamente ao nível linguístico da comutação de códigos, e focalizou também as funções interativas. Houve uma transmutação do enfoque semântico ao pragmático, visto que Gumperz (1982) contemplou a influência das condições contextuais na motivação da alternância, tais quais o tópico, os participantes da conversa e seu cenário situacional.

¹⁷ Do original: “The juxtaposition within the same speech exchange of passages of speech belonging to two different grammatical systems or subsystems”.

Gumperz e Blom (1972) classificaram o fenômeno em dois grupos, *code-switching* situacional e *code-switching* metafórico, cujas definições englobam as esferas intra e extralinguísticas características de seus estudos. O *code-switching* situacional relaciona-se ao contexto de produção da alternância, englobando uma relação entre a língua e a situação social na qual ela é utilizada. Mediante as circunstâncias específicas da enunciação, as regras que a norteiam podem mudar, fazendo com que a interação seja redefinida e reorientada. Sendo assim, uma alteração na situação acarreta mudanças aos sujeitos do ato interativo, atuando sobre as atribuições e os benefícios dos participantes. As funções dos locutores e interlocutores são modificadas à medida que o código linguístico é alterado, dado que esse processo é suscetível à influência dos aspectos próprios do ambiente discursivo.

O *code-switching* metafórico, por sua vez, se relaciona a determinados tipos de tópicos presentes na conversa, que se vinculam à intencionalidade dos falantes. No tocante aos tipos de tópicos, verifica-se que diversas temáticas são passíveis de serem debatidas nos dois idiomas de interação; no entanto, a escolha de uma das variantes linguísticas indica a força ilocucionária contida no discurso. Posto isso, a seleção linguística aponta a existência de valores sociais intrínsecos às línguas, elucidando, através do viés sintático-semântico dos códigos, a presença de sentidos subjacentes.

Segundo Blom e Gumperz (1972, p. 425 *apud* Porto, 2007, p. 32),

o efeito semântico do *code-switching* metafórico depende da existência de relações regulares entre variáveis e situações sociais [...]. O contexto em que um de um grupo de alternativas é regularmente usado torna-se parte do seu significado, assim, quando esta forma é empregada em um contexto onde não seja normal, isto traz um pouco do sabor do ambiente original.

Nessa perspectiva, percebe-se o cunho estratégico inerente à escolha linguística dos falantes, de maneira que suas manobras discursivas contemplem o *locus* social e contextual da conversa. O *code-switching*, para tanto, informa e alerta os alocutários acerca dos símbolos identitários presentes na relação interativa, o que elucidada a condução de amplas significações no processo de comutação de códigos.

Le Page (1985), em seus estudos voltados a uma perspectiva sociopsicológica, também considera a relevância do “outro social” para a delimitação da escolha linguística. Para o estudioso, a seleção de idiomas evidencia-se como uma ação de resposta aos sujeitos participantes do discurso, sendo entendida na

qualidade de “atos de identidade” (Le Page e Tabouret-Keller, 1985). À vista disso, o linguista postula a ocorrência de uma negociação identitária durante a alternância linguística, confinando o significado do enunciado a essa “troca” interpessoal.

Ainda de acordo com essa perspectiva, Milroy e Muysken (1995) comentam que, segundo Le Page, “os falantes utilizam uma ou outra das escolhas de que dispõem para expressar aspectos de uma identidade social fluida à medida que se movem através de um espaço sociolinguístico multidimensional [...]”¹⁸ (Milroy e Muysken, 1995, p. 7, tradução nossa). Dessa forma, para o pesquisador, a conduta linguística, interligada a contextos socioculturais, sinaliza aspectos particulares dos indivíduos, enquanto seres individuais e coletivos.

Os estudos relativos ao *code-switching*, sobretudo motivados por Gumperz (1972), fomentaram o desenvolvimento de pesquisas subsequentes relativas ao fenômeno. Essa ampliação investigativa contribuiu para uma maior classificação do fenômeno, com base em critérios relativos ao seu funcionamento. Uma das classificações que enriqueceu o campo de estudos desse processo linguístico trata-se da ordenação proposta por Dabène e Moore (1995), os quais elencaram distintos tipos de *code-switching*: intra-sentencial, inter-sentencial e entre enunciados.

O *code-switching* intra-sentencial se dá no interior de uma mesma sentença, de maneira que os falantes alternam constituintes linguísticos dentro do próprio enunciado. Esse tipo de comutação torna-se suscetível de ser unitária (um único aspecto da sentença é alterado) ou segmental (elementos de ambas as línguas se alternam na sentença). Vale constatar, ainda, que a introdução do elemento do “novo” idioma pode se adaptar ou não à estrutura da língua de base, em termos de fonética, sintaxe e morfologia.

O *code-switching* intersentencial, por sua vez, ocorre entre sentenças, havendo frases produzidas em uma língua, seguidas de frases produzidas no outro idioma. Essa transgressão se sucede em turnos de conversação próximos, relacionados a um mesmo tópico temático. Já o *code-switching* entre enunciados volta-se à alternância linguística por meio da qual a língua de base é utilizada e, após um longo período, enunciados no outro código linguístico são incorporados no ato comunicativo. Para tanto, constata-se uma distância entre as primeiras

¹⁸ Do original: “Speakers use one or other of the choices available to them to express aspects of a fluid social identity as they move through a multidimensional sociolinguistic space [...]”.

sentenças proferidas em cada idioma, embora a comutação se dê no decorrer de um único diálogo interativo.

A repentina troca de uma língua a outra, ainda que ocorra nas três formas de *code-switching* acima mencionadas, insere-se em um contexto sequencial. A justaposição de idiomas é precedida por fatores primários que condicionam a alternância linguística, da mesma forma que essa é seguida de enunciações subsequentes resultantes da interpretação do discurso anterior. Por conseguinte, o processo de justaposição de línguas obedece a uma sequencialidade, pautada pela ordenação de eventos linguístico-sociais que delimitam o valor da comutação de códigos.

De acordo com Jacobson (1998, p. 1, *apud* Porto, 2006, p. 16),

a alternância entre códigos no discurso bilíngue é mais que um fenômeno randômico ocorrendo agora em uma língua e depois em outra, mas sim, um mecanismo estruturado de seleção de duas ou mais línguas na construção de sentenças.

Nesse sentido, a fim de discorrer acerca da matriz sequencial do fenômeno, a literatura debruça-se sobre teorias relativas à sequencialidade do *code-alteration*¹⁹. Dentre essas, destacam-se estudos voltados às funções pragmáticas desse processo, com o propósito de postular a análise de seu funcionalismo nas práticas comunicativas. Fishman (1971, p.41 *apud* Auer, 1995, p. 118) tratou das relações existentes entre a escolha linguística e determinados eventos dialógicos, revelando a possível ligação entre a seleção de uma variante linguística específica e certas atividades discursivas. Para o estudioso, investigar os atos nos quais os idiomas são utilizados seria o bastante para calcular a escolha da língua, de modo a prever a sequencialidade da alternância linguística.

No tocante a essa circunstância, Auer (1995) expõe um exemplo de diálogo presente nos estudos de Fishman (1971), no qual um chefe estava ditando uma carta, cuja abordagem tratava de negócios, à sua secretária. O idioma utilizado pelo homem foi o inglês. No entanto, em dado momento da conversa, o empregador

¹⁹ Segundo Auer (1995, p. 116), o *code-alteration* apresenta-se como um hiperônimo de *code-switching*, tratando-se da justaposição contígua de sistemas semióticos, de forma que os sujeitos envolvidos no discurso sejam passíveis de interpretar essa “combinação” de modo significativo. À vista disso, no presente trabalho, a noção de *code-alteration* como um elemento abrangente que engloba, dentre outros fenômenos, o hipônimo *code-switching*, será corroborada. Logo, as menções ao *code-alteration*, no que se refere à sua sequencialidade e, posteriormente, à análise de suas nuances pragmáticas, serão propostas como um reflexo de que tais características se estendem, igualmente, ao *code-switching*.

questionou o comparecimento da mulher a um desfile ocorrido em Porto Rico. A pergunta foi elaborada em espanhol, tendo, daí em diante, a conversa seguido nesse idioma, discutindo o assunto do evento artístico.

Mediante o exemplo mencionado, Auer (1995) revela a expectativa de Fishman (1971) para que tal situação fosse analisada por meio da provável ligação entre a utilização de uma variante linguística e determinados atos enunciados. No contexto do exemplo, o uso do inglês, ao abordar a temática relacionada aos negócios, estaria sendo empregado de maneira extremamente formal. Por outro lado, a utilização do espanhol, relativa a uma temática de interesse pessoal, revelaria a informalidade própria de tal idioma. No entanto, segundo Auer (1995), os enunciados não estão relacionados unicamente a um sistema linguístico, ainda que existam atividades regularmente realizadas em cada idioma. A tentativa empírica de vincular o uso de códigos a atos conversacionais possibilita apenas um cálculo probabilístico das escolhas linguísticas, fator que evidencia o *code-alteration* e, especificamente, o *code-switching*, como fenômenos criativos cujos fins não são passíveis de previsão.

Outra teoria inerente aos estudos pragmáticos desse processo examina o valor da justaposição de códigos linguísticos, no intuito de fazer surgir, dessa união, a significação do *code-alteration*. À vista disso, constata-se um distanciamento dos estudos de Fishman (1971), visto que não há a preocupação em associar a escolha linguística às atividades discursivas. Sendo assim, ao invés de observar a correlação entre os discursos proferidos em cada língua, deve-se verificar os discursos nos quais os falantes alternam de um idioma ao outro. Para isso, faz-se necessária uma análise sequencial da transgressão linguística, a fim de averiguar o processamento da alternância de línguas entre enunciados produzidos previamente.

Nessa perspectiva, no intuito de delimitar os atos nos quais os bilíngues alternam idiomas, alguns estudiosos elaboraram tipologias de *code-switching*, revelando sua comumente presença em: discurso reportado; mudança de participantes; comentários secundários; reiteraões; mudança no tipo de atividade; mudança de tópico; trocadilhos e jogo de línguas; atualizações e estrutura de tópico e/ou comentário (Auer *apud* Milroy e Muysken, 1995, p. 120). Segundo Auer (1995), essa lista manifesta-se questionável, visto que as categorias elencadas apresentam uma delimitação que carece de coerência. Isso se justifica pelo fato de a listagem embaraçar aspectos linguísticos díspares, tais quais estruturas de conversação,

formas e funções do *code-alteration*. Outrossim, o material não focaliza a direção da alternância linguística, de modo que a análise sequencial seja ignorada.

Nota-se, por meio das teorias explicitadas, um insucesso quanto à abordagem do funcionamento pragmático da comutação de sistemas linguísticos. Um dos fatores basilares para a apreensão do significado do fenômeno se volta à análise do contexto global no qual o discurso bilíngue se realiza. A contextualização desse processo linguístico abarca a interface sociocultural responsável por “acomodar” as atividades dos participantes da enunciação. Consoante Auer (1995), o contexto abrange uma série de elementos inerentes ao ato comunicativo, tais quais sua atmosfera de produção, sua temática e seu gênero do discurso. Além disso, é responsável por expor os papéis dos falantes, delimitar quem é o produtor, o receptor e o espectador das mensagens, bem como apontar a relação estipulada entre tais sujeitos e as informações transmitidas na conversa.

Desse modo, os aspectos próprios do contexto são essenciais para a demarcação da sequencialidade do *code-alteration*, uma vez que os estudos fundamentaram uma série de padrões de ocorrência da alternância linguística. Um dos padrões mais utilizados para discutir o fenômeno trata-se do *code-switching* conversacional, definido por Auer como “*code-switching* relacionado ao discurso”²⁰ (Auer *apud* Milroy e Muysken, 1995, p. 125, tradução nossa). Nesse padrão, a língua utilizada para a interação, enquanto língua de base, é comutada para outro idioma, em determinado momento da conversa. Esse novo sistema linguístico inserido no discurso, ao ser aceito pelo alocutário passa a vigorar de maneira que a língua utilizada primariamente não volte a ser empregada. Tal padrão fornece dados acerca da interação, estando relacionado a uma organização da conversação, que é motivada pela alteração do tópico da conversa, dos participantes e/ou do tipo de atividade.

Além do modelo mencionado, fazem-se presentes demais padrões sequenciais do *code-alteration*: a negociação linguística e a escolha linguística não-marcada. Com relação ao primeiro caso, verifica-se a existência de diálogos nos quais as línguas utilizadas pelos falantes divergem, instaurando um conflito no discurso. Essa situação é resultante de preferências linguísticas pessoais e, após

²⁰ Do original: “Discourse-related code-switching”.

turnos de recusa da seleção linguística do outro, se sucede o aceite²¹ pela escolha alheia, fazendo com que a interação prossiga em um dos idiomas.

No que tange ao segundo padrão, relativo à escolha linguística não-marcada²² os falantes alternam sistemas linguísticos de forma que seja inviável delimitar qual dos códigos em uso é a língua de base, visto que a seleção de códigos se dá de maneira aberta. Há a ocorrência de episódios cuja escolha linguística não-marcada se justifica pela indefinição de questões linguístico-sociais, o que torna necessário que os participantes discursivos encontrem uma língua em comum e, ao fazê-lo, clarifiquem aspectos da interação. Segundo Myers-Scotton (1993), em tais situações de indefinição circunstancial, o *code-switching* relaciona-se a um processo de negociação interpessoal, passando a definir os acontecimentos, ao invés de ser por eles determinado. Nessa perspectiva, as vantagens e desvantagens em que os indivíduos bilíngues se valem de determinado código linguístico são previamente consideradas, uma vez que a escolha linguística acarreta implicações para a conversação.

O cálculo dos possíveis efeitos das intercalações entre um par de línguas enfatiza a competência linguística do locutor e interlocutor, revelando o significado social inerente ao *code-switching*. A incidência desse fenômeno relaciona-se à possibilidade de evidenciar ideias que estão sendo expressas, a fim de construir sentidos ao que está em pauta na comunicação. À vista disso, consentir com a escolha da língua não impossibilita a utilização da alternância linguística para propósitos relacionados ao discurso. Mesmo que a escolha linguística não seja marcada, a comutação de códigos não se dá de maneira aleatória, uma vez que os sujeitos participantes da enunciação se valem do *code-switching* para organizar o ato comunicativo.

Os dois padrões de alternância de códigos acima descritos não têm sido usualmente analisados no interior de abordagens sequenciais, tal como se dá com

²¹ Segundo Auler (1993, p. 93), o aceite ao idioma do outro realiza-se com mais frequência em situações nas quais há uma “ligação” entre os dizeres dos falantes. Sendo assim, existe uma tendência para a acomodação à língua do coparticipante discursivo em turnos em que há uma coesão com algo que foi dito previamente, tal como nos casos de reformulações e reparações.

²² De acordo com Myers-Scotton (1993), a escolha linguística não-marcada volta-se à utilização convencional e “naturalmente” prevista em determinada situação comunicativa. Essa escolha segue as convenções e as expectativas linguísticas instauradas no contexto discursivo. Nesse viés, a escolha linguística marcada, por sua vez, trata-se de um uso linguístico inesperado no discurso, de modo que haja um “desvio” da convencionalidade e, por conseguinte, a enunciação ganhe destaque.

relação ao *code-switching* conversacional. Isso se justifica pelo fato de diversos linguistas terem apontado sua incidência como algo estabelecido por fatores cognitivos e por macroestruturas sociais. No entanto, para Auer (1995), ainda que aspectos psicológicos, socioculturais ou políticos tenham motivado a negociação linguística e a escolha linguística não-marcada, tais questões se mostram explícitas na sequência discursiva e, portanto, se tornam suscetíveis de serem analisadas dentro de uma tendência conversacional e sequencial. Daí, postula-se a relevância desse tipo de abordagem para a atribuição da significação do *code-switching*, visto que ela oportuniza a investigação da disposição dos turnos linguísticos e de suas simbioses.

Diante dos fatos mencionados, observa-se a incidência natural do *code-switching* nos discursos dos sujeitos bilíngues, enquanto habilidade social, linguística e comunicativa dos falantes/ouvintes. Tais aspectos dizem respeito à competência cognitivo-social dos indivíduos que, mediante o contexto situacional e a identidade do interlocutor, imprimem estratégias de ampliação da significação de seus dizeres. A aptidão para o desenvolvimento dessas atividades linguísticas é amadurecida ainda na infância, de modo que o viés estratégico da alternância linguística permeia o discurso não só de adultos, como também de crianças.

Nessa perspectiva, o processo de uso do *code-switching* na fala infantil também não se dá de forma randômica, dado que os infantes apreendem aspectos do contexto sociolinguístico, alternando entre línguas mediante a situacionalidade da interlocução. Na próxima subseção buscar-se-á desvelar algumas características e peculiaridades da comutação de códigos empregada por crianças bilíngues, no sentido de apontar sua apreensão das nuances da realidade linguístico-social. Além disso, será evidenciado que o *code-switching* infantil segue restrições sintáticas e pragmáticas – assim como o dos adultos bilíngues o faz.

2.2.1 *Code-switching* na fala infantil

A alternância linguística, inerente ao falante bilíngue, mostra-se presente não somente na fala de jovens, adultos e idosos, como também na fala de crianças que têm conhecimento acerca de duas ou mais línguas. À vista disso, as características do *code-switching* descritas anteriormente se estendem à comutação

de códigos infantil, uma vez que esse fenômeno é empregado pelos infantes no intuito de obter encadeamentos sociais e ampliar a significação de seus dizeres.

A crença popular, por muito tempo, recaiu no fato de considerar um discurso infantil, contendo elementos de duas línguas, como um equívoco, no sentido de tomar essa atitude como a falta de diferenciação entre os dois sistemas linguísticos do bilíngue. Sendo assim, propunha-se que a criança justapunha expressões e vocábulos de dois códigos distintos por não ter consciência sobre a aquisição das duas línguas e, por conseguinte, não realizar a sua separação cognitiva.

Contudo, segundo King e Mackey (2007), as crianças aparentam desenvolver dois sistemas distintos muito cedo, não se revelando confusas quanto aos códigos, de forma a aprender as regras de uso da linguagem precocemente. Tal processamento linguístico inicia-se já no estágio de balbucio, antes da dinâmica da pronúncia das palavras. Para as autoras, “quando as crianças estão no ponto de dizer palavras e frases, elas também estão aprendendo quando é correto usar qual idioma com quem e quando é correto alternar entre os dois e usá-los juntos²³ (King e Mackey (2007, p. 190, tradução nossa). Sendo assim, verifica-se uma consciência por parte do sujeito acerca da adequação do uso da língua e do processo de alternância entre os seus dois códigos de conhecimento.

Lanza (1992) realizou um estudo acerca do desenvolvimento linguístico de uma criança, Siri, pertencente a uma família norueguesa-americana que reside na Noruega. No círculo familiar, a mãe era americana e o pai norueguês; não obstante, ambos eram bilíngues, sendo a Língua Inglesa predominante na relação interpessoal do casal. Na interação com a filha, permeava o plano de cada um dos familiares interagir com a menina somente nas línguas equivalentes à sua nacionalidade. As gravações coletadas para a pesquisa deram-se no decorrer de sete meses, tendo iniciado quando a criança tinha dois anos.

Os dados apontam que a menina tinha consciência do idioma que deveria ser utilizado com cada interlocutor, tendo Lanza (1992, p. 644, tradução nossa) pontuado que “nas conversas com ambos os pais, a Siri basicamente alternava

²³ Do original: “When children are at the point of saying words and phrases, they are also learning when it is okay to use which language with whom and when it is okay to alternate back and forth and use the two together”.

entre os idiomas para singularizar um destinatário específico [...]”²⁴. A estudiosa justifica esse fato mencionando que, aparentemente, os padrões de interação sociais da menina com cada um dos pais foi distinto. Para tanto, a criança apreendeu essa negociação, passando a empregar a alternância linguística para endereçar cada participante particularmente.

Corroborando esse fato, McClure (1981) revela que a comutação de códigos infantil é motivada, sobretudo, pelo interlocutor, de modo que o ambiente da interação e o tópico da conversa tenham papéis secundários nesse processo. Para King e Mackey (2007), a dinâmica do *code-switching* é assimilada pelos infantes de forma autônoma, não sendo necessário que ninguém lhes ensine acerca do funcionamento social da linguagem. A compreensão desse processo advém da observação e da participação em interlocuções nas quais as crianças se fazem presentes, identificando, assim, o “qual”, o “como” e o “com quem” uma língua deve ser empregada.

Outrossim, as autoras propõem que o entendimento relativo às regras do uso da linguagem é oriundo, também, de como as línguas são empregadas e utilizadas conjuntamente na comunidade de inserção. Na mesma direção, Comeau, Genesse e Lapaquette (2003) pontuam que a comutação de códigos é passível de ser motivada quando esse fenômeno ocorre com frequência nas comunidades linguísticas das crianças. Sendo assim, elas imprimem, em seu dizer, uma atitude perceptível em sua realidade social. Afinal, reitera-se que a prática de introdução de elementos de uma língua no interior da outra em uma mesma conversa é parte integrante de ser bilíngue e de interagir com outros falantes bilíngues (Poplack, 1980).

Uma particularidade própria do *code-switching* trata-se de sua obediência a restrições gramaticais e pragmáticas. Tais restrições dizem respeito a dois aspectos: a observância aos limites morfossintáticos impostos pelas línguas em uso, e a adequação da alternância conforme os fatores situacionais do ato interativo. Nesse sentido, a alternância linguística é governada por essas condições, impedindo a livre justaposição de constituintes linguísticos de dois sistemas diferentes em um mesmo discurso.

²⁴ Do original: “In conversations with both parents, Siri would essentially switch back and forth between languages in order to single out a particular addressee or to gain one or her parents' attention”.

O cumprimento dessas regras, provenientes do contexto linguístico-social, pode ser percebido já nos enunciados dos infantes, ainda que o campo linguístico careça de estudos aprofundados que se atentem à análise da aquisição de tais restrições. Para tanto, não é inteiramente conhecido em que momento e de que maneira se dá a dinâmica na qual o indivíduo passa a ter consciência da existência de imposições de ordem intra e extralinguística que permeiam sua produção discursiva. As pesquisas norteadoras dessa temática valem-se de estudos de caso realizados com crianças expostas a dois idiomas antes dos três anos de idade, num processo de aquisição bilíngue de primeira língua (BFLA)²⁵ (Köppe e Meisel, 1995, p. 276).

A violação, por parte das crianças, das regras gramaticais e pragmáticas estabelecidas pela comunidade bilíngue de inserção denomina-se *code-mixing*²⁶ (Köppe e Meisel, 1995, p. 277). A análise desse fenômeno torna-se fundamental para a investigação do *code-switching* infantil, uma vez que os estudos da área pontuam a alternância linguística das crianças sob uma perspectiva de “mistura linguística”. Segundo esse pressuposto, para que se considere a alternância de uma criança como *code-switching*, o infante deve ter passado por um processo de transição: iniciando na mistura linguística (pautada pela não aquisição das regras gramaticais e sociais), desemboca-se no *code-switching* (marcado pela aquisição das regras gramaticais e sociais).

Nessa orientação, a mistura linguística, tão presente no contato bilíngue infantil, mostra-se pautada pela combinação de elementos dos dois idiomas em uso. Para Vihman (1985), o discurso misto das crianças e dos adultos apresenta uma diferença qualitativa, no sentido de que o “padrão” da troca de códigos do infante não alcança o de sujeitos mais experientes. Para o autor, a mistura de itens isolados trata-se da utilização de “palavras funcionais”²⁷. Essas, configuram-se como

²⁵ Ver nota de rodapé 6.

²⁶ Consoante Scotton (1993), a diferenciação entre *code-mixing* e *code-switching* apresenta-se como uma adversidade nos estudos da linguagem, uma vez que não há um consenso entre os linguistas quanto à definição de tais termos. Para a autora, a abordagem de alguns estudiosos considera o *code-mixing* como a alternância linguística no nível intra-sentencial, ao passo que as alternâncias entre enunciados tratam-se do *code-switching*. No entanto, no presente trabalho, essa perspectiva não será considerada, devido à filiação à classificação de *code-switching* proposta por Dabène e Moore (1995). Nesse sentido, a noção de *code-mixing* aqui empregada será respaldada na proposta de Auer (1999, p. 329). De acordo com o autor, o *code-mixing* volta-se a um discurso bilíngue no qual a justaposição de duas línguas não apresenta uma função pragmático-estilística, além de sua estrutura gramatical não estar, ainda, sedimentada e consolidada.

²⁷ Do original: “function words”.

morfemas que tratam de funções gramaticais, tais como as preposições, os pronomes e os determinantes²⁸; cujas características específicas diferem de acordo com os idiomas.

A partir de pesquisas realizadas com diferentes crianças, percebeu-se que, gradualmente, a utilização das “palavras funcionais” foi diminuída, tendo as trocas lexicais sido reduzidas, sobretudo, a substantivos. O decurso dessa redução deu-se à medida que as restrições gramaticais foram sendo assimiladas pelos indivíduos, fator que evidencia a inter-relação entre as mudanças nas especificidades do discurso e o desenvolvimento gramatical infantil. Outrossim, os estudos de Vihman (1985) apontaram que, após a plena aquisição das restrições gramaticais, o descumprimento de tais regras dificilmente fez-se presente nas enunciações das crianças. Nos episódios nos quais as violações ocorreram, provavelmente as normas sintáticas deixaram de ser cumpridas devido a um erro de desempenho linguístico, não se tratando de uma carência de conhecimento no nível da competência do indivíduo.

Ainda assim, Vihman (1985) compreende o uso das “palavras funcionais” como um fator negativo, dado que sua utilização indica a falta de consciência linguística da criança acerca de seu bilinguismo. Contrapondo o autor, Lanza (1992) postula que o emprego de tais constituintes pode, simplesmente, estar relacionado a um cenário de contato linguístico, evidente também no *code-switching* de adultos.

A estudiosa se apoia na ideia de Meisel (1994), a qual aborda que a fim de investigar o processo de incorporação das restrições gramaticais, é necessário valer-se dos conhecimentos da criança em ambos os idiomas utilizados durante a conversação, isto é, de como ocorre o processamento dos idiomas. De acordo com Köppe e Meisel (1995), a criança não tem acesso a categorias funcionais inicialmente e é após o acesso a tais categorias que os infantes passarão a observar as restrições gramaticais do *code-switching*. Portanto, o desenvolvimento das categorias funcionais precede a aquisição das normas gramaticais. Sendo assim, tais regras são respeitadas, uma vez que os aspectos sintáticos da conversa passam a nortear o *code-switching*.

Com relação às restrições pragmáticas, constatou-se que a obediência a essas ordens se relaciona à compreensão das funções do *code-switching*, através

²⁸ As palavras funcionais contrapõem as palavras que carregam conteúdo lexical (*content words*), tais como os substantivos, os verbos ou os adjetivos.

do entendimento das atribuições da alternância linguística no contexto discursivo. Diante disso, o principal tipo de comutação que se faz presente na infância baseia-se na escolha linguística consoante o contexto, o tópico e/ou o interlocutor. Esse último aspecto atua de maneira demasiadamente influente na seleção linguística infantil, uma vez que a língua utilizada pelo alocutário, seja ele monolíngue ou bilíngue, delimita o idioma a ser escolhido pela criança. Segundo Köppe e Meisel (1995), estudos indicam que, a partir dos dois anos, os sujeitos alternam códigos linguísticos de forma apropriada, apoiando-se no aspecto identitário do receptor de sua mensagem.

Além da alternância linguística baseada na escolha do idioma em função de fatores situacionais, há a incidência de comutação de códigos no intuito de transmitir informações singulares e sociais. O uso do *code-switching*, nesse caso, realiza-se obrigatoriamente na relação entre falantes bilíngues, fazendo com que a preferência por uma língua se dê de maneira marcada. Para tanto, as crianças se valem da funcionalidade pragmática do fenômeno para exprimir comentários metalinguísticos e solicitar traduções, para divertir o interlocutor, para excluir algum participante da conversa ou para construir dizeres em situações de “faz de conta” e dramatizações.

No que se refere ao último aspecto, Saunders (1988, p. 70, tradução nossa) menciona que

em jogos solitários em que as crianças interpretam papéis de pessoas reais ou imaginárias, elas assumem a linguagem da pessoa cujo papel estão desempenhando [...]. O processo envolvido é praticamente o mesmo nos jogos jogados por crianças monolíngues, onde cada personagem imaginário recebe um tom de voz, sotaque, etc., apropriados. Uma criança bilíngue simplesmente estende isso para fazer com que os personagens falem mais de um idioma²⁹.

Mediante o exposto acima, verifica-se que, em brincadeiras nas quais as crianças estão atuando sozinhas, elas tomam para si a construção linguística dos personagens que estão interpretando. Essa expressão linguística, por sua vez, é pautada pela utilização dos idiomas de domínio da criança, o que evidencia a exploração da diversidade linguística do próprio falante. Como exemplo, Saunders (1988) expõe uma situação de um menino de 7 anos e 5 meses que estava se

²⁹ Do original: “In solitary games where the children act out the parts of actual or made-up people, they assume the language of the person whose role they are playing [...]. The process involved is practically the same as in games played by monolingual children where each imaginary character is given an appropriate tone of voice, accent, etc. A bilingual child simply extends this to have characters speaking more than one language”.

divertindo com um conjunto de soldados de brinquedo, compostos por tropas americanas, australianas, alemãs e japonesas. No decorrer do jogo, o garoto atribuiu a cada grupo de soldados uma linguagem e/ou um sotaque correspondente à sua nacionalidade, tendo criado, inclusive, um fragmento de fala em japonês inventado.

Daí, nota-se a habilidade adaptativa e criativa das crianças com relação à utilização da linguagem, bem como sua capacidade de mergulho em diferentes identidades linguísticas, ainda que fantasiadas. Lanza (1992, p. 655, tradução nossa) revela que “à medida que a criança amadurece, ela poderá recorrer a estratégias de *code-switching* mais sofisticadas em uma demonstração de identidade bilíngue”³⁰. Nessa perspectiva, ao compreender um fim comunicativo de construção de sentidos, a alternância linguística não se dá de forma aleatória, estando relacionada a estratégias discursivas do falante.

Buscou-se evidenciar, na presente subseção, a possibilidade de as crianças empregarem o *code-switching* mediante o contexto sociolinguístico da conversa, de modo que as restrições gramaticais e pragmáticas da situacionalidade dialógica sejam obedecidas. Além disso, pontua-se o quanto a socialização da linguagem infantil ocorre como parte da história das interações que compõem sua vida cotidiana (Gumperz, 1986). Para tanto, o *code-switching* aborda intenções e inferências, advindas da relação interpessoal entre os sujeitos implicados na interação, o que oportuniza a construção de sentidos subjacentes nesse entremeio.

Desse modo, significados sociais são negociados, à medida que o emprego de diferentes línguas é marcado por questões de ordem identitária. A seleção de um código em detrimento do outro sinaliza as nuances da identidade do locutor e do interlocutor, transparecendo o intercâmbio de particularidades de tais falantes e ouvintes, em âmbito individual e coletivo. Essa inter-relação é carregada de um amplo simbolismo, o qual se declara intrínseco aos vínculos linguísticos e socioculturais, conforme será postulado na próxima seção.

2.3 IDENTIDADE E *CODE-SWITCHING*

A identidade apresenta-se como uma construção subjetiva particular, mostrando-se intrínseca ao ser humano e sendo moldada por fatores de ordem

³⁰ Do original: “As the child matures, he or she will be able to resort to more sophisticated code-switching strategies in a display of bilingual identity”.

biológica, cognitiva, sociocultural, política e linguística. Os traços identitários definem-se nas nuances das relações intra e interpessoais, revelando a identidade como um conceito mutável, dado que, no vínculo estipulado com o mundo, ela modifica-se e transmuta-se constantemente. Nessa perspectiva, esse aspecto é pautado por um conjunto de características, relacionando-se estreitamente a ideias de pertencimento, aceitação e distanciamento, instauradas na relação entre o “eu” e o “outro”.

Segundo Silva (2000, p. 74), em uma definição primária, poder-se-ia dizer que “a identidade é simplesmente aquilo que se é”. Essa conceituação considera tal elemento como um aspecto autônomo, cuja existência é auto-contida e autossuficiente. Nesse viés, afirmar a identidade é o bastante, dado que há uma imanência na enunciação de “eu sou isso”. No entanto, de acordo com o estudioso, a declaração da identidade não se esgota em si mesma, uma vez que a necessidade de a afirmar é advinda da existência de uma alteridade: é preciso instituir o que sou, pois há outros que não são como eu.

Para tanto, a identidade viabiliza o conceito de diferença, sendo ambas intimamente interdependentes. As noções de identidade e diferença relacionam-se em uma “cadeia de ‘negações’, de expressões negativas de identidade, de diferenças” (Silva, 2000, p. 75). Nessa direção, as afirmações sobre identidade e diferença carregam informações ocultas uma da outra, visto que, na afirmação de uma ou de outra, pode-se, também, ler negativas a elas inerentes. Afirmar o que me constitui envolve negar todas as outras coisas que não o fazem e, simultaneamente, afirmar a diferença. Do mesmo modo, afirmar a diferença pressupõe afirmar a identidade e, concomitantemente, negar outras identidades.

Para Derrida (1991, *apud* Silva, 2000, p. 79),

o signo carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é³¹, ou seja, precisamente da diferença. Isso significa que nenhum signo pode ser simplesmente reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade. [...] A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença).

³¹ Essa ideia relaciona-se a um princípio de Saussure (2006 [1916]), referente à relação entre os signos linguísticos. Segundo o estudioso, um signo é definido através do que ele não é, ou seja, através da sua diferença no vínculo com os outros signos. Daí, verifica-se o viés relacional entre os signos, dado que o seu valor não é atribuído de maneira isolada, mas sim, em uma cadeia na qual se fazem presentes marcas de diferença com os demais signos.

Mediante a prerrogativa acima, constata-se a indissociabilidade da identidade e da diferença, em virtude de tais elementos serem determinados de forma mútua. A identidade guarda não somente o caráter do idêntico, como também os prismas da diferença e da condição do que é distinto. Sendo assim, esses componentes estão postos em uma mesma matriz, sendo estabelecidos de maneira recíproca: um implica a produção do outro.

Utiliza-se, aqui, o termo “produção” à medida que, para Silva (2000), a identidade e a diferença são criadas e produzidas linguisticamente, através de atos de linguagem. À vista disso, elas não existem simplesmente como aspectos naturais no mundo, como “corporações” preexistentes, sendo decorrentes de uma dinâmica discursiva que engloba elementos sociais e culturais, e que se faz presente na inter-relação entre os sujeitos.

Essa visão é corroborada com as concepções de Thornborrow (2004), cujos estudos revelam o uso da linguagem como uma das maneiras fundamentais de constituir e de estabelecer identidades individuais e sociais. Segundo a estudiosa, uma maneira elementar de afirmar a identidade, através da língua, trata-se da nomeação dos indivíduos, isto é, do ato de nomear ou ser nomeado. Para a autora, “nós somos distinguidos dos outros membros de um grupo através do nosso nome, o qual nos destaca como indivíduos, como alguém diferente dos outros”³² (Thornborrow, 2004, p. 160, tradução nossa). Posto isso, na cadeia interativa existente entre os grupos sociais, o nome volta-se à declaração da particularidade e, ao mesmo tempo, ao manifesto da diferenciação.

A forma como os outros se referem a nós e a maneira como nós nos dirigimos a eles imprime uma significância essencial para a identidade, em âmbito pessoal e coletivo. Esse sistema de endereçamento próprio da língua revela uma gama de informações concernentes ao indivíduo, especialmente relativas aos modos de se situar com relação aos outros. Dessa forma, a utilização da língua direciona os sujeitos no interior das redes de relacionamento, sendo responsável por produzir, segundo Thornborrow (2004), intimidade, distância, solidariedade, diferença, condescendência ou insulto.

Tais atitudes impressas na interação entre os alocutários são provenientes da negociação identitária que permeia os atos comunicativos. À vista disso,

³² Do original: “We are distinguished from other members of a group by our name, which sets us apart as an individual, as different from others”.

constata-se que essas atitudes estão conectadas não somente à identidade individual, em um nível introspectivo, como também à social, relacionada ao pertencimento a grupos específicos. Esse caráter de pertença aos grupos elucida a prévia delimitação de seus membros, postulando a demarcação de fronteiras internas e externas a tais aglomerados.

Para Stets e Burke (2000, p. 225, tradução nossa),

um grupo social é um conjunto de indivíduos que têm uma identificação social comum ou se consideram membros da mesma categoria social. Por meio de um processo de comparação social, as pessoas que são semelhantes ao eu são categorizadas com o eu e são rotuladas como grupo interno; as pessoas que diferem do eu são categorizadas como grupo externo³³.

Daí, nota-se que o rótulo de pertencimento é oriundo de uma identificação social dos próprios integrantes, por meio do reconhecimento de semelhanças e similaridades ou, por outro lado, de disparidades e distinções a eles características. Assim, a definição de quem integra ou não as comunidades sociais é relacionada a uma dinâmica comparativa entre o “eu” e o “outro”, na qual se analisa as possíveis compatibilidades e incompatibilidades nessa inter-relação³⁴.

Atentando-se ao viés linguístico, as condutas discursivas dos sujeitos manifestam-se como um atributo que enfatiza as linhas que determinam o ato de pertencer ou não aos grupos. De acordo com Myerhoff (2006, *apud* Wu, 2021, p. 94, tradução nossa), “o papel da linguagem nesse processo ocorre quando a língua é utilizada como um símbolo potente de identidade para testar ou manter os limites

³³ Do original: “A social group is a set of individuals who hold a common social identification or view themselves as members of the same social category. Through a social comparison process, persons who are similar to the self are categorized with the self and are labeled the in-group; persons who differ from the self are categorized as the outgroup”.

³⁴ As relações entre os grupos internos e externos, ao estarem assentadas em uma matriz identitária, por vezes, são marcadas por relações de poder. Sendo assim, instauram-se hierarquias sociais, culturais e linguísticas, nas quais se fazem presentes distinções entre os privilegiados e os marginalizados. Tais posições atribuem marcações positivas e negativas a grupos específicos, de modo que alguns sejam tidos como corretos e prestigiosos, ao passo que outros são tomados como errantes e desprestigiados. De acordo com Silva (2000, p. 82), “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”. [...] Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’”. Diante disso, constata-se que a produção da identidade e, concomitantemente da diferença, não são atravessadas por inocência e ingenuidade. De modo contrário, tais elementos carregam nuances do controle exercido por determinados grupos sobre outros, estando relacionados à imposição de discursos dominantes e autoritários. As estruturas de poder inerentes à identidade revelam-na como um aspecto extremamente marcado por hegemonias identitárias, políticas, socioculturais e ideológicas.

intergrupais”³⁵. Diante dessa perspectiva, deve-se considerar que os grupos são frequentemente marcados por uma série de convenções linguísticas próprias, as quais declaram regras e as normas partilhadas pelos falantes a fim de que suas mensagens sejam emitidas e compreendidas integralmente. Portanto, a identificação com uma comunidade particular implica, comumente, a adoção das convenções do grupo, de maneira que haja uma adaptação e uma acomodação às formas linguísticas utilizadas nesse entremeio.

Posto isso, a forma de uso da linguagem, ao delimitar o comportamento linguístico, sinaliza a intencionalidade dos sujeitos: integrar-se em uma nova comunidade ou distanciar-se dela. Para Thornborrow (2004), a utilização apropriada dos termos linguísticos, em consonância com as normas de determinado grupo, oportuniza não somente o pertencimento a esse aglomerado social como também influencia a posição a ser ocupada nessa esfera. No entanto, essa posição, que diz respeito à disposição do falante em nível central ou periférico, não é unicamente resultante da adesão às normas do grupo, advindas do âmbito individual, sendo igualmente delimitada pela percepção do outro com relação ao sujeito.

Consoante a estudiosa, “na verdade, seria difícil conceber a identidade como uma questão puramente individual. Sua percepção de si mesmo como indivíduo só pode existir em relação aos outros e ao seu *status* dentro de um grupo social”³⁶. (Thornborrow, 2004, p. 165, tradução nossa). Essa perspectiva propõe que a percepção do sujeito acerca de si é decorrente dos vínculos estipulados com os demais indivíduos na cadeia de interações entre eles existente. Outrossim, a “apreensão” do outro, derivada de uma óptica alheia, contribui para a consolidação de um *status* social concernente ao prestígio do sujeito no interior do grupo. Posto isso, a identidade apresenta-se como um elemento social, uma vez que ela é edificada através do contato dialógico entre os falantes, havendo a impossibilidade de analisá-la exclusivamente como individual.

Wu (2021), em um entendimento semelhante, declara que a identidade possui uma natureza social, em virtude de ser moldada através das práticas comunicativo-interativas que se interpõe no cotidiano dos indivíduos. Dessa forma,

³⁵ Do original: “The role of language in this process comes when language is used as a potent symbol of identity to test or maintain intergroup boundaries”.

³⁶ Do original: “In fact, it would be difficult to conceive of identity as a purely individual matter. Your perception of yourself as an individual can only be in relation to others, and your status within a social group”.

ao se fazer presente no contínuo vínculo interpessoal, a identidade passa, constantemente, por um processo de mutação e transformação. Os traços identitários não se revelam fixos e engessados, sendo delineados na ligação recíproca e bilateral instituída no âmago dos relacionamentos entre os seres humanos.

De acordo com o referido autor,

a identidade é vista como uma espécie de característica fluida, em constante mudança, construída de forma ativa e co-construída, enquanto recebe reconhecimento dos outros por meio da interação. Ela é continuamente construída e percebida por meio do envolvimento de alguém em atividades individuais, sociais e institucionais (Wu, 2021, p. 94, tradução nossa)³⁷.

Nesse sentido, a identidade é construída e reconstruída de forma ininterrupta, sendo a ela intrínsecas as ações de auto-percepção e de percepção alheia, conforme mencionado previamente. A dinâmica de percepção do outro acerca do sujeito, advinda do envolvimento mútuo de ambos nos discursos comunicativos, se dá através dos diferentes usos da linguagem. Um desses usos possíveis, ao qual é dado enfoque no presente trabalho, trata-se do *code-switching*.

À vista disso, a utilização alternada de códigos linguísticos em atos interativos sinaliza a identidade individual e social dos indivíduos, dado que, ao longo da comunicação ocorre, não somente uma negociação linguística, como também uma negociação identitária. Segundo Mckinley, Mastro e Warner (2014, p. 221 *apud* Wu, 2021, p. 94, tradução nossa), “a língua está, inevitavelmente, no estágio central da construção da identidade em contextos multilíngues e multidialetais, nos quais escolhas linguísticas precisam ser feitas”³⁸. Diante dessa perspectiva, dada a conjuntura do multilinguismo, a escolha linguística do falante apresenta-se como um fator relacionado à produção identitária, designando evidências das particularidades do indivíduo, em nível individual e coletivo.

A utilização síncrona de códigos linguísticos, em ambientes bilíngues, revela a existência de um intercâmbio cultural, tendo em vista a relação entre a língua e seu *ethos* social. Há uma interseção indissociável entre aspectos linguísticos e culturais, uma vez que cada código linguístico é intrinsecamente conectado a um

³⁷ Do original: “Identity is seen as a sort of fluid characteristic of changing, actively constructed, and co-constructed while receiving acknowledgment from others through interaction. It is continually built and perceived through someone’s involvement in individual, social, and institutional activities”.

³⁸ Do original: “[...] language is inevitably at the center stage of identity construction in multilingual and multidialectal contexts where language choices have to be made”.

conjunto de convenções e práticas culturais relativas a uma determinada coletividade. A decisão de justapor dois idiomas transparece o vínculo dos locutores às matrizes socialmente simbólicas, o que reforça seu pertencimento a essas comunidades. Sendo assim, durante o *code-switching*, os sujeitos não estão expressando apenas escolhas linguísticas, como também as suas identidades socioculturais, ativamente associadas ao uso da linguagem.

Daí, postula-se que os indivíduos constroem, através de atos comunicativos, identidades sociais distintas, mediante situações, eventos e contextos específicos. Isso implica a coexistência de diferentes identidades, as quais se alternam, à medida que as línguas também o fazem. O *code-switching*, portanto, apresenta-se como uma estratégia do falante, cuja utilização possibilita, por meio do trânsito entre diferentes códigos, a expressão de múltiplas identidades. Para Thornborrow (2004, p. 158, tradução nossa), a “identidade é multifacetada: as pessoas assumem diferentes papéis em diferentes momentos e situações, e cada um desses contextos pode exigir uma mudança para diferentes, e às vezes conflitantes, identidades para as pessoas envolvidas”³⁹. Dessa forma, nota-se o caráter de maleabilidade e adaptabilidade dos sujeitos no tocante à adequação de suas condutas de acordo com os aspectos do discurso: tópico, interlocutor e contexto.

A alternância linguística proveniente do locutor é, portanto, influenciada por seu alocutário, enquanto receptor de sua mensagem. Nessa dinâmica, as identidades de ambos os participantes são constantemente negociadas, de modo que a seleção linguística evidencie as particularidades subjetivas que permeiam a interação. Segundo Tabouret-Keller (1997, p. 315, tradução nossa), “o idioma falado por alguém e sua identidade como falante desse idioma são inseparáveis”⁴⁰. Dessarte, os mecanismos discursivos situam-se no cerne da construção identitária e, no caso da alternância linguística, a negociação interpessoal viabiliza a partilha de identidades plurais em espaços interculturais.

Essa prática, ao envolver a percepção de si mesmo e do “outro social”, nos conduz à delimitação dos limites intergrupais no que se refere especificamente ao *code-switching*. Nesse âmbito, a apreensão da identidade dos interlocutores orienta

³⁹ Do original: “Identity is also multifaceted: people switch into different roles at different times in different situations, and each of those contexts may require a shift into different, sometimes conflicting, identities for the people involved”.

⁴⁰ Do original: “The language spoken by somebody and his or her identity as a speaker of this language are inseparable”.

o falante a se movimentar entre as preferências e as expectativas pessoais e alheias, de modo que as filiações e/ou as desfiliações a determinados grupos sejam consolidadas.

Para Thornborrow (2004, p. 170, tradução nossa),

os falantes podem desejar ser identificados com diferentes grupos em momentos diferentes, e seus padrões linguísticos podem resultar em uma mudança, seja entre diferentes variedades de uma língua ou de uma língua para outra. A questão da filiação e identidade grupal pode determinar as escolhas que um falante faz sobre como falar e, para bilíngues ou multilíngues, qual língua usar⁴¹.

Constata-se, assim, a flexibilidade inerente à expressão linguística no que se refere à maneira pela qual os falantes alteram suas formas de enunciar, em função de sua conexão estabelecida com os grupos. A preferência pela utilização de uma língua em detrimento de outra revela indícios dos vínculos identitários instituídos com tais agrupamentos sociais. Assim, a escolha estratégica do idioma anuncia as simbioses próprias da “troca” recíproca de identidades, as quais transpassam, continuamente, as construções discursivas humanas.

É recorrente que, ao ansiar pela inserção em uma nova comunidade, os sujeitos se valham da língua de domínio de seus interlocutores, no intuito de firmar afinidades com os membros desse coletivo e, por conseguinte, obter sua “admissão”. Nesse contexto, busca-se, sobretudo, atestar solidariedade e aprovação nos atos interativo-comunicativos, sendo a convergência linguística uma das formas de realizar essas ações. Tal habilidade consiste na mudança de padrões de fala a fim de que esses se ajustem e se harmonizem aos dizeres empregados pelos indivíduos com quem dialogam (Giles e Powersland, 1975; Giles e Sinclair, 1979, *apud* Thornborrow, 2004).

Além disso, ainda no que se refere às formas de uso da linguagem nas relações intergrupais, há uma tendência para a utilização de idiomas diferentes na comunicação com o grupo interno e externo. A escolha de uma língua específica para se dirigir ao grupo interno tem por objetivo enfatizar as similaridades com essa coletividade, a fim de fortalecer seu sentimento de pertencimento a ela. Por outro lado, com relação ao grupo externo, o emprego de um código linguístico distinto

⁴¹ Do original: “Speakers may wish to be identified with different groups at different times, and their linguistic patterns may produce a shift, whether between different varieties of a language or from one language to another. The question of group affiliation and identity can determine the choices a speaker makes about how to speak and, for bilinguals or multilinguals, which language to use”.

manifesta o senso de disparidade com esse aglomerado social, evidenciando o afastamento do falante dos integrantes desse agrupamento. Nessa direção, conforme proposto por Thornborrow (2004, p. 172, tradução nossa), “a relação entre língua e identidade sempre envolverá uma mistura complexa de fatores individuais, sociais e políticos que trabalham para construir as pessoas como pertencentes a um grupo social ou para excluí-las dele”⁴².

Um estudo realizado por Wu (2021)⁴³ constatou o *code-switching* como um marcador da identidade dos indivíduos na sociedade malaia, investigando o fenômeno da alternância linguística como um ato de identificação com determinados grupos. O enfoque da pesquisa recaiu no diagnóstico de como os acadêmicos chineses na Malásia percebem a natureza de sua identidade linguística, estando imersos em interações que envolvem o uso do inglês, do chinês, do malaio e dos dialetos locais, em diferentes domínios: doméstico, universitário e nas redes sociais.

No tocante aos resultados obtidos, documentou-se a presença do *code-switching* entre o inglês e o chinês padrão nas redes sociais e do *code-switching* entre o malaio e o inglês na universidade. Nesse último domínio, a alternância linguística foi motivada pela identidade dos alocutários, considerando-os como colegas e professores cujas línguas, origens, etnias e religiões diferem. Segundo a análise de Wu (2021), a utilização dessa justaposição linguística que atravessa o espaço acadêmico aponta-se como uma forma de expressão da cidadania malaia. Assim, para o estudioso, a alternância de códigos dos participantes nos diferentes domínios depende dos seguintes fatores: interlocutor, tópico, repertório linguístico e proficiência linguística.

Para Wu (2021, p. 99, tradução nossa),

a identidade com uma cultura específica determina frequentemente sua atitude linguística, e a língua que pode ser compartilhada na comunidade é a base para estabelecer um senso de identidade cultural. A identidade cultural de uma pessoa, a atitude em relação à linguagem e o uso do *code-*

⁴² Do original: “The relationship between language and identity will always involve a complex mix of individual, social and political factors which work to construct people as belonging to a social group, or to exclude them from it”.

⁴³ O estudo foi desenvolvido com 240 estudantes universitários chineses na Malásia, buscando analisar a utilização mútua de diversos idiomas nessa sociedade, enquanto espaço de contato linguístico. A pesquisa deu-se através de questionários, de amostras de entrevistas e de registros observacionais.

switching muitas vezes influenciam uns aos outros e têm a característica de ter o "você" no "eu" e o "eu" no "você"⁴⁴.

Mediante essa perspectiva, nota-se que a identidade cultural influencia os modos de uso da linguagem, motivando a seleção de uma ou de outro idioma na interação com diferentes grupos sociais. A articulação língua-cultura sinaliza a dinâmica recíproca constitutiva de si mesmo e do outro, enquanto seres inseridos em uma matriz pautada pela “fusão” e pelo intercâmbio “moral” de identidades. A prática da comunicação não detém um caráter de isolamento, visto que abriga o vínculo do “eu” e do “você”. Isso implica levar uma parte de si ao outro e, ao mesmo tempo, ser confrontado com a presença do alheio. Há, portanto, um encontro com a alteridade.

No tocante à atitude dos estudantes quanto à utilização das línguas coexistentes no entremeio malaio, constata-se a existência de múltiplas identidades. De acordo com os acadêmicos, o uso do inglês apresenta um viés pragmático, dado que se manifesta como um idioma de prestígio no âmbito universitário, sendo valorizado socialmente. No entanto, ainda que tais sujeitos se valham dessa língua franca para fins comunicativos, faz-se presente uma forte lealdade à sua herança linguística: os estudantes utilizam, sempre que possível, o chinês padrão e os dialetos locais. Para Wu (2021), o emprego de tais formas linguísticas acarreta um sentimento de preservação do patrimônio linguístico-cultural e isso “[...] promove um forte senso de identidade dentro deles, devido a uma afeição em relação à sua herança [...]”⁴⁵ (Wu, 2021, p. 100, tradução nossa). Diante disso, há um fortalecimento dos vínculos emocionais com as comunidades de origem, de modo que os laços simbólicos e, sobretudo, as raízes identitárias que unem os membros de tais grupos sejam mantidas.

No contexto multilíngue malaio, pôde-se analisar que o uso concomitante de diferentes línguas e dialetos⁴⁶ postula a presença de um intercâmbio social, cultural e

⁴⁴ Do original: “Identity with a particular culture often determines his language attitude, and the language that can be shared in the community is the basis for establishing a sense of cultural identity. A person’s cultural identity, language attitude, and language use code-switching often influence each other and have the characteristics of having “You” in “I” and “I” in “You”.

⁴⁵ Do original: “[...] [it] fosters a strong sense of identity within them due to a resilient affection towards their heritage [...]”.

⁴⁶ Meyer (2009) aponta que a diferença entre os termos língua e dialeto se reduz ao seu caráter institucional, ou seja, ao fato de a língua ser reconhecida pela unidade governamental e o dialeto ser entendido como um subsistema de uma língua, geralmente empregado oralmente. No cenário linguístico-social malaio, tem-se os códigos inglês, chinês e malaio sob o status de língua, isto é, um

linguístico. Como resultado, verifica-se que o impacto desses aspectos recai sobre as línguas e, devido a esse contato linguístico, surgem determinados fenômenos discursivos, tais quais empréstimos⁴⁷ e interferências⁴⁸. Nesse sentido, dada a proximidade desses códigos, constata-se a impossibilidade de uma língua preservar-se, inteiramente, de forma original⁴⁹. No caso dos estudantes chineses da Malásia, ainda que o uso do chinês padrão e dos dialetos locais aponte a valorização de um “legado”, torna-se inviável, para tais sujeitos, manter integralmente a tradicionalidade simbólica dos ancestrais.

A partir do exemplo da sociedade malaia e dos aportes teórico-metodológicos expostos até então, reconhece-se a intrínseca relação entre identidade e *code-switching*. Conforme proposto, constatou-se que a alternância de códigos é pautada pela inter-relação entre sujeitos, em nível individual e coletivo, havendo uma ampla negociação de aspectos identitários nesse entremeio. Desse modo, a comutação de códigos não se dá de modo superficial, uma vez que reflete impressões simbólicas pessoais e afiliações/desafiliações socioculturais.

A presente seção tratou, até agora, da intrínseca relação existente entre a identidade e o uso da linguagem, considerando a alternância linguística como um processo de negociação social e identitária que permeia as práticas interativas dos falantes e ouvintes. Nesse sentido, verificou-se a produção da identidade como indissociável da produção da diferença, uma vez que ambas são mutuamente

idioma oficial e institucionalizado. Já os dialetos comportam os falares empregados em domínios domésticos e comunitários, os quais não detêm um caráter “oficial”.

⁴⁷ Segundo Calvet (2002, p. 38), os empréstimos configuram um fenômeno coletivo atravessado pela utilização direta de um termo de outra língua, de modo a adaptá-lo à pronúncia da língua no qual é inserido.

⁴⁸ Weinreich (1963, *apud* Calvet, 2002, p. 35) postulou que “a palavra interferência designa um remanejamento de estruturas resultante da introdução de elementos estrangeiros nos campos mais fortemente estruturados da língua [...]”. À luz de tal entendimento, constata-se que as interferências se tratam da transposição da estrutura de uma variante à outra, havendo a influência do arranjo de uma língua na utilização de outro código linguístico. Essa dinâmica torna-se passível de ocorrer nos níveis fonético, morfológico, sintático e lexical dos idiomas, o que acarreta novas formas de expressão interativo-comunicativas entre os falantes e ouvintes de uma comunidade social.

⁴⁹ Diante desse fato, algumas ideologias fizeram-se presentes nos estudos sociolinguísticos do passado, tendo sido a mais difundida, de acordo com Bucholtz e Hall (2003), a do isolacionismo linguístico. Segundo essa concepção, uma língua é tida como autêntica, à medida que não sofre influências de outros códigos e, por conseguinte, se mantém “fechada” a ações exteriores. À vista disso, as situações de contato linguístico, ao fomentarem a possibilidade de existência do *code-switching*, apresentar-se-iam como um empecilho para o diagnóstico da pureza linguística. Para a referida autora, nesse viés, a preocupação com a noção de autenticidade e, conseqüentemente, de um falante autêntico, acabaria por limitar o uso dos códigos a um subconjunto específico, havendo um “empobrecimento” do funcionamento do “todo” inerente à língua.

constituídas. O traço do distinto é inerente ao traço do semelhante, de modo que haja um intercâmbio entre os participantes discursivos, em nível individual e coletivo.

Nesse entremeio, o *code-switching* compreende um processo de intercâmbio subjetivo entre o sujeito e seu interlocutor, de modo que a escolha linguística do falante sinaliza a inter-relação entre tais indivíduos. Por vezes, em trocas linguísticas interativas, a seleção de uma língua por outra segue as expectativas da conversação; no entanto, pode ocorrer de uma escolha linguística se apresentar inédita no diálogo. Essa circunstância trata-se da marcabilidade linguística, objeto a ser explicitado na subseção a seguir, no intuito de evidenciar que o ato de selecionar uma língua em detrimento de outra carrega significados sociais, culturais e identitários.

2.3.1 A marcabilidade linguística

O *code-switching* é motivado por diferentes fatores sociolinguísticos, sendo esses delimitados no ato da comunicação. Segundo Myers-Scotton (1993), o tópico referencial da conversa, isto é, a pauta contedística sobre a qual o ato comunicativo se debruça, favorece a escolha linguística, contribuindo para as relações sociais dos participantes. No entanto, a estudiosa declara que, ainda que as informações referenciais se mantenham constantes, há a possibilidade da interação se encaminhar a resultados relacionais distintos. Para Myers-Scotton (1993, p. 152, tradução nossa), “isso se deve ao fato de que a variedade linguística específica usada em uma troca carrega um significado social”⁵⁰. Nessa direção, segundo a autora, a alternância linguística está associada a funções sociais específicas na produção discursiva, sendo essas propostas como um conjunto de direitos e obrigações concernentes ao locutor e ao seu interlocutor.

Os direitos e as obrigações inerentes aos participantes do discurso advêm de um processo de negociação linguística que direciona o falante a fazer uma escolha singular, mediante a possibilidade de instaurar uma contribuição conversacional no ato comunicativo. Consoante Myers-Scotton (1993, p. 152, tradução nossa) “qualquer escolha de código aponta para um equilíbrio interpessoal

⁵⁰ Do original: “This is because the particular linguistic variety used in an exchange carries social meaning”.

específico e é, em parte, devido às suas qualidades indexicais que diferem línguas, dialetos e estilos que são mantidos em uma comunidade”⁵¹.

Aqui, torna-se relevante conceituar indexicalidade, haja vista que essa noção está relacionada à dinâmica de negociação linguística e social que atravessa o *code-switching*. Para Silverstein (2003), a indexicalidade volta-se à indexação de recursos não linguísticos por recursos linguísticos⁵². O estudioso elencou três ordens indexicais, a fim de pontuar diferenciações entre os valores indexicais que se orientam em determinada situação.

A indexicalidade de primeira ordem trata-se da relação direta estipulada entre uma unidade linguística, tal como um vocábulo, uma expressão ou uma frase, e seu referente no mundo real. Esse vínculo entre o elemento linguístico e o componente da realidade externa determina o significado do dizer, mediante as implicações do contexto de uso. A indexicalidade de segunda ordem tem um caráter mais indireto, dado que as formas linguísticas se relacionam a contextos internos de interação, ou seja, intergrupais. Assim, tem-se uma característica que é suscetível de ser associada a determinados membros de um grupo social, em virtude dos falantes, ouvintes e do contexto de comunicação. Já a indexicalidade de terceira ordem trata de formas linguísticas amplamente percebidas como “emblemáticas” em um contexto específico e, por conseguinte, são utilizadas como forma de atribuição de sentido e simbologia particulares (ícones).

Mediante esses aspectos, Blommaert (2005) evidencia o quanto os atos comunicativos produzem significados indexicais, ou seja, indicam aspectos sociais, desvelando “pistas” interpretativas entre o que é dito e a situação social na qual esse dizer está sendo produzido. Na mesma direção, Maas (1989) elucida que as expressões do discurso não carregam somente um significado enciclopédico, como também sentidos subjacentes intrínsecos às condições de construção do diálogo.

⁵¹ Do original: “Any code choice points to a particular interpersonal balance, and it is partly because of their indexical qualities that different languages, dialects, and styles are maintained in a community”.

⁵² No contexto da alternância linguística, a indexicalidade está relacionada à forma como uma escolha linguística atua como um índice que mapeia algum objeto simbólico. A noção de índice é explicitada por Peirce (2005), cuja abordagem trata da tríade índice, símbolo e ícone. O índice detém uma relação com a realidade exterior, constituindo-se por um elemento que apresenta uma relação de causalidade sensorial, a qual culmina na sua significação. Como exemplo, menciona-se a fumaça como índice de haver fogo. Já o símbolo refere-se a um objeto específico, representado através de uma convenção, de modo a estabelecer uma relação entre dois elementos. Como exemplo, cita-se a balança como símbolo da justiça. O ícone, por sua vez, possui uma natureza imagética, apresentando uma relação de semelhança com o objeto ao qual se refere. Uma fotografia é um ícone, em virtude de se revelar como uma representação de um determinado indivíduo.

Afinal, o uso da linguagem indica características que mapeiam o sujeito falante e o sujeito ouvinte, sendo necessário avaliar os “[...] itens linguísticos que indexam posturas – e, portanto, constroem estilos e identidades – em contextos interacionais locais”⁵³ (Jaffe, 2009, p. 149, tradução nossa).

Portanto, nota-se o uso da linguagem como indexical, no sentido de sinalizar as nuances presentes na inter-relação entre os sujeitos sociais, de modo que, nesse intermédio, as identidades relativas às diferentes línguas se movimentem. Através da seleção linguística de uma língua em detrimento de outra, os locutores são suscetíveis de declarar expectativas e aspirações, moldando a dinâmica conversacional de acordo com os seus próprios interesses. Desse modo, a utilização do *code-switching* não se limita à mera transmissão de informações, tratando-se, especialmente, de uma ferramenta discursivo-estratégica que oportuniza o delineamento dos vínculos sociais no interior das enunciações. Para Hymes (1972, *apud* Myers-Scotton, 1993, p. 152), os falantes apresentam um conhecimento tácito relativo a essa indexicalidade, oriundo de sua competência comunicativa. Ou seja, a partir das experiências dos sujeitos, adquiridas ao longo de sua vida, eles são capazes de discernir o modo como os elementos linguísticos transparecem simbioses que transcendem o dizer literal. Por conseguinte, essa consciência fomenta o desenrolar da negociação linguística e identitária, o que impacta expressivamente o desdobramento das conexões instituídas entre os indivíduos.

Daí, analisa-se o quanto o emprego do *code-switching* relaciona-se à percepção de que escolhas linguísticas postulam um câmbio de singularidades significativas, vinculadas à obtenção de objetivos sociais específicos. Segundo Myers-Scotton (1993, p. 178, tradução nossa), “[...] os falantes fazem escolhas e os outros as interpretam considerando suas prováveis consequências”⁵⁴. Nessa direção, a seleção linguística é utilizada de acordo com as motivações pessoais dos participantes, de modo que haja um “cálculo” das consequências passíveis de serem alcançadas no intermediário da interação social. No entendimento da estudiosa, o emprego de um código ou de outro é motivado pela apuração dos possíveis efeitos sociais que tal conduta linguística trará.

⁵³ Do original: “[...] it is necessary to examine linguistic items that index stances – and hence buildstyles and identities – in local interactional contexts”.

⁵⁴ Do original: “[...] speakers make choices and others interpret them by considering their probable consequences”.

Ainda, Myers-Scotton (1993) revela que a repercussão do *code-switching*, relativa ao alcance das consequências pretendidas, se sucede através do uso de implicaturas conversacionais⁵⁵. Sendo assim, o uso da linguagem está vinculado à apreensão das informações adicionais que são divulgadas na conversa, havendo uma transgressão do nível estritamente literal da língua. Na prática comunicativa, fazem-se presentes significados subjacentes que se apresentam implícitos à dinâmica de alternância linguística, sendo esses intrínsecos ao contexto pragmático do discurso. Daí, reitera-se a existência de camadas de significação concernentes à proposição de intencionalidades e à realização de inferências, no que diz respeito aos falantes e ouvintes, respectivamente.

Esse comportamento linguístico dos indivíduos propicia seus entendimentos plenos acerca das mensagens ora transmitidas, ora recebidas, relacionadas ao contexto linguístico-social específico da enunciação. Para Myers-Scotton (1993) a incidência de tais circunstâncias deriva da utilização da comutação de códigos sob a forma não-marcada (convencional e esperada) e marcada (não convencional e inesperada). Diante disso, segundo a autora, “eles [os falantes] têm uma teoria natural da marcação. O resultado é que todos os falantes têm representações mentais de uma correspondência entre escolhas de código e conjuntos de direitos e obrigações”⁵⁶ (Myers-Scotton, 1993, p. 152, tradução nossa). Os locutores e interlocutores apresentam uma compreensão intuitiva no tocante à relação entre uma escolha linguística e seu encadeamento social. Posto isso, possuem consciência de que a dinâmica de comutação de códigos relaciona-se diretamente aos benefícios, vantagens, deveres e encargos referentes a cada participante do discurso.

Myers-Scotton (1993) propõe o estudo desse modelo de marcabilidade no que se refere ao seu uso em trocas convencionalizadas. Consoante a estudiosa,

⁵⁵ Conceito proposto por Grice (1975), tendo o autor proposto que as implicaturas conversacionais configuram informações adicionais que são explicitadas na conversa, de forma proposicional. Tais dizeres objetivam transmitir significativos subjacentes, isto é, significados implícitos nas camadas do diálogo, de modo que sejam percebidos pelo interlocutor. Tem-se o intuito de ir além do que é enunciado de forma literal para que sejam entendidas como inferências expressas na conjuntura do discurso. O conceito foi exposto no seu trabalho intitulado “Lógica e Conversação” (Grice, 1975), tendo o estudioso dissertado sobre os princípios da cooperação entre os participantes do ato comunicativo, a fim de evidenciar o quanto a filiação ou a desfiliação a tais princípios e máximas conduz à ocorrência de inferências adicionais na conversação.

⁵⁶ Do original: “They [the speakers] have a natural theory of markedness. The result is that all speakers have mental representations of a matching between code choices and rights and obligations sets”.

uma troca convencionalizada é qualquer interação para a qual os membros da comunidade de fala têm um sentido de "*script*". Eles têm esse sentido porque tais trocas são frequentes na comunidade, na medida em que, pelo menos, o seu meio é rotinizado. Isto é, a variedade utilizada ou mesmo os padrões fonológicos ou sintáticos específicos ou os itens lexicais utilizados são previsíveis. Em muitas comunidades de fala, as trocas de serviços, as conversas informais entre pares, as consultas médicas ou as entrevistas de emprego são exemplos de trocas convencionalizadas⁵⁷ (Myers-Scotton, 1993, p. 152, tradução nossa)

Mediante o enunciado acima, nota-se que as trocas convencionalizadas tratam-se de interações linguísticas cujas normas revelam-se estabelecidas e reconhecidas no interior de comunidades sociais. Devido a isso, os membros dos grupos retêm um "roteiro" que lhes serve de guia para a comunicação, pautado por modelos previsíveis de exploração da linguagem no seio da atividade conversacional. Conforme Myers-Scotton (1993), em tais trocas, os sujeitos têm potencial de delimitar quando a escolha linguística não é marcada e quando é marcada. Em seus apontamentos, ela declara que "[...] eles [os indivíduos] sabem que, para uma determinada troca convencionalizada, uma certa escolha de código será a realização não marcada de um conjunto esperado de direitos e obrigações entre os participantes"⁵⁸ (Myers-Scotton, 1993, p. 152, tradução nossa). Do mesmo modo, escolhas linguísticas marcadas e, portanto, menos usuais, são relacionadas a conjuntos de direitos e obrigações inesperados. Nesse viés, a forma como as práticas são estabelecidas dentro de comunidades de fala favorece o reconhecimento, por parte dos interlocutores, da conexão entre tais questões e a seleção de uma determinada forma linguística. Essa consciência comunica a captação de dados implícitos às construções discursivas, o que salienta o quanto o *code-switching* não se manifesta unicamente como um veículo de informações, mas também de negociações interpessoais efetivas.

Para tanto, as trocas comunicativas, convencionalizadas ou não, apresentam-se como eventos de fala ordenados pela presença de participantes específicos, de um ou mais códigos linguísticos e de um equilíbrio de direitos e

⁵⁷ Do original: "A conventionalized exchange is any interaction for which speech community members have a sense of 'script'. They have this sense because such exchanges are frequent in the community to the extent that at least their medium is routinized. That is, the variety used or even specific phonological or syntactic patterns or lexical items employed are predictable. In many speech communities, service exchanges, peer to peer informal talks, doctor patient visits, or job interviews are examples of conventionalized exchanges".

⁵⁸ Do original: "[...] they [speakers] know that for a particular conventionalized exchange, a certain code choice will be the unmarked realization of an expected rights and obligations set between participants".

obrigações entre tais sujeitos. Segundo Myers-Scotton (1993), há um cálculo das implicaturas conversacionais sobre esse equilíbrio, através do princípio de negociação e do conjunto de máximas inerentes ao diálogo. Essa conjuntura constitui o cenário de marcabilidade linguística proposto pela autora.

Nessa perspectiva, Myers-Scotton (1993) postula que o *code-switching* é resultante de uma dinâmica de negociação de posições entre os participantes e de suas motivações pessoais para a determinação de escolhas linguísticas específicas. Esse processo advém dos aspectos situacionais relativos ao contexto global do ato comunicativo, no qual se faz presente a constante participação cooperativa entre locutor e interlocutor. Para a linguista, toda alternância de códigos é suscetível de ser explicada em um quadro organizado por: (a) escolhas não-marcadas, (b) escolhas marcadas e (c) escolhas exploratórias.

No que se refere ao *code-switching* como uma escolha não-marcada, há um caráter de previsibilidade, uma vez que o falante segue convenções e expectativas linguísticas comuns entre os participantes discursivos. À vista disso, os direitos e as obrigações implicadas na conversa são estabelecidos de modo esperado, pois os indivíduos negociam posições normativas já consolidadas nas convenções dialógicas do grupo social. Myers-Scotton (1993) menciona a existência de uma sequência de escolhas não-marcadas, noção relacionada ao que foi proposto por Blom e Gumperz (1972) como *code-switching* situacional, vinculado a fatores externos que se mostram próprios à matriz de escolhas linguísticas. Sendo assim, o contexto global torna-se relevante, dado que situa e orienta os falantes na interface de consequências possíveis às seleções de códigos.

Além disso, Myers-Scotton (1993) aponta a possibilidade de a alternância geral se mostrar como uma escolha não marcada, em interações entre sujeitos bilíngues. A estudiosa revela que nesse contexto “[...] a escolha não marcada pode ser a alternância sem que haja nenhuma mudança na situação. Ou seja, o padrão de usar duas variedades para a mesma troca convencionalizada em si não é marcado”⁵⁹ (Myers-Scotton, 1993, p. 161, tradução nossa). Tal circunstância emerge da intencionalidade do locutor de salientar mais de uma identidade social, considerando seu entendimento de que cada código linguístico é atrelado a determinados traços identitários. Devido a isso, em atividades comunicativas com

⁵⁹ Do original: “[...] the unmarked choice may be switching with no changes at all in the situation. That is, the pattern of using two varieties for the same conventionalized exchange is itself unmarked”.

pares bilíngues, em um viés de semelhança, o emprego do *code-switching* declara-se como o padrão de interação, em razão desse fato indexar os direitos e as obrigações que o sujeito intenta explicitar durante o evento de fala.

Com relação à comutação de códigos como uma escolha marcada, Myers-Scotton (1993) anuncia essa seleção linguística como uma maneira de os participantes negociarem um equilíbrio distinto de direitos e obrigações. Posto isso, sucede-se uma transgressão do nível convencional e “lógico” previsto para o desenrolar da interação, de modo que, ao se desvencilhar da ordem normativa do discurso, a marcabilidade linguística deixe saliente informações implícitas. Segundo a linguista, uma escolha marcada, ao representar uma violação, designa-se sempre disruptiva, rompendo com o curso normal do processo de comunicação.

Consoante Myers-Scotton (1993), nessa interface, uma escolha marcada pode se revelar positiva ou negativamente, conduzindo a implicações favoráveis ou desfavoráveis aos integrantes da fala. Nesse sentido, a estudiosa evidencia que

[...] uma escolha marcada pode ser positiva, diminuindo a distância social, se for indexical de uma relação de solidariedade, dada a matriz normativa de associações entre variedades e significados sociais na comunidade. Ou pode ser negativa, na medida em que aumenta a distância social porque codifica a raiva ou o desejo de tornar saliente um diferencial de poder (quando normalmente não o seria)⁶⁰ (Myers-Scotton, 1993, p. 167, tradução nossa).

Nota-se, portanto, o quanto as escolhas marcadas são passíveis de promover aproximações e distanciamentos, mediante as associações culturais contextualmente acordadas. O uso inesperado da linguagem pode se revelar como um veículo de perpetuação de cooperações e de contrastes entre locutor e interlocutor. Em uma medida ou outra, busca-se desidentificar o equilíbrio *a priori* proposto para a interação, de modo que a escolha, inesperada, de um código em detrimento do outro propicie a “ampliação” do sujeito em condições nas quais, convencionalmente, empregar-se-ia uma escolha não-marcada. Myers-Scotton (1993) informa que tal conduta assegura a afirmação de uma variedade de identidades, pois “é como se a mudança fosse feita para lembrar aos outros participantes que o falante possui uma personalidade multifacetada, como se ele

⁶⁰ Do original: “[...] a marked choice can be positive by narrowing social distance if it is indexical of a relationship of solidarity, given the normative matrix of associations between varieties and social meanings in the community. Or, it can be negative in that it increases social distance because it encodes anger or the desire to make a power differential salient (when it would not be salient ordinarily).”

estivesse dizendo ‘não só sou X, mas também sou Y’⁶¹ (Myers-Scotton, 1993, p. 170, tradução nossa).

A autora revela que, em trocas convencionalizadas, pautadas por um padrão comunicativo, fazem-se presentes, em circunstâncias específicas, escolhas marcadas de modo permitido. A aceitabilidade dessas escolhas se dá à medida que elas não codificam os direitos e as obrigações, de teor não-marcado, esperadas para a conversa. No entanto, simultaneamente, tais escolhas declaram-se praticamente não-marcadas no contexto de produção do discurso, visto que “[...] sinalizam o que se torna uma suspensão convencionalizada do atual equilíbrio de direitos e obrigações”⁶² (Myers-Scotton, 1993, p. 171, tradução nossa). Sendo assim, a permissibilidade das escolhas marcadas, apesar de sua natureza desviante, revela uma suspensão temporária das normas convencionais de direitos e obrigações, tornando-as quase “esperadas” na situacionalidade da enunciação.

Mediante a autora, há dois casos principais em que ocorre uma permissão das escolhas marcadas. O primeiro trata-se da demonstração de deferência, isto é, da intencionalidade do falante de preservar um bom relacionamento com seu interlocutor. Tal fato pode ser expresso através da adaptabilidade ao idioma do alocutário, como no caso do uso de sua língua materna. Outrossim, outro modo de corroborar com a deferência volta-se ao emprego de um código que expressa respeito, ainda que seu uso não seja esperado, mediante o equilíbrio não-marcado de direitos e obrigações.

O segundo caso de uso permitido de escolhas marcadas ocorre na inabilidade do falante no que concerne à utilização da escolha não-marcada. Como exemplo, pode-se mencionar a limitação no arcabouço sintático, semântico ou lexical do sujeito, a qual induz o uso de seleções linguísticas inesperadas, à proporção que o emprego de formas esperadas poderia mostrar-se inapropriado. Posto isso, o modelo de marcabilidade oportuniza a existência de escolhas marcadas em determinados contextos, revelando o quanto a indexicalidade da seleção linguística torna-se fundamental para a determinação de consequências conversacionais desejadas.

⁶¹ Do original: “It is as if the switch is made to remind other participants that the speaker is a multi-faceted personality, as if the speaker were saying ‘not only am I X, but I am also Y’”.

⁶² Do original: “[...] they do not encode the unmarked rights and obligations expected for the overall exchange”.

Segundo Myers-Scotton (1993), a proposição da marcabilidade instaura um problema de distinção entre escolhas marcadas e sequências de escolhas não-marcadas. A diferenciação relativa a tais questões pode ser compreendida através da investigação dos fatores externos ao evento de fala. A ocorrência de uma escolha não-marcada para outra é, frequentemente, motivada por alterações no contexto, tais quais mudança de tópico, introdução de novos interlocutores e inclusão de novas informações concernentes à identidade desses participantes. Há uma tendência para a incidência de escolhas não-marcadas nessas circunstâncias, de forma que a realização de uma escolha marcada evoque determinadas respostas metafóricas. De acordo com Ervin-Tripp (1976, p. 61-62 *apud* Myers-Scotton, 1993, p. 147, tradução nossa) “em circunstâncias normais, quando uma forma esperada ocorre, os ouvintes não precisam fazer nenhuma interpretação afetiva”⁶³. O teor de previsibilidade das formas não-marcadas estabelece a não necessidade de análises carregadas de afetividade, por parte dos participantes comunicativos. Por outro lado, a utilização de escolhas marcadas em situações socialmente acertadas induz ao entendimento, por parte do ouvinte, de que seu interlocutor está envolvendo ali aspectos sociais diferentes do que ele acredita possuir. Por conseguinte, esse sujeito reage à introdução de novos elementos através de atitudes como deferência, sarcasmo, arrogância, frieza, irritação indiferenciada ou piada (Tripp, 1976, *apud* Myers-Scotton, 1993, p. 174). Esse comportamento, portanto, advém da percepção de que o parceiro interativo não está imerso em uma “mesma matriz” no que se refere às nuances sociais da conversa.

Myers-Scotton (1993) também propõe a reflexão do uso do *code-switching* como forma de exclusão social, nos casos em que a alternância linguística é realizada para um idioma desconhecido por todos os participantes. Tal prática, frequentemente desempenhada de modo consciente, mostra-se influenciada pelas diferenças de poder inerentes aos falantes e ouvintes.

De acordo com Myers-Scotton (1993, p. 174-175, tradução nossa),

a própria mudança de idioma transmite que os falantes compartilham uma identidade que os outros não têm e diminui a distância social entre eles, ao mesmo tempo em que aumenta a distância entre os falantes e aqueles que

⁶³ Do original: “In normal circumstances, when an expected form occurs, listeners need make no affective interpretation at all”.

são deixados de fora. [...] Quando a diferença de poder é menor, essa mudança de idioma pode não ser tolerada e ser considerada rude⁶⁴.

O cenário relativo ao uso do *code-switching* como forma de exclusão elucidada a inter-relação entre as noções de identidade e diferença. A decisão de optar pela comutação de um código, carregada de uma força ilocucionária⁶⁵ estratégica, sinaliza as afinidades entre os traços identitários de alguns alocutários, ao mesmo tempo que indica a disparidade identitária entre outros. Conforme Myers-Scotton (1993), ao analisar o equilíbrio de direitos e obrigações, essa mudança de idioma é, indubitavelmente, marcada e, de forma comumente, é utilizada como uma prática de “fofoca” sobre o participante excluído. Daí, analisa-se o quanto a marcabilidade linguística nem sempre é carregada de um consenso entre os integrantes de um aglomerado social, visto que esse fator ocasiona certos conflitos comunicativos e sociais.

Por fim, Myers-Scotton (1993) sugere a utilização da alternância linguística como um modo exploratório na interação, sobretudo em trocas não convencionalizadas, nas quais uma escolha não-marcada não é evidente. Nesses casos, os falantes adotam uma estratégia de múltiplas identidades, reconhecendo que a escolha exploratória indicará um determinado conjunto de direitos e obrigações nesse intermediário. Contudo, em uma conversa inicial, atravessada pela incerteza em que um equilíbrio seria preferível, o sujeito pode iniciar a fala com uma escolha linguística, mudando-a posteriormente, em função da resposta de seu destinatário. Além disso, a utilização de dois códigos, em dois turnos distintos de fala, mostra que “[...] o falante também é capaz de codificar duas identidades – e a amplitude da experiência associada a elas”⁶⁶ (Myers-Scotton, 1993, p. 177, tradução nossa).

⁶⁴ Do original: “The switching itself conveys that the speakers share an identity others do not have and narrows the social distance between them while increasing that between speakers and those left out. [...] When the power differential is less great, such switching may not be condoned, but considered rude”.

⁶⁵ A força ilocucionária caracteriza-se pelas relações de significação do dizer, na interação entre o sujeito e o ouvinte. Segundo Searle (1969), o falante sempre detém uma intencionalidade, revelando-a através do enunciado, a fim de realizar alguma ação específica. O estudioso propõe que “falar uma língua é realizar atos de fala, tais como fazer afirmações, dar ordens, fazer perguntas, fazer promessas e assim por diante: e, de forma mais abstrata, atos de fala como referir e predicar” (Searle, 1969, p. 23). Diante desse fato, é a força ilocucionária do que foi dito que permite ao interlocutor captar as nuances de sentido do enunciado, reconhecendo, através de inferências, a pretensão do locutor.

⁶⁶ Do original: “[...] the speaker also has been able to encode two identities – and the breadth of experience associated with them”.

Posto isso, as escolhas linguísticas dos indivíduos, não-marcadas ou marcadas, referem-se a uma dinâmica de negociação sociocultural de identidades. Sua realização exige um envolvimento mútuo dos participantes da conversa, de modo que suas motivações pessoais orientem o desenrolar da produção discursiva. Esse processo envolve o uso das habilidades linguísticas dos sujeitos, empregadas de acordo com suas expectativas pessoais, em âmbito individual, bem como mediante o conjunto de direitos e obrigações a eles relativos, em âmbito coletivo.

A presente seção evidenciou o quanto a identidade não se apresenta como um elemento puramente particular, sendo postulada, da mesma forma, como um aspecto social. Nesse entremeio, há um vínculo entre a autopercepção e a percepção alheia, o que imprime a relação interpessoal como abrangente dos vínculos entre o “eu” e o “outro”. Assim, a identidade é projetada, tanto através de um diagnóstico interior, quanto por meio de uma análise proveniente da óptica de outrem. Tal cenário implica a correlação humana no interior das redes de relacionamento, o que, por conseguinte, acarreta a consolidação de filiações e/ou desfiliações a determinados grupos sociais. Daí, constata-se o caráter de flexibilidade e inacabamento próprio da identidade, revelando-a como um elemento que, constantemente, é atravessado por mudanças, mutações e metamorfoses.

No cerne da conexão entre os traços identitários e o *code-switching*, faz-se presente uma troca sociocultural que permeia os atos interativos em ambientes bilíngues. Dessarte, a alternância de códigos linguísticos não se manifesta como uma mera transmissão de mensagens, em nível linguístico, dado que há intrinsecamente uma dinâmica de negociação entre parceiros conversacionais. Nessas circunstâncias, a comutação de línguas, em um viés estratégico, tem por objetivo o alcance de determinadas consequências interativo-sociais. À vista disso, o *code-switching* projeta nuances íntimas do ser e dos simbolismos característicos da expressão comunicativa.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Para fins de organização, inicialmente, em 3.1, aponta-se o percurso metodológico da pesquisa; em seguida, em 3.2, identifica-se o sujeito da pesquisa e seu contexto de inserção sociocultural; em 3.3, traz-se uma descrição sobre o *Hunsrückisch*; em 3.4, por fim, explicitam-se os procedimentos da coleta de dados.

3.1 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O presente trabalho tem como tema de estudo o *code-switching* empregado por um menino de quatro anos que se constituiu bilíngue ainda na primeira infância. Sua produção discursiva é atravessada pela alternância linguística entre os seguintes códigos: a Língua Portuguesa e a língua de imigração alemã *Hunsrückisch*, idiomas aos quais esteve exposto desde o seu nascimento. À vista disso, desenvolveu-se um estudo de caso que se propõe a realizar uma investigação acerca desse fenômeno, através da observação da justaposição dos códigos português-hunsrückisch na fala da criança.

Segundo Yin (2015), o estudo de caso apresenta-se como uma investigação empírica acerca de determinado fenômeno no interior de seu contexto da vida real. O autor aponta esse método como uma válida estratégia para responder às questões “como” e “por que” que se fazem presentes no estudo de determinado fato. Sendo assim, essa abordagem possibilita a captação das condições contextuais que se interpõem na ocorrência de um fenômeno específico, propiciando sua exploração em um viés de profundidade.

Dadas tais circunstâncias metodológicas, evidencia-se o caráter qualitativo da presente pesquisa, de modo a oportunizar o aprofundamento da análise de fatos linguísticos específicos intrínsecos à incidência do *code-switching*. Para isso, houve um levantamento bibliográfico calcado em estudos relativos à dinâmica de alternância linguística, seguido da realização de gravações audiovisuais para a apreensão da fala infantil, no decorrer de 14 meses (2:10 meses a 4:00 meses de idade do menino). Os aportes teóricos próprios do estudo, articulados ao exame da ocorrência da comutação de códigos, embasam a interpretação das condutas

linguísticas do sujeito da pesquisa, conduzindo a uma análise de dados que será descrita na seção seguinte.

A hipótese que norteia o estudo recai no fato de que os parceiros comunicativos do garoto, na condição de alocutários, intervêm na utilização do *code-switching*. Assim, pressupõe-se a existência de uma negociação linguístico-identitária entre o locutor e seus interlocutores, a qual é responsável por motivar a escolha linguística da criança.

Nesse sentido, o estudo tem por objetivo identificar a alternância de línguas presente na fala do menino, de modo a reconhecer como a identidade do interlocutor impulsiona essa dinâmica. Tem-se por finalidade, especificamente, (a) classificar o *code-switching* do menino através da proposta de Dabène e Moore (1995); e (b) apontar as possíveis indexicalidades (Silverstein, 2003) que favorecem a alternância linguística da criança. Ainda, o trabalho intenta, em certa medida, contribuir para a documentação do *Hunsrückisch*, fomentando sua divulgação na modalidade escrita da língua – uma vez que sua preservação se dá, sobretudo, na oralidade.

3.2 O SUJEITO DA PESQUISA: A CRIANÇA

O sujeito da pesquisa trata-se de um menino nascido no segundo semestre do ano de 2019 que, recentemente, completou quatro anos de idade. A criança, referida no presente trabalho como Lauro, reside no bairro Linha Temerária, pertencente à zona rural da cidade de Nova Petrópolis. O garoto mora com o seu pai e com a sua mãe, em uma casa própria, sendo ambos descendentes de imigrantes alemães – tal como o restante de seu círculo familiar. O pai trabalha como distribuidor de alimentos em restaurantes em Caxias do Sul, ao passo que a mãe atua como coordenadora pedagógica em uma escola da rede municipal de ensino de Feliz.

Em frente à sua residência, situa-se a casa de sua bisavó materna, mãe do seu avô materno. Além disso, próximo ao local, localiza-se a casa de seus avós maternos, a qual abriga, além deles, a sua tia e o seu tio⁶⁷. Lauro fica aos cuidados da avó materna desde os seus seis meses de idade, não tendo frequentado escolas

⁶⁷ O seu avô trabalha como caminhoneiro, retornando para casa geralmente uma vez por semana e permanecendo no local por volta de dois ou três dias. Sua avó é aposentada e é responsável por cuidar do menino durante o dia, dado que seus pais trabalham em outras cidades. Já seus tios trabalham em *home office*, além de sua tia ser estudante.

de educação infantil. A escolha por não o matricular em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) se deu por questões de logística, uma vez que o centro da cidade se localiza longe de seu bairro de residência. Considerando que a criança atingiu a faixa etária de escolarização obrigatória há pouco, passará a frequentar uma instituição de ensino no próximo ano.

Nessa perspectiva, dada a conjuntura dos fatos, Lauro é extremamente apegado ao círculo familiar mencionado até então: pais, avós maternos, tios e bisavó materna. Suas interações diárias se dão, principalmente, dentro dessa coletividade, não obstante tenha contato com seus avós paternos, primos e demais parentes, moradores da localidade. Ainda assim, seus relacionamentos interpessoais ocorrem, sobretudo, com adultos, visto que há poucas crianças residindo nos arredores de sua casa.

No tocante ao seu processo de aquisição da linguagem, o menino foi exposto à Língua Portuguesa e ao *Hunsrückisch* desde o seu nascimento. O incentivo para que ele aprendesse a língua germânica adveio, especialmente, de seus avós maternos, os quais o possuem como língua primeira, tendo-a ensinado aos seus filhos. Isso implica seu apreço pela preservação da herança linguístico-cultural alemã, elucidando o fomento para que o *Hunsrückisch* perpassasse as diferentes gerações. Devido a essa circunstância, os avós dirigiram a palavra ao menino, ainda bebê, em hunsriqueano. Em pouco tempo, tal prática se estendeu aos demais integrantes bilíngues da família, os quais passaram, da mesma forma, a se comunicar com a criança em alemão, para além do português que já era utilizado.

Sendo assim, Lauro esteve imerso em um entremeio pautado pelo emprego de ambos os códigos, adquirindo-os mutuamente. Previamente à produção de sua fala, o bebê já compreendia o que lhe era dito nas suas línguas, interagindo com os seus interlocutores. Por volta dos dezessete meses, proferiu suas primeiras palavras, mesclando vocábulos próprios de cada idioma. A evolução de sua aquisição da linguagem culminou na construção de frases e discursos, os quais passaram a ser atravessados pelo *code-switching*⁶⁸, ou seja, pela justaposição de dizeres em Português e *Hunsrückisch*.

⁶⁸ As interações linguístico-comunicativas de Lauro, ao serem permeadas pelo fenômeno do *code-switching* desde os primórdios de suas produções de fala, motivaram o desenvolvimento do presente estudo. Tal circunstância captou a atenção da autora do trabalho, uma vez que o emprego da alternância linguística por parte de uma criança apresentou-se como um fato peculiar. Ainda que a autora – imersa em um contexto de bilinguismo desde sua infância – esteja familiarizada com a

Dessa forma, considerando o processo de bilinguismo simultâneo de Lauro, no presente trabalho se entende que ele detém duas línguas maternas. Torna-se válido mencionar que o menino dispõe de um certo arcabouço lexical em Língua Inglesa, cujo conhecimento vocabular se volta à categoria da alimentação e dos animais. Por esse motivo, por vezes implementa termos desse idioma em sua fala. No entanto, para a pesquisa, a análise da inserção de termos do inglês no interior de seus diálogos foi desconsiderada. Tal circunstância se justifica pelo fato de que Lauro utiliza o inglês de forma frequente somente com sua tia, além de suas produções nessa língua não serem demasiado recorrentes. Para tanto, ao não se considerar válido investigar seus atos comunicativos em Língua Inglesa, focaliza-se sua construção discursiva nas duas línguas em que é proficiente: Português e *Hunsrückisch*.

No que concerne às suas formas de ser e de agir, Lauro é extremamente ativo, demonstrando interesse em participar de diversas atividades. O menino revela-se curioso, manifestando entusiasmo em aprender questões concernentes a diferentes assuntos, de modo a realizar constantes questionamentos acerca de tais aspectos. Considerando sua residência na zona rural, adora brincar em espaços externos, realizando passeios e explorando os ambientes localizados nos arredores de sua casa. Além disso, demonstra animação em se envolver em brincadeiras relacionadas ao campo, dada sua imersão nesse contexto: lavoura, plantações, animais, gado, natureza, entre outros. Por isso, sua atividade favorita trata-se da construção de “fazendas”, fazendo uso, por exemplo, de bichinhos de plástico, de cercas, de celeiros e de cata-ventos. Valendo-se de tais componentes, simula cenários de dramatização, incentivando os familiares a se engajarem em tais tarefas. Ainda, adora realizar brincadeiras “faz de conta”, utilizando caminhões e carretas, os quais são usados para efetuar viagens simbólicas pelos estados do Brasil, tal como o avô caminhoneiro o faz.

O menino revela apreço, também, por livros, tendo sido incentivado a ouvir histórias desde seus primeiros meses de vida, especialmente por parte de sua mãe que, enquanto professora, possui inúmeros exemplares de Literatura Infantil. Todas as noites, antes de dormir, a figura materna lê obras para o menino que, de forma

comutação de códigos em situações dialógicas diárias, em seu contexto de inserção o fenômeno linguístico em questão é utilizado somente por jovens, adultos e/ou idosos bilíngues. Nessa perspectiva, a investigação do emprego do *code-switching* por parte de Lauro exibiu-se como um objeto de estudo interessante no que se refere ao campo linguístico.

comumente, as conta e reconta em português e em hunsriqueano, para toda a família. Outrossim, a criança adora representar aspectos próprios de tais histórias e de seu cotidiano através de desenhos, ilustrando-os de forma criativa. Ademais, simula a escrita de palavras, embora saiba identificar e escrever somente as letras de seu nome.

Com relação aos seus relacionamentos interpessoais, Lauro revela-se extremamente comunicativo com os sujeitos com os quais possui certo grau de proximidade e intimidade. Por outro lado, apresenta timidez e introspecção ao interagir com indivíduos que não conhece demasiadamente, necessitando de um período de tempo para ficar totalmente à vontade na conversa. Parte desse comportamento resulta da pandemia da COVID-19, na qual, durante os seus dois primeiros anos de vida, sua convivência ficou restrita unicamente ao círculo familiar. Além disso, no cenário atual de sua vida, dois outros fatores contribuem para que Lauro se manifeste mais introvertido: o fato de ainda não frequentar a escola e de residir em uma zona com fluxo baixo de pessoas. Para tanto, o contato maior com a família, com os parentes e vizinhos mais próximos instaura uma convivência com um círculo social restrito, não havendo muita expansão de relacionamentos interpessoais para além desse aglomerado de indivíduos.

3.2.1 O contexto de inserção sociocultural da criança

O sujeito da pesquisa, conforme mencionado previamente, reside no interior da cidade de Nova Petrópolis, no bairro denominado Linha Temerária, o qual comporta, dentre outras, a localidade do Tirol. Ainda que tal região pertença ao município nova-petropolitano, situado na Serra Gaúcha, a localidade do Tirol localiza-se em um vale. Dessa forma, demarca limite, a norte e a leste, com duas localidades do município: Linha Temerária e Stille Eck, respectivamente. Por outro lado, limita-se, a oeste, com a cidade de Vale Real (bairro Arroio do Ouro), situada na margem esquerda do Rio Caí e, a sul, com a cidade de Feliz (bairro Bananal).

Figura 1 – Localização da localidade Tirol no município de Nova Petrópolis



Fonte: Google Maps, 2023 (adaptado)

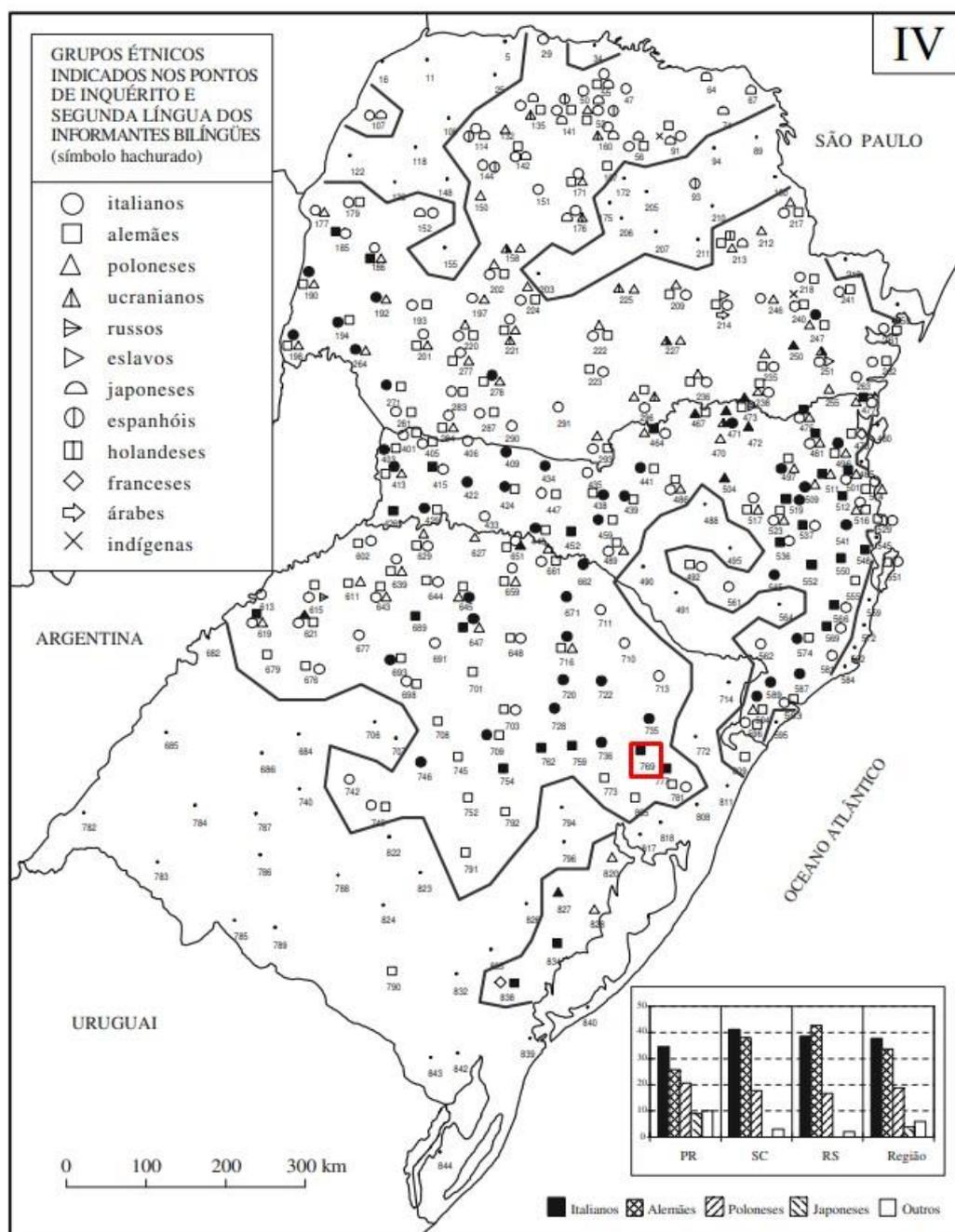
Presume-se que o Tirol⁶⁹ tenha sido colonizado por imigrantes alemães provenientes de Hunsrück, província localizada no sudoeste da Alemanha. Essa inferência advém do fato de os imigrantes germânicos assentados nas áreas limítrofes do Tirol serem oriundos dessa mesma região alemã (Assmann, 2020), tendo desembarcado no porto de São Leopoldo e firmado moradia por entre as matas da atual área do Vale do Caí.

O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) abrange um mapeamento das áreas bilíngues do sul de nosso país, divulgando os grupos étnicos presentes nessa zona territorial. Na Figura 2, destacou-se, na cor vermelha, o

⁶⁹ A titulação do nome da comunidade, de acordo com relatos informais, remonta ao estado de nome Tirol, situado na Áustria. No entanto, não se sabe o porquê dessa denominação austríaca na localidade de origem alemã nova-petropolitana, bem como se desconhece o responsável por nomear o local.

município de Nova Petrópolis, no qual se localiza o Tirol, sendo possível verificar que a cidade nova-petropolitana abrange inúmeros descendentes de imigrantes alemães. Além disso, o mapa revela que a área do Vale do Caí, ponto de chegada dos imigrantes germânicos no passado, ainda atualmente se apresenta como um berço de comunidades bilíngues português-hunsrückisch.

Figura 2 – Mapeamento das comunidades bilíngues na Região Sul do Brasil
 ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)
 Mapa Auxiliar IV - Plurilinguismo da área em estudo¹



Fonte: ALERS (Altenhofen; Klassmann, 2011, p. 63)

Os principais imigrantes que se estabeleceram na faixa territorial tirolense pertenciam às famílias Schneider, Weber, Pellenz, Massing, Hanauer, Reisdörfer, Scholl e Rauber. Sendo assim, após seu assentamento no Tirol, em data desconhecida, os imigrantes⁷⁰ iniciaram a organização de suas vidas, construindo casas de madeira, desarborizando espaços para a plantação de legumes e hortaliças, e instituindo formas de subsistência. Nesse contexto, cultivaram as tradições alemãs, sobretudo no que se refere à comunicação em hunsriqueano, à culinária germânica e às festividades de *Kerb* (em português, Quermesse).

No que se refere a um registro histórico, as atividades laborais dos residentes do lugar, anos após sua chegada, voltavam-se, especialmente, ao trabalho agrícola. Havia um enfoque na colheita e na posterior venda de hortifrutigranjeiros em cidades vizinhas, principalmente em Caxias do Sul, tendo as crianças, desde cedo, se envolvido em tais tarefas a fim de auxiliar seus pais no plantio dos alimentos. Outrossim, desenvolveram-se formas de comércio locais, tais como o surgimento de armazéns de venda de tecidos, legumes, frutas e vegetais; a fundação de fábricas de queijo e, anos depois, de calçados; o surgimento de açougues; a presença de espaços de venda de alfafa, entre outros. Tal cenário de comercialização também fomentou os fluxos diários de pessoas, as quais se dirigiam ao Tirol para efetuar a compra de recursos ou, ainda, para realizar a distribuição de tais materiais aos comerciantes. Além disso, alguns negociantes tirolenses estenderam suas vendas para além da comunidade, adquirindo carros e caminhões para comercializar seus produtos em outras regiões e estados brasileiros.

Com relação à educação, postula-se a fundação de uma escola por parte de J. E. Weber⁷¹ um dos trisavôs de Lauro. O homem revelou-se extremamente atuante na comunidade, exercendo a função de professor único do local ao longo de sessenta anos, dentre as décadas de 1920 e 1970. Nessa escola, ministrava aulas de Língua Portuguesa, a qual aprendeu após frequentar um seminário na cidade de

⁷⁰ As raízes genealógicas de Lauro advêm, pelas partes materna e paterna, de tais imigrantes alemães, visto que tanto o seu pai quanto a sua mãe reside no Tirol desde a infância. Realizando-se um recorte na linhagem sucessiva dos integrantes de sua família, pela parte de sua mãe, tem-se o fato de o menino ser a sétima geração de descendência alemã. O imigrante que veio da Alemanha tratou-se de Johann Weber (1816-1887), cuja entrada no Brasil se deu no dia 18/04/1855, na idade de 39 anos. O homem veio acompanhado de sua esposa, Helena Thomé, trazendo consigo oito filhos. Dentre esses, um de mesmo nome, Johann Weber (1840-1913); pai de Miguel Weber (1872-1955); pai de José Eduardo Weber (1900-1986); pai de sua bisavó materna, N. Schneider (1941); mãe de seu avô materno, G. L. Schneider (1962); pai de sua mãe, L. P. Schneider (1990); esta, por sua vez, mãe de Lauro S. R. (2019).

⁷¹ Ver nota de rodapé 70.

São Leopoldo. O homem ensinava esse idioma aos alunos, cuja única língua de conhecimento era o *Hunsrückisch*, incentivando-os à prática de leitura e escrita em português. Além disso, explorava o ensino de álgebra, estimulando os estudantes a realizarem operações matemáticas⁷². O espaço, enquanto escola exclusiva da comunidade, abrigava todas as crianças e os adolescentes da região. Divididos em quatro turmas, o ensino era multisseriado⁷³, comportando, simultaneamente, alunos de diferentes idades.

No que concerne às atividades de lazer, os residentes do local frequentavam um salão de bailes, da posse de J. E. Weber. Anos depois, foi construída, pelos moradores, a Sociedade Cultural Esportiva Tirol, fundada no ano de 1980⁷⁴. Desde então, as festividades passaram a ser celebradas em tal local⁷⁵, tendo como festa de maior relevância o *Kerb*. Ademais, outra atividade de enfoque dos habitantes voltava-se à devoção religiosa, na forma de comparecimento semanal às missas de cunho católico. Tais atos sucediam-se em uma igreja levantada pelos residentes do local, cujo novo prédio foi inaugurado no ano de 1956⁷⁶, sob a titulação de Igreja Nossa Senhora da Natividade.

Menciona-se que o panorama histórico apresentado tem como fonte relatos e depoimentos orais dos residentes mais antigos da localidade, uma vez que os dados informados não detêm nenhum registro formal, não constando em quaisquer documentos. No que se refere ao cenário atual, o Tirol abriga 139 habitantes⁷⁷. Os residentes tirolezes são, em grande maioria, descendentes dos imigrantes alemães que se estabeleceram na área nos tempos passados. Sendo assim, vivem ali desde a infância, tendo constituído família, de modo que tais agrupamentos familiares

⁷² A fim de facilitar o processo de aprendizagem dos educandos, José se valia da língua alemã para a comunicação, dado que a Língua Portuguesa era inédita. No entanto, a práxis educativa do professor em *Hunsrückisch* foi interrompida durante a Era Vargas, em virtude da proibição de interações na variedade germânica.

⁷³ Anos depois, com o desenvolvimento do município, instituições de ensino municipais foram estabelecidas, o que resultou na descontinuação do uso das escolas até então em funcionamento nas localidades do interior. Por isso, a escola fundada no Tirol parou de ser frequentada.

⁷⁴ O dado advém do registro de inauguração do local presente na Ata de Fundação, a qual se encontra atualmente na sociedade.

⁷⁵ A sociedade também sediou, durante anos, jogos de futebol do time tirolense denominado “Unidos”, cujas rodadas dos campeonatos municipal e intermunicipal revelavam-se a maior forma de entretenimento dos moradores da localidade. Na última década, o time finalizou sua participação nos eventos esportivos.

⁷⁶ O dado advém do registro de inauguração do local presente em ata, a qual se encontra atualmente na igreja.

⁷⁷ A informação é oriunda do mapeamento da quantidade de residentes da comunidade do Tirol, disponível na Unidade Básica de Saúde Vale do Caí, cuja UBS pertence ao município de Nova Petrópolis.

apresentem graus de parentesco, uma vez que seus integrantes cresceram juntos no local. Por isso, os habitantes são majoritariamente idosos, já aposentados, que mantêm, como ocupação, as atividades agrícolas. Seus filhos, por outro lado, trabalham em cidades vizinhas, desempenhando, majoritariamente, a função de professores, comerciantes, funcionários de fábricas, caminhoneiros etc.

No decorrer dos anos, por estar situada na zona rural, a localidade não experienciou um desenvolvimento significativo em termos de serviços e de infraestrutura. Portanto, faz-se presente, ainda hoje, uma ausência de estabelecimentos que possam atender às demandas comunitárias, tais como redes de comércio, supermercados e farmácias, bem como locais destinados ao atendimento hospitalar. A carência de tais instalações impõe a necessidade de os habitantes do Tirol se deslocarem ao centro da cidade ou a municípios vizinhos, localizados no entorno do local, a fim de terem acesso aos serviços necessários⁷⁸.

Em virtude desse cenário, as atividades de lazer dos tiroleses, passíveis de serem realizadas no local, restringem-se, tal como no passado, às missas semanais e aos eventos festivos que se sucedem na sociedade. Quanto ao último recinto, os sujeitos reúnem-se no espaço aos finais de semana, de modo que o ambiente se consolide como o maior ponto de encontro da comunidade. Ocorrem ali, ainda, almoços e jantas mensais que aproximam os habitantes locais.

A comunidade mantém viva algumas tradições alemãs, dentre as quais predomina a produção de alimentos próprios da culinária alemã, a realização do baile de *Kerb* e a comunicação em *Hunsrückisch* nas interações interpessoais. Com relação ao aspecto gastronômico, elaboram-se pratos típicos germânicos, tais como o chucrute, a chimia, as cucas, as linguiças cozidas, a salada de batata e os bolinhos de batata. Já no que se refere ao *Kerb*, a celebração realiza-se anualmente, no mês de setembro, reunindo grande parte das famílias da localidade. Há, na sociedade, um baile que reúne os residentes do local, os quais seguem com a festividade em suas casas nos dias subsequentes ao evento, como forma de confraternização coletiva.

⁷⁸ Na localidade da Linha Temerária, a qual demarca limite com o Tirol, há um estabelecimento de assistência médica, na condição de um posto de saúde municipal. Além disso, esse local conta também com uma instituição de ensino fundamental, a qual abriga as crianças em idade escolar da região. À vista disso, tais espaços atendem, em partes, a necessidade de acesso à saúde e à educação dos habitantes tiroleses.

No que diz respeito ao aspecto linguístico, os membros da comunidade apresentam-se, majoritariamente, bilíngues português-hunsriqueano. Tal fato é decorrente de os residentes terem constituído morada no local a vida inteira e, portanto, terem aprendido a língua de imigração desde a infância, mantendo sua comunicação por meio desse código. Os falantes monolíngues no Tirol tratam-se, sobretudo, das crianças e dos jovens nascidos nas duas últimas décadas, bem como dos habitantes advindos de outras regiões do Rio Grande do Sul ou, ainda, de outros estados brasileiros.

Tratando-se especificamente dos falantes bilíngues, sua produção discursiva em *Hunsrückisch* se dá, sobretudo, no domínio doméstico. Há um predomínio do uso dessa língua por parte dos membros mais antigos da comunidade, os quais o empregam frequentemente nas interações com os integrantes da família, também bilíngues. Além disso, ainda no âmbito residencial, a comunicação neste código se faz comum entre tais indivíduos e os seus vizinhos, dado que esses detêm uma relação de proximidade. A comunicação em português, por outro lado, se sucede predominantemente nas interações entre bilíngues e monolíngues ou, ainda, entre bilíngues que não possuem o hábito de utilizar a língua de imigração com frequência – ainda que o saibam.

Assim, verifica-se um cenário de contato linguístico entre o português e o hunsriqueano, o que acarreta a ocorrência de fenômenos linguísticos específicos. Dentre esses, menciona-se o emprego do *code-switching* nas situações comunicativas diárias dos falantes bilíngues tiroleses, havendo a contínua alternância entre fragmentos de fala proferidos, ora em uma língua, ora em outra. Além disso, fazem-se presentes, também, empréstimos e interferências, de modo a favorecer a incorporação de termos, palavras e expressões de um idioma no interior do outro.

Diante do exposto, constata-se que o contexto sociocultural de inserção de Lauro, ao ser pautado pelo cultivo das tradições alemãs, instaura um contexto de contiguidade linguística entre dois códigos. Nessa perspectiva, essa circunstância motivou sua aquisição bilíngue da linguagem, dado que a comunidade tirolense, ao cultivar vivo o uso cotidiano do *Hunsrückisch*, favoreceu o aprendizado dessa língua espontaneamente, de forma semelhante às gerações antepassadas de sua família. Em virtude desse fato, o menino apresenta-se, atualmente, como a única criança da comunidade que emprega o idioma alemão em suas interações interpessoais.

3.3 A LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO *HUNSRÜCKISCH*

O panorama sociocultural, histórico e econômico da região Sul do Brasil mostra-se pautado por uma dinâmica de imigração iniciada nos primórdios do século XIX. A regência governamental dos lusos, colonizadores de nosso país, instituiu o fomento à vinda de estrangeiros europeus após a consolidação da Independência, em 1822. Segundo Assmann (2020), o incentivo ao fluxo migratório europeu foi motivado pela ideia de que tais sujeitos poderiam

[...] ocupar áreas vazias, criar uma classe de pequenos proprietários rurais; contrabalançar o poder dos coronéis e caudilhos com a presença de colonos fiéis ao governo; estimular o plantio de novos produtos; estimular o uso da mão de obra livre e “clarear a população” (Assmann, 2020, p. 8).

Daí, nota-se o interesse do governo brasileiro na vinda dos imigrantes, em decorrência de sua chegada favorecer a apropriação de terras desocupadas, além da contribuição ao conhecimento técnico e ao desenvolvimento do trabalho agrícola. Ademais, a tentativa de “clarear” a população reflete os ideais de homogeneização étnica, racial e cultural que se faziam presentes naquele período.

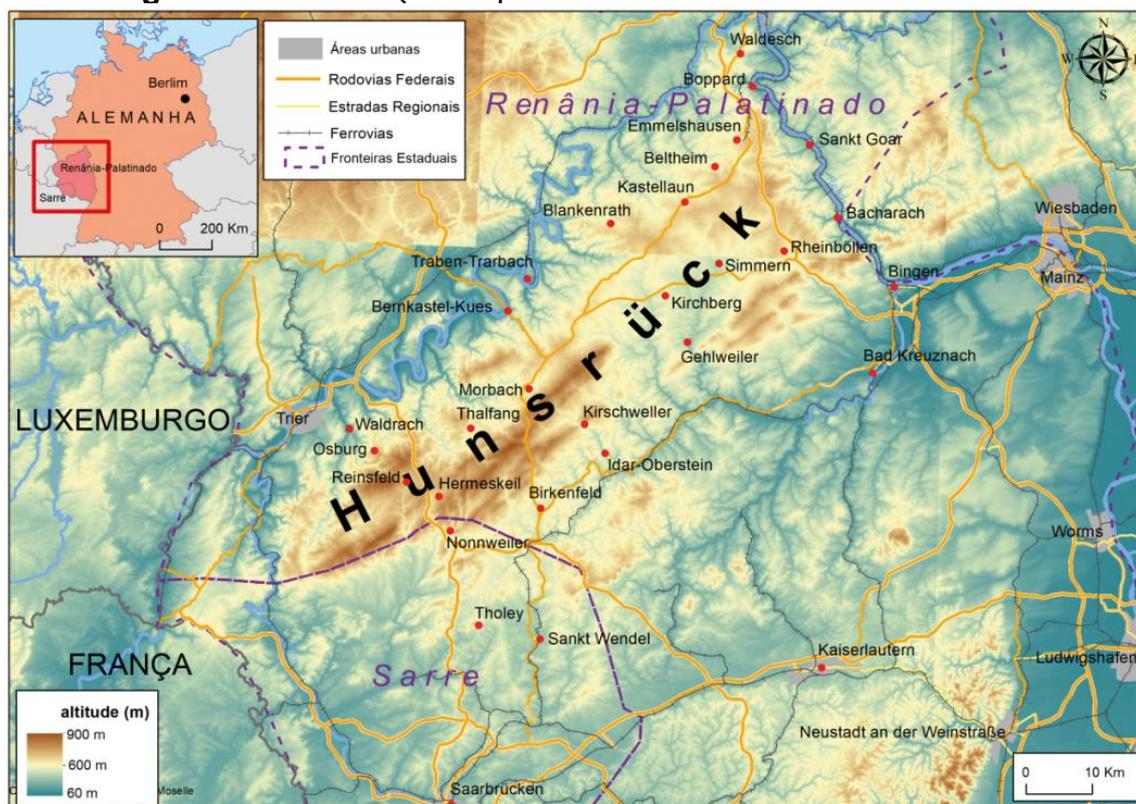
No tocante ao incentivo governamental para a vinda dos alemães, Weissheimer (2010, p. 13) menciona que a administração política brasileira ofereceu uma série de vantagens aos germânicos. Dentre essas, pode-se citar a promessa de que os imigrantes receberiam áreas de terra de 77 hectares; disposição de ferramentas, sementes e de gado; auxílio financeiro nos dois primeiros anos após a chegada e, ainda, isenção de impostos nos dez primeiros anos posteriores ao advento. Tais benefícios se apresentaram atraentes aos alemães, uma vez que a situação enfrentada por seu estado era traçada por dificuldades relativas à guerra napoleônica, à pressão demográfica e escassez de terras, às restrições religiosas e políticas e à não adaptação de uma parcela da população rural à industrialização e urbanização. A combinação de tais dificuldades econômicas, políticas e sociais motivou o abandono da pátria alemã por parte dos imigrantes, de modo que eles tenham visto, na possibilidade de vinda ao Brasil, a oportunidade de promover melhorias em suas vidas.

Nessa direção, iniciaram-se fluxos migratórios, tendo os imigrantes trazido consigo seus valores culturais e linguísticos. De acordo com Altenhofen (2018, *apud* Altenhofen; Morello *et al.*, 2018), 14 variedades do alemão foram identificadas no

Brasil, registrando comunidades de falantes: alemão (*Hochdeutsch*), hunsriqueano (*Hunsrückisch*), pomerano (*Pommerisch*), vestfaliano (*Westfälisch*), suíço (*Schweizer Deutsch*), boêmio (*Böhmisch*), tirolês (*Tirolisch*), bucovino (*Bukowinisch*), cachubo/cassúbio (*Wolgadeutsch*), suábio (*Schwäbisch*), menonita (*Mennoniten Deutsch*), bessarábio (*Rumänisch*), suábio do Danúbio (*Donauschwäbisch*) e “catador de café” (*Kaffeeflickersch*).

A dinâmica migratória propiciou a chegada de imigrantes alemães ao estado do Rio Grande do Sul (RS), tendo o primeiro grupo desembarcado nas terras gaúchas em 1824, na atual cidade de São Leopoldo⁷⁹ (Assmann, 2020, p. 12). Tais imigrantes vieram sobretudo da província germânica Hunsrück, localizada na Renânia Central, centro-oeste da Alemanha, cuja região abrange uma zona de elevação entre Birgen, Trier e Koblenz (Zschocke 1970, *apud* Altenhofen; Morello *et al.*, 2018). A localização da província pode ser analisada na Figura 1.

Figura 2 – Localização da província Hunsrück na Renânia Central



Fonte: Aldomar Rückert (2018, *apud* Altenhofen; Morello *et al.*, 2018)

⁷⁹ No período de desembarque dos imigrantes alemães tal local era denominado “Real Feitoria do Linho Cânhamo”. Em 1846, adquirindo a emancipação de Porto Alegre, passou a ser designado pelo nome de “Vila de São Leopoldo”, compreendendo “[...] os atuais municípios de Feliz, Portão, Capela, Rincão do Cascalho, São José do Hortêncio, Linha Nova, Vale Real, Alto Feliz e Nova Petrópolis, todos localizados na margem esquerda do Rio Caí [...]” (Weissheimer, 2010, p. 10).

Os sujeitos oriundos desse local se estabeleceram nas áreas gaúchas, trazendo consigo o dialeto alemão denominado *Hunsrückisch*. Segundo Altenhofen (1996), o *Hunsrückisch* apresenta-se como uma variedade⁸⁰ do alemão, de caráter suprarregional, empregado especialmente na região sul-brasileira. Para o autor, “[...] usando os termos da dialetologia alemã, [o *Hunsrückisch*] engloba um contínuo de variantes linguísticas que se estende do francônio-moselano ([+dialeto]) ao francônio-renano ([+próximo do *standard*]) [...]” (Altenhofen, 1996, p. 27). Dessa forma, o *Hunsrückisch* está no limiar de outras variantes alemãs, tendo obtido um caráter próprio em decorrência dessa “fusão” composicional de elementos linguísticos heterogêneos. A essa circunstância, acrescenta-se o fato de que, nas terras brasileiras, o emprego desse dialeto foi adquirindo outras especificidades, dado seu contato linguístico com a Língua Portuguesa.

Nesse entremeio, houve uma forte influência lexical e gramatical entre o *Hunsrückisch* e o português, o que acarretou a incorporação de termos, palavras e expressões particulares de uma língua no interior da outra. Essa adaptação linguística se deu em virtude das necessidades comunicativas, decorrentes do uso da variedade em um novo contexto social específico. Segundo Altenhofen, Steffen e Thun (2018, p. 19),

seja na oralidade ou na escrita, uma vez que o entorno no Novo Mundo era bastante diferente do continente europeu, surgiu a necessidade de designar os elementos desconhecidos. Assim, de um lado, foram criadas muitas novas palavras (neologismos); de outro, os novos vizinhos lusofalantes é que forneciam os termos que seguidamente eram assimilados às próprias regras gramaticais e de pronúncia, às vezes aparentemente sem consciência da sua origem do português.

No que se refere ao *status* sociolinguístico do *Hunsrückisch*, tem-se possibilidades de terminologias distintas para conceituar essa variedade, mediante o seu contexto de emprego. Segundo Anschau (2010, p. 30), o *Hunsrückisch* pode ser considerado, no Brasil, uma língua de imigração, isto é, uma língua trazida por imigrantes no momento de sua chegada a um novo local, nesse caso, as terras brasileiras. Para Altenhofen (1998, *apud* Habel, 2014, p. 24), pode-se elencar alguns aspectos relativos às línguas de imigração, sendo essas passíveis de ser: línguas de

⁸⁰ Altenhofen (2013, p. 148) postula que, tal como proposto por Weinreich (1954), “o termo variedade é utilizado [...] como termo neutro para designar um modo de falar integrado na matriz pluridimensional total de variação da língua”.

grupo, línguas com variedades de fala heterogênea, línguas em movimento e línguas em contato. O hunsriqueano, dado seu caráter de ter sido trazido por um agrupamento social provindo da Alemanha, configura-se como uma língua de grupo.

De acordo com Borella e Zimmer (2009), a língua de imigração se configura como tal não somente devido ao fato de advir de um processo migratório, mas também em virtude de se revelar uma língua minoritária. Essa, por sua vez, se caracteriza por um desprestígio social, cultural e/ou político frente a uma língua que detém um *status* social mais prestigiado (Altenhofen, 2013). Nessa perspectiva, tomando por base o contexto do *Hunsrückisch*, essa variedade do alemão revela-se minoritária, dado que possui um destaque inferiorizado socialmente por efeito da Língua Portuguesa – idioma oficial do país. Segundo Spinassé (2017), a diglossia⁸¹ instaurada entre o português e o hunsriqueano favorece o apagamento da língua minoritária, o que, por conseguinte, acarreta a sua marginalização, fomentando o *status* de negatividade atrelado a essa língua.

A autora aponta que um dos fatores que contribui também para o *status* negativo dessa língua de imigração trata-se da constante comparação de sua estrutura à do alemão *standard (Hochdeutsch)*. Tomando esse último como parâmetro, em uma abordagem contrastiva, assinala-se socialmente o fato de o *Hunsrückisch* apresentar inúmeros desvios à variedade “padrão” do alemão (Spinassé, 2017, p. 98). A estudiosa menciona que os empréstimos do português à língua de imigração – devido aos fatores mencionados anteriormente – também são considerados negativos, já que são apontados como o indício do empobrecimento dessa variedade no decorrer dos anos. Essa ideia faz-se presente tanto no imaginário dos falantes da língua de imigração, quanto no dos sujeitos sociais “externos” ao uso do idioma.

Borella e Zimmer (2009) evidenciam a atitude pejorativa oriunda dos falantes relativa ao *Hunsrückisch*, mencionando, inclusive, a importância do *status* de língua de imigração em detrimento da noção de dialeto. Para as pesquisadoras, “de acordo com a política linguística atual, [...] a substituição fez-se para que a acepção pejorativa do termo pudesse ser desfeita” (Borella; Zimmer, 2009, p. 1).

⁸¹ Segundo Calvet (2002, p. 167), a diglossia se trata do “uso de duas línguas ou de duas variedades linguísticas dentro de uma mesma comunidade linguística, cada uma delas detentora de um status social determinado, o que lhe garante um conjunto específico de usos”.

Isso porque a definição de dialeto frequentemente designa um código (não-padrão) inscrito e subordinado a uma língua (padrão). Assim, tem-se uma língua de categoria superiorizada, a qual abarca variedades dialetais, de modo que se fale em “dialeto de uma língua” em desfavor de “línguas de um dialeto” (Horst, 2014). Além disso, a ideia de dialeto remonta o que é essencialmente oralizado, de forma a não dotar estrutura gráfica alguma. À vista disso, Altenhofen (2008, p. 32) aponta que

o escrito, ensinado na escola com auxílio de uma gramática, representa o certo, o oficial, a língua propriamente dita, e contrasta com o dialeto, a sua interface falada, à qual se incorpora uma série de atributos negativos, a tal ponto de se ouvir muitas vezes juízos de valor depreciativos como “das is kee Sproch” (‘isso não é língua’).

Percebe-se, daí, o estigma inerente à concepção de dialeto relacionado ao *status* histórico e social atrelado ao termo. A carência de uma ordenação gráfica própria ao dialeto o dissocia da esfera de escolarização, já que o ensino institucionalizado tem por metodologia basilar o sistema gráfico da linguagem. Conforme proposto por Bagno (2014, p. 38), em tais situacionalidades “[...] o termo dialeto aparece empregado sem nenhum rigor científico, mas sempre como um rótulo para designar alguma coisa ‘menor do que uma língua’”. Dessa forma, o reconhecimento oficial que o Estado deposita na língua e na valorização da tradição de sua modalidade escrita, ao se estender à crença popular, acaba resultando na depreciação do dialeto.

Para Coseriu (1982), no que se refere à ordem sistêmica, não se pode estipular diferenças entre um dialeto e uma língua, já que o primeiro, assim como o segundo, detém um sistema fonético, sintático e lexical. Para o autor, o dialeto configura uma forma coletiva de linguagem, a possibilidade de inter-relação entre os sujeitos. Na mesma direção, Camacho (2004) elucida que os dialetos e as línguas se desvelam como complexos em uma mesma medida, sendo ambos efetivos no que tange à sua funcionalidade linguístico-comunicativa. Para o autor, as línguas e variedades dialetais oportunizam aos falantes meios plausíveis para a expressão de conceitos, não instituindo limitações cognitivas à percepção e produção de enunciados (Camacho, 2004, p. 4).

Spinassé (2008), assim como outros linguistas, consideram o *Hunsrückisch* não como um dialeto do alemão padrão, mas como um sistema linguístico próprio. Para a estudiosa, a aceção mais adequada seria “socioleto” (linguagem diária de um determinado grupo) ou “famílioleto” (forma de fala específica e característica de

uma família) (Spinassé, 2008, *apud* Fritsch, 2018, p. 20). A apropriação de tal conceituação recai no fato do hunsriqueano se apresentar como um código linguístico amplamente utilizado em comunidades e círculos sociais específicos.

Além disso, ainda que o *Hunsrückisch* tenha sua origem relativa à variedade padrão da língua alemã, Altenhofen (1996) postula que, no domínio nacional de nosso país, essa língua não detém mais um *status* dialetal. Para o pesquisador, caso o termo “dialeto” fosse empregado, o hunsriqueano se constituiria uma “variedade sem teto” (Altenhofen, 1996, p. 71), já que não está subordinado a um sistema linguístico de classe superior.

Diante das circunstâncias descritas, nota-se uma variabilidade relacionada às acepções terminológicas do *Hunsrückisch*. No presente trabalho, adota-se a concepção de língua de imigração relacionada ao hunsriqueano, em virtude da dinâmica migratória e das especificidades que o código adquiriu no cenário sociocultural brasileiro. Ademais, torna-se fundamental pontuar que o *Hunsrückisch* se apresenta como a língua de imigração mais falada no Brasil, sendo considerada patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul pela lei 14.069, de 23 de julho de 2012. Nas pesquisas linguísticas atuais, as quais tomam a língua como objeto de estudo, destaca-se o projeto denominado Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: *Hunsrückisch* (ALMA-H), coordenado por Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS) e por Harald Thun (Univ. Kiel, Alemanha).

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta dos dados de fala de Lauro sucedeu-se no decorrer de quatorze meses, apresentando um caráter longitudinal, iniciando quando o menino tinha 2 anos e 10 meses e estendendo-se até os seus 4 anos de idade. A responsável pelo registro dos dados foi a autora do trabalho, tendo esse processo se dado através de gravações realizadas em formato audiovisual – empregando um dispositivo celular. Menciona-se que a autora, ao organizar as gravações, esteve presente em algumas situações comunicativas, na condição de interlocutora da criança; no entanto, ela não se apresentou como alocutária de Lauro em todas as interações que compõem o *corpus* do presente estudo.

Para as gravações audiovisuais, a autora valeu-se de um celular modelo Samsung Galaxy S8, com sistema operacional Android. O dispositivo detém uma

câmera de 12 megapixels, tendo os vídeos sido capturados com uma resolução de 720p, isto é, 1280x720 *pixels*. Os registros foram arquivados em um cartão de memória SanDisk Ultra com capacidade de 128GB de armazenamento. Além disso, após a finalização de cada unidade de gravação, as sessões foram duplicadas, tendo sido acomodadas em um computador Intel Core I7-9700K com placa de vídeo RTX 2060, memória RAM de 16GB e SSD de 256GB.

A preferência pelo modo audiovisual das gravações recai no fato de que esse formato possibilita a análise global do contexto de produção de discurso, de forma a capturar a situacionalidade da comunicação em andamento. Para tanto, pode-se verificar não somente a construção da fala da criança, como também se atentar aos aspectos não-verbais da enunciação. Posto isso, tem-se acesso a um registro completo do discurso, o que propicia a observação de fatores inerentes à conjuntura dos atos conversacionais.

As sessões de gravação têm duração aproximada de 1h, tendo ocorrido com frequência semanal ou quinzenal. O palco principal das filmagens foi o ambiente doméstico, de forma que elas se realizaram, principalmente, na casa dos pais do menino e de seus avós maternos, uma vez que ambas as residências se revelam como os locais mais frequentados pelo sujeito da pesquisa. Ainda assim, alguns registros ocorreram na moradia de seus avós paternos, bem como no aposento de alguns vizinhos, em situações de visita a tais indivíduos.

Nesse sentido, a maioria dos atos comunicativos coletados para a pesquisa se dão entre o menino e o seu núcleo familiar de maior proximidade: mãe, pai, avós maternos e paternos, tia e tio (companheiro da tia), e bisavó materna. Além disso, determinados episódios dialógicos se sucedem com uma prima, a mãe da prima, um padrinho, a irmã do padrinho e uma vizinha (avó da prima). No que se refere às características identitárias desses sujeitos, com exceção do tio, todos são descendentes de imigrantes alemães, nascidos no Brasil. Assim, viveram pelo menos sua infância no Tirol, ainda que em momentos posteriores de sua vida tenham se mudado a outras cidades vizinhas. O tio, por sua vez, é oriundo da região nordeste brasileira, residindo no estado gaúcho há poucos anos.

A fim de contextualizar os sujeitos participantes dos discursos do menino, elencar-se-á a idade de cada um, bem como seu bilinguismo português-hunsrückisch ou o monolinguismo português. A mãe de Lauro (MAE) tem 33 anos e é bilíngue; seu pai (PAI) tem 39 anos e é bilíngue; a avó materna (VNI) tem 62 anos

e é bilíngue; o avô materno (VGA) tem 61 anos e é bilíngue; a avó paterna (VLI) tem 58 anos e é bilíngue; o avô paterno (VRE) tem 63 anos e é bilíngue; a tia (DIA) tem 25 anos e é bilíngue; o tio (DIO) tem 24 anos e é monolíngue; a bisavó materna (BIS) tem 82 anos e é bilíngue; a prima (PNA) tem 8 anos e é monolíngue; a mãe da prima (PCA) tem 36 anos e é bilíngue; o padrinho (PWI) tem 34 anos e é bilíngue; a irmã do padrinho (TAL) tem 25 anos e é bilíngue; a vizinha (VYO) tem 65 anos e é bilíngue.

Quadro 1 – Interlocutores do sujeito da pesquisa

SUJEITO	IDADE	IDENTIDADE LINGUÍSTICA
Mãe de Lauro (MAE)	33 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Pai de Lauro (PAI)	39 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Avó materna de Lauro (VNI)	62 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Avô materno de Lauro (VGA)	61 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Avó paterna de Lauro (VLI)	58 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Avô paterno de Lauro (VRE)	63 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Dinda de Lauro (DIA)	25 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Dindo de Lauro (DIO)	24 anos	Monolíngue português
Bisavó materna de Lauro (BIS)	82 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Prima de Lauro (PNA)	8 anos	Monolíngue português
Mãe da prima de Lauro (PCA)	36 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Padrinho de Lauro (PWI)	34 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Irmã do padrinho de Lauro (TAL)	25 anos	Bilíngue português-hunsrückisch
Vizinha de Lauro (VYO)	65 anos	Bilíngue português-hunsrückisch

Fonte: elaborado pela autora

Assim, a produção discursiva de Lauro foi registrada em momentos de interação espontânea com tais parceiros comunicativos, o que tornou possível a apreensão de sua fala natural, permeada pelo uso concomitante de suas duas línguas maternas. Dentre o *corpus* construído, foram selecionados trechos significativos que elucidassem o *code-switching* empregado pela criança. Tais passagens foram submetidas a transcrições linguísticas, bem como a traduções – no caso dos dizeres em *Hunsrückisch*. Esse processo proporcionou a captação dos fatores motivadores da comutação de códigos nos contextos linguístico-sociais em enfoque, no que se refere, especialmente, à alternância linguística em função dos interlocutores de Lauro.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresenta-se a análise e discussão dos dados coletados, os quais contemplam um conjunto de diálogos produzidos por Lauro em situações de interação com os seus familiares e parentes de contato regular. A maioria desses sujeitos, na condição de participantes das conversas, emprega de forma comumente o *code-switching*, uma vez que são, tal como o menino, bilíngues português-hunsrückisch. No entanto, menciona-se que a investigação da alternância linguística recairá somente nos turnos de fala das produções discursivas da criança. Dessa forma, atentar-se-á às atividades linguísticas do menino, isto é, à comutação de códigos utilizada por ele ou às formas de resposta dele quanto à alternância empregada por seus interlocutores.

No tocante à transcrição dos dados, a alternância linguística do sujeito da pesquisa apresenta-se destacada em negrito, ao passo que turnos de fala significativos compreendendo o *code-switching* de seus interlocutores mostram-se destacados em itálico. Outrossim, torna-se válido pontuar que no processo de transcrição dos trechos das gravações observou-se a incidência de termos da Língua Portuguesa incorporados à sintaxe do *Hunsrückisch*, empregados de forma adaptada a esse idioma. Alguns desses vocábulos são utilizados de forma regular na condição de empréstimos já adaptados⁸² à pronúncia vernacular dessa língua de imigração. Além disso, faz-se presente, também, a interferência linguística do sistema do português brasileiro no interior do *Hunsrückisch*. Tal circunstância realiza-se através da transferência da estruturação fonética, sintática, morfológica e/ou lexical de nossa língua nacional no domínio estrutural da variedade germânica, culminando na produção de termos e expressões inéditas⁸³.

⁸² Como exemplo, pode-se mencionar os verbos “*attacker*” (atacar), “*resolvere*” (resolver) e “*salvere*” (salvar), bem como os substantivos “*lagart*” (lagarto), “*manjock*” (mandioca) e “*batatt*” (batata).

⁸³ A fim de explicitar esse fato, utilizar-se-á dois exemplos próprios do [Dado 1]. A criança da pesquisa proferiu o termo “*piseerd*”, empregando-o com o sentido de “pisou”. Para isso, valeu-se do radical {pis} da Língua Portuguesa, adicionando, a esse elemento, um dos morfemas de pretérito do *Hunsrückisch*: “*eerd*”, constituindo, assim, uma nova expressão. Um fato semelhante relacionado à interferência ocorreu em outra fala do menino, própria do mesmo [Dado 1], tendo a criança pronunciado a palavra “*Memeche*”, com um sentido de “vaquinha”. Sendo assim, elaborou o vocábulo utilizando o termo “*memé*” (onomatopeia do som de uma vaca), adicionando, a ele, o morfema de diminutivo “*che*”.

No presente estudo desconsideram-se, para fins de análise do *code-switching*, os empréstimos e as interferências, de modo que haja um enfoque na investigação dos vocábulos empregados no interior das línguas sem quaisquer adaptações. Sendo assim, o trabalho não tem por objetivo realizar um exame da estrutura interna das palavras, de caráter morfossintático. Ademais, postula-se, também, que o estudo não tem o propósito de analisar se as escolhas linguísticas do menino seguiram ou não as expectativas contextuais, de acordo com o modelo de marcabilidade linguística (Myers-Scotton, 1993). Assim, aponta-se que tal circunstância se mostra passível de ser observada em trabalhos futuros.

Portanto, intenta-se investigar o *code-switching* intra-sentencial, inter-sentencial e entre enunciados (Dabène e Moore, 1995) motivado pela interação linguístico-identitária dos participantes discursivos. À vista disso, busca-se perceber que elementos indexicalizam a identidade do interlocutor, favorecendo a escolha linguística do sujeito da pesquisa. Para tanto, a análise se sucede, especialmente, por meio da noção de indexicalidade (Silverstein, 2003), cujo enfoque recai na inter-relação entre o falante e o ouvinte, mediante sua imersão em um contexto situacional específico de comunicação linguística e social.

Nessa perspectiva, os dados foram selecionados de modo a focalizar trechos significativos no que se refere à troca interpessoal, elucidando a alternância linguística em função do(s) interlocutor(es) da criança. Com esse propósito, todos os dados contemplam diálogos do menino com, no mínimo, dois alocutários, tendo sido descartados da análise situações de interação do sujeito da pesquisa com um único interlocutor. No intuito de favorecer a organização dos turnos de fala de todos os participantes da conversa, foram utilizadas siglas, cada qual indicando um sujeito do discurso. Além disso, menciona-se que a apresentação dos turnos de fala desses indivíduos é permeada por descrições de atividades não-verbais, as quais apoiam a significação dos enunciados.

4.1 SITUAÇÃO INTERATIVA 1

Na situação interativa exposta na primeira interlocução, Lauro (LAU) está interagindo com os seus tios (DIA e DIO), percebe-se a incidência do *code-switching* em diversas passagens. No início do recorte do diálogo, LAU e DIO conversam em português, tendo o menino lhe dito que gostaria de sair da cabana para visualizar o

seu telhado. A escolha linguística do menino justifica-se em virtude de a criança ter apreendido elementos que indexicalizam a identidade do interlocutor: ele é um homem, é jovem, é o companheiro da tia e é um falante monolíngue português. Nessa perspectiva, esses aspectos mapeiam traços identitários do alocutário, de modo a direcionar as interações entre ambos e influenciar a língua de comunicação em seus diálogos. Sendo assim, dado que DIO não compreende o *Hunsrückisch*, necessariamente sua inter-relação linguístico-social deve se dar em Língua Portuguesa.

[DADO 1]
3 anos e 4 meses

Na situação transcrita a seguir, Lauro (LAU) está na sala da casa de seus avós maternos, envolvendo-se em uma brincadeira com os seus tios (DIA e DIO). A brincadeira se dá em uma cabana, construída a partir do uso de lençóis e prendedores, a fim de que seja utilizada como a “casa” de LAU e de seus interlocutores. Nesse entremeio, LAU inicia uma dramatização, simulando ser o pai de DIA e DIO, atuando como a figura responsável pela realização das tarefas do lar. Na ocasião, o lençol que representava o telhado da cabana se desprende e acabou por cair. Valendo-se de pegadores, DIA saiu de dentro da cabana com a finalidade de arrumar o lençol, enquanto LAU e DIO permaneceram no espaço. O trecho selecionado sucede-se após LAU ver que DIA havia concluído o conserto do telhado.

Quadro 2 – Transcrição e Tradução da Situação Interativa 1

	TRANSCRIÇÃO ORIGINAL		TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS	
01	LAU	Eu quero olhar o telhado [falando para DIO]	LAU	Eu quero olhar o telhado [falando para DIO]
02				
03	DIO	Quer olhar o telhado?	DIO	Quer olhar o telhado?
04	LAU	Sim.	LAU	Sim.
05	DIO	Mas a dinda já arrumou ele, olha ali.	DIO	Mas a dinda já arrumou ele, olha ali.
06				
07	LAU	Eu quero ir lá fora.	LAU	Eu quero ir lá fora.
08	DIO	Agora?	DIO	Agora?
09	Com	[LAU assentiu]	Com	[LAU assentiu]
10	DIO	Tem que pedir pra dinda.	DIO	Tem que pedir pra dinda.
11	Com	[DIA entrou na cabana]	Com	[DIA entrou na cabana]
12	LAU	Dinda, Ich kann rausgehn? De	LAU	Dinda, posso sair? Bota o clips ali e

13		clips ⁸⁴ do hin-dun un dann du dust			daí você grita: socorro .
14		nommol schreue: socorro .			
15	DIA	For was willst-du de clips hole?		DIA	Por que você quer pegar o clips?
16	LAU	Dud die Deer uff-mache.		LAU	Abre a porta.
17	DIA	Wart mol, ich muss die Fio nore		DIA	Espera. Eu preciso só ajeitar o fio,
18		richtich mache, dud nore bissje			espera só um pouco.
19		waarte			
20	DIO	<u>Tu acha que ficou bonito [o</u>		DIO	<u>Tu acha que ficou bonito [o telhado]?</u>
21		<u>telhado]?</u>			
22	LAU	Sim, ta bonito, ta muito grande.		LAU	Sim, ta bonito, ta muito grande.
23	DIO	Não ficou pequeno?		DIO	Não ficou pequeno?
24	LAU	Não, não ficou pequeninho. Eu só		LAU	Não, não ficou pequeninho. Eu só
25		gosto de casa grande.			gosto de casa grande.
26	DIA	<u>Tá. Jetz ich dun die Deer uff-</u>		DIA	<u>Tá. Agora eu abrirei a porta. Você</u>
27		<u>mache. Willst-du raus-komme?</u>			<u>quer sair?</u>
28	LAU	Fer de Dach gucke.		LAU	Para olhar o telhado.
29	DIA	Ah, tá bom! Kenne-mer so losse		DIA	Ah, tá bom! Podemos deixar um
30		bissje, muss-ma nore uffbasse			pouco assim, só precisamos tomar
31		[mostrando a porta da cabana			cuidado. [mostrando a porta da
32		aberta]. Guck mol, das dud alles			cabana aberta]. Olha, vai cair
33		runner-falle [apontou para a			tudo [apontou para a estrutura
34		estrutura capenga da cabana].			capenga da cabana]. Dá-me o
35		Gebb meer die prendedor.			prendedor.
36	LAU	Dinda, nohher komme ich nommol		LAU	Dinda, depois eu sairei novamente da
37		aus die Cabana . Wie is de Dach?			cabana . Como está o telhado?
38	Com	[Saiu e ficou olhando o telhado, e		Com	[Saiu e ficou olhando o telhado, e
39		depois veio até a porta da cabana]			depois veio até a porta da cabana]
40	DIA	Du musst hier rin bleive. Meer		DIA	Você precisa ficar aqui. Precisamos
41		kenne Esse mache.			fazer comida.
42	LAU	Ich dun Esse dohin mache.		LAU	Eu farei comida ali.
43	DIA	Tá bom. Kenne-mer dohin mache		DIA	Tá bom. Podemos fazer ali então.
44		dann.			
45	LAU	Saan meer for de Nennë: die Esse		LAU	Fala para o bebê: a comida está
46		dud queimeere ⁸⁵			queimando.
47	DIA	Wo was?		DIA	Por quê?
48	LAU	Wal das dud queimera [sai da		LAU	Porque está queimando [sai da
49		cabana]. Dinda, gehd mol rin un			cabana]. Dinda, entre e então você
50		dann du dust “ socorro ” schreue.			gritará “socorro”.
51	DIA	Ta. Solle ich dojin rin bleive?		DIA	Ta. Devo permanecer aqui?
52	LAU	Jo.		LAU	Sim.
53	Com	[Dinda entra na cabana e se senta		Com	[Dinda entra na cabana e se senta no
54		no colchonete posicionado no chão]			colchonete posicionado no chão]
55	LAU	Dinda, Ich gehn de clips hole gehn.		LAU	Dinda, irei buscar os clips.
56	DIA	<u>Cuida, cuida! Vai cair p(a)ra trás</u>		DIA	<u>Cuida, cuida! Vai cair para trás</u>
57	Com	[LAU se apoiou na cadeira que		Com	[LAU se apoiou na cadeira que
58		estava segurando o lençol]			estava segurando o lençol]
59	LAU	Por quê?		LAU	Por quê?
60	DIA	Tu não pode se apoiar aqui, se não		DIA	Tu não pode se apoiar aqui, se não
61		essa cadeira vai cair em cima da			essa cadeira vai cair em cima da
62		gente. Tá bom?			gente. Tá bom?

⁸⁴ Desconsiderou-se o emprego do termo “clips” como *code-switching*, uma vez que se trata de um empréstimo da Língua Inglesa já incorporado nas produções discursivas do português-brasileiro.

⁸⁵ Elaboração de um termo específico, por parte do sujeito da pesquisa, cujo sentido se trata de “queimar”.

63	Com	[LAU entrou na cabana com cuidado]	Com	[LAU entrou na cabana com cuidado]
64				
65	DIO	Mas então agora tem que fechar a	DIO	Mas então agora tem que fechar a
66		porta, se não o lobo vai vir.		porta, se não o lobo vai vir.
67	LAU	Alguém?	LAU	Alguém?
68	DIA	Alguém o quê? Alguém vai vir?	DIA	Alguém o quê? Alguém vai vir?
69	LAU	Sim. [se direciona novamente para	LAU	Sim. [se direciona novamente para a
70		a porta da cabana]. Dinda, Ich		porta da cabana]. Dinda, eu vou
71		gehn fort etwas hole und dann		embora pegar algo e então você
72		du dust schreue: socorro,		grita: socorro, socorro.
73		socorro.		
74	DIA	Tá. Dust-du gleich komme?	DIA	Tá Você voltará logo?
75	LAU	Jo.	LAU	Sim.
76	DIA	Ich dun bissje schlofe.	DIA	Irei dormir um pouco.
77	LAU	Un dann du dust schreue: socorro,	LAU	E então você gritará: socorro,
78		socorro.		socorro.
79	DIA	Jetzt?	DIA	Agora?
80	LAU	Jo.	LAU	Sim.
81	DIA	Socorro, socorro, kommd hier.	DIA	Socorro, socorro, venha cá.
82	DIO	<u>Me ajuda, Lauro.</u>	DIO	<u>Me ajuda, Lauro.</u>
83	LAU	Dinda, fala pro dindo: calma, o	LAU	Dinda, fala pro dindo: calma, o
84		papai não tá em casa ainda.		papai não tá em casa ainda.
85	DIA	Calma dindo, o papai ainda não tá	DIA	Calma dindo, o papai ainda não tá
86		em casa, mas logo ele vai vir.		em casa, mas logo ele vai vir.
87	DIO	Tá bom. [LAU simula um barulho	DIO	Tá bom. [LAU simula um barulho do
88		do lado de fora]. Quem é?		lado de fora]. Quem é?
89	LAU	O teu papai. A porta tá aberta pra	LAU	O teu papai. A porta tá aberta pra
90		mim entrar?		mim entrar?
91	DIA	Sim, pode entrar.	DIA	Sim, pode entrar.
92	LAU	Oi.	LAU	Oi.
93	DIO	Oi.	DIO	Oi.
94	DIA	<u>Heer mol, Ich hon hunger.</u>	DIA	<u>Escuta, eu estou com fome.</u>
95	LAU	Eu tô fazendo [comida]. Agora tá	LAU	Eu tô fazendo [comida]. Agora tá
96		saindo fumaça da chaminé.		saindo fumaça da chaminé.
97	DIA	Mas por que tá saindo fumaça?	DIA	Mas por que tá saindo fumaça?
98	LAU	Porque eu tô fazendo churrasco de	LAU	Porque eu tô fazendo churrasco de
99		galeto, pizza, Herzje e picanha.		galeto, pizza, coraçõzinho e
100				picanha.
101	DIA	Ah, tá bom. Eu to com fome.	DIA	Ah, tá bom. Eu tô com fome.
102	DIO	Eu também quero um pouco.	DIO	Eu também quero um pouco.
103	Com	[LAU simulou estar preparando a	Com	[LAU simulou estar preparando a
104		comida na porta da cabana]		comida na porta da cabana]
105	DIA	<u>Is schon fertich gebb?</u>	DIA	<u>Já ficou pronto?</u>
106	LAU	Não. Dinda, fala pro dindo: escuta,	LAU	Não. Dinda, fala pro dindo: escuta,
107		uma coisa tá fazendo barulho.		uma coisa tá fazendo barulho.
108	Com	[LAU simula um barulho alto]	Com	[LAU simula um barulho alto]
109	LAU	Dinda, tá vindo um helicóptero	LAU	Dinda, tá vindo um helicóptero
110	DIA	Nossa, ele tá voando em cima da	DIA	Nossa, ele tá voando em cima da
111		nossa cabana.		nossa cabana
112	Com	[LAU continua simulando o barulho	Com	[LAU continua simulando o barulho
113		do helicóptero]		do helicóptero]
114	DIA	Para onde ele tá indo?	DIA	Para onde ele tá indo?
115	LAU	Para Porto Alegre.	LAU	Para Porto Alegre.
116	DIA	Ah, tá bom! Boa viagem então.	DIA	Ah, tá bom! Boa viagem então.
117	Com	[O diálogo continuou em português]	Com	[O diálogo continuou em português]

--	--	--

Fonte: elaborado pela autora

Na cena em questão, o primeiro *code-switching* se dá no momento em que o menino se dirige à DIA, questionando-a com “Dinda, ich kann rausgehn?” (l.13), de modo a promover uma alternância da Língua Portuguesa, até então em uso, para o *Hunsrückisch*. Essa comutação de códigos se dá de forma intersentencial, uma vez que é empregada em turnos próximos da conversação, relacionadas a um mesmo tópico do discurso.

A alternância linguística em questão foi motivada em virtude de DIA se apresentar como interlocutora de LAU. Ao enunciar “dinda” (l.12), o menino está defronte de elementos que compõem a identidade dessa participante discursiva: ela é uma mulher, é jovem, é sua tia (irmã da mãe) e é bilíngue português-hunsrückisch. A relação entre o garoto e a figura feminina é atravessada por proximidade, sendo ambos conectados por fortes laços e vínculos de afetividade. Devido a isso, o garoto sabe que, no que se refere ao aspecto linguístico, a dinda enuncia um falante que tem habilidades de se comunicar nas mesmas duas línguas nas quais ele produz discursos. Tal fato instaura a possibilidade de, ao se encaminhar a ela, Lauro proferir seu dizer em hunsriqueano. Menciona-se, aqui, o fato de que o menino poderia ter mantido o discurso em português, uma vez que a tia teria compreendido. No entanto, a escolha por realizar uma alternância linguística elucida uma troca identitária já estabelecida entre ambos: por estarem imersos em um contexto de intimidade e afetividade, instituiu-se um “acordo” concernente à língua principal de comunicação entre eles. Sendo assim, tem-se a circunstância de que o *Hunsrückisch* é o idioma que predomina em suas interações linguísticas, o que revela uma negociação de identidades já consolidada.

Nesse mesmo turno da fala de Lauro, o garoto exprime o seguinte dizer: “Die clips do hin-dun un dann du dust nommol schreue: ‘socorro’” (l.12-14). Verifica-se que o discurso do menino comporta o termo “socorro”, em português, o que configura um *code-switching* intra-sentencial unitário. A inclusão desse termo em português no dizer em alemão volta-se ao fato do item lexical “socorro” comportar uma significação “completa”, em virtude de deter um sentido definido no que se refere ao ato de pedir ajuda. Na variedade alemã, para que a criança expressasse um significado semântico semelhante provavelmente teria de construir uma sentença

com vários vocábulos, em uma produção similar a “du muss mich hellfe” (pt. você precisa me ajudar). Contudo, a preferência pelo termo “socorro” evidencia que uma construção em alemão provavelmente destoaria de um sentido equivalente à palavra do português. Menciona-se que em outras passagens do dado há a inclusão do termo “socorro” na fala de Lauro, na condição de *code-switching* intra-sentencial, em construções sentenciais parecidas ao episódio em questão.

Na sequência do diálogo, o menino e sua tia permanecem falando em *Hunsrückisch* até o momento em que Lauro é questionado, por DIO, em português (l.20-21), sobre sua opinião acerca do telhado da cabana – recentemente terminado. O garoto novamente realiza uma alternância linguística, agora intersentencial, respondendo ao tio em Língua Portuguesa, dado ser seu único idioma de proficiência. Portanto, o vocativo “dindo” indexa um falante monolíngue (português).

Após alguns turnos de fala entre ambos nessa língua, a tia dirige-se a Lauro na língua de imigração, tendo recebido uma resposta da criança nesse mesmo código. Os dois permaneceram conversando durante alguns minutos, somente em alemão, debatendo, primeiramente, algumas questões relacionadas à arrumação do telhado da cabana. Em dado momento, Lauro realizou outro *code-switching* intra-sentencial, no seguinte dizer: “Dinda, nohher komme ich nommol aus die Cabana. Wie is de Dach?” (l.37). A inserção do termo “cabana” na produção discursiva em hunsriqueano é decorrente do fato de Lauro desconhecer o termo equivalente na língua de imigração e, portanto, empregá-lo sempre em português, em sua fala em ambas as línguas.

Em um trecho do diálogo do menino com sua dinda, a mulher troca o assunto da conversa, uma vez que a temática do telhado foi “resolvida”. Devido a isso, a tia inicia uma situação de “faz de conta”, em decorrência de a cabana ter sido montada com a finalidade de servir como espaço de dramatizações e brincadeiras. Assim, DIA mencionou que no recinto poder-se-ia fazer “comida”, tendo ambos debatido essa questão. Percebe-se, aqui, que Lauro tem uma atitude de orientar a brincadeira, dando direcionamentos do que a tia tem de fazer e falar. Como exemplos, pode-se pontuar que o garoto solicitou que a mulher lhe dissesse que a comida está queimando, além de incentivá-la a entrar na cabana e gritar “socorro”. Tal comportamento da criança elucida o seu desejo de que a situação da dramatização se encaminhe de uma forma específica e, ao nortear as ações e os dizeres da interlocutora, Lauro vê a possibilidade para que isso ocorra.

Então, momentos depois, Lauro empregou outra alternância linguística, ainda tendo a dinda como interlocutora. Essa comutação de códigos configurou-se como uma resposta do menino ao *code-switching* utilizado por ela. A fala da mulher passou do alemão – em uso até então – ao português, através da sentença: “Cuida, cuida! Vai cair pra trás [a cadeira]” (l.56). Diante dessa circunstância, o garoto respondeu também nesse idioma, questionando-a com “Por quê?” (l.59).

Em seguida, o tio, que se manteve em silêncio no diálogo durante um tempo, tomou parte na brincadeira de “faz de conta”, mencionando que o menino deveria fechar a porta da cabana para que o lobo não pudesse entrar no local. Os três turnos seguintes de fala, de DIA e LAU, também se realizam em Língua Portuguesa. Nesse momento, Lauro se encaminha para a porta da cabana, efetuando uma alternância do português ao *Hunsrückisch*, ao passo que direciona sua fala, especificamente, à tia. Ambos passam a conversar, em alguns turnos de fala seguintes, nesse idioma, tendo o garoto incluído, em duas passagens, o termo “socorro” em seu discurso – em virtude das circunstâncias mencionadas previamente.

Então, novamente o tio participa da situação dialógica, solicitando, hipoteticamente, ajuda ao menino. Em uma tentativa de nortear a brincadeira, tal como se sucedeu previamente, Lauro se direciona à tia, solicitando que ela mencione ao tio que o menino, na condição de pai de ambos, ainda não está em casa (l.83-84). O pedido se deu em português, configurando um *code-switching* intersentencial. Tendo em vista que nos momentos anteriores, a fim de direcionar a brincadeira, o garoto “instruiu” DIA em *Hunsrückisch*, a escolha pelo português na situação em questão evidencia uma estratégia do falante. Essa, volta-se ao fato de que, ao se valer do português para proferir a instrução, o tio compreende que ela adveio do menino. Caso a ordem tivesse sido dada em alemão para que a tia a direcionasse ao tio, a autoria do dizer recairia na dinda e não no garoto. Sendo assim, a seleção linguística se deu de acordo com os interesses pessoais de Lauro, pautada pelos possíveis efeitos que essa escolha traria à brincadeira.

A situação de “faz de conta” continuou, de modo que os três participantes discursivos conversassem em Língua Portuguesa. Então, após Lauro entrar na cabana, DIA valeu-se do hunsriqueano para mencionar que estava com fome. Todavia, o menino lhe respondeu em português, de modo a não acatar a língua

proposta pela interlocutora. Em virtude desse fato, o diálogo prosseguiu em português, tendo os três sujeitos se valido dessa língua para a comunicação.

Ao mencionar os alimentos que estava preparando, o menino pontuou que estava fazendo “[...] churrasco de galeto, pizza, Herzje e picanha” (l.98-99). O termo “Herzje” (pt. coraçãozinho), incluído no dizer em português, configurou-se como uma alternância intra-sentencial unitária. Infere-se a preferência pelo uso desse vocábulo em alemão, uma vez que o menino o utiliza com bastante frequência em seu cotidiano, não empregando o termo equivalente em português.

Em dado momento da conversa, a tia novamente dirigiu-se ao garoto em hunsriqueano e, de forma semelhante ao episódio anterior, o menino não lhe respondeu na língua germânica. Sendo assim, por duas vezes o garoto não aceitou a escolha linguística de sua tia, de modo que a tentativa de negociação por ela proposta não tenha gerado os efeitos esperados. Tais episódios de negação ao idioma proposto pela mulher contrapuseram as ocorrências de convergência linguística do menino para a língua proposta pela tia. Percebe-se que frequentemente, ao usar o hunsriqueano, LAU emprega “dinda” no início de seu dizer. Sendo assim, esse elemento marca a identidade da participante, indexando um falante bilíngue (português-hunsrückisch). Devido a isso, o vocativo “dinda” desencadeia a alternância (identitária), de modo que, quer a mulher use a língua de imigração ou a língua portuguesa, Lauro também o faz.

Contudo, tal como mencionado, esse fato não se sucede por duas vezes. Interpreta-se a recusa à língua de DIA como uma tentativa de inclusão do tio no diálogo. Nota-se, inclusive que quando a dinda usa o hunsriqueano e o menino decide não o usar, faz-se presente na fala da criança o vocativo “dindo”, tal como em “Dinda, fala pro dindo: calma, o papai não tá em casa ainda” (l.83-84). O termo “dindo” indexa um falante monolíngue (português). E, em virtude dessa circunstância, a preferência pelo uso do português na brincadeira, por parte de Lauro, oportuniza a todos os participantes a compreensão do que estava se sucedendo, de modo a fomentar a participação coletiva na dramatização. À vista disso, a seleção linguística do garoto sinaliza um significado social subjacente na conversa, relacionado ao contexto pragmático da enunciação.

Ao perceber essa conduta linguística da criança, a alocutária manteve sua fala na Língua Portuguesa, de modo que a brincadeira tenha seguido somente nesse idioma. Dessa forma, a escolha linguística de Lauro acarretou o uso único do

português no diálogo, culminando em uma não retomada do hunsriqueano na conversa. Explicita-se, aqui, a intrínseca relação entre a intencionalidade do falante (na manutenção do português) e a inferência do ouvinte (na desistência de insistir na fala em *Hunsrückisch*). Em uma relação permeada pelos direitos e pelas obrigações dos participantes da conversa, verifica-se que o não acatamento à língua de DIA contribuiu para que Lauro obtivesse efeitos conversacionais e sociais por ele esperados na situação comunicativa.

4.2 SITUAÇÃO INTERATIVA 2

Na situação interativa exposta na segunda interlocução, Lauro está imerso em um contexto interativo no qual se fazem presentes diferentes interlocutores: os dindos (DIA e DIO), a avó materna (VNI) e a bisavó materna (BIS). Tais participantes discursivos detêm diferentes características identitárias, as quais se mostram responsáveis por direcionar o *code-switching* empregado pelo menino.

No início do diálogo, o garoto tem como alocutária única sua avó materna, de modo que a interação com ela se oriente em virtude dos índices que revelam sua singularidade: ela é uma mulher, é sua avó (mãe da mãe), é adulta e enuncia um falante bilíngue. A inter-relação entre o menino e a mulher é permeada por uma forte afetividade, visto que a avó se mostrou extremamente presente em sua trajetória desde o seu nascimento. Considerando que a criança permanece aos cuidados da mulher desde os primeiros seis meses de sua vida, seu contato com essa pessoa se deu, basicamente, diariamente. Devido a isso, os vínculos firmados com a avó são marcados por demasiada intimidade, traduzida em gestos de afeto, carinho, estima e amizade.

No que se refere ao aspecto linguístico, a avó foi o primeiro sujeito a conversar com o menino em *Hunsrückisch*, tendo fomentado seu processo de aquisição bilíngue da linguagem. Por essa razão, o menino reconhece o estatuto de identidade bilíngue da figura feminina, de tal maneira que o alemão tenha se estabelecido como a língua preferencial de comunicação entre ambos.

Em virtude dessa conjuntura, observa-se que Lauro conversa com a interlocutora predominantemente em hunsriqueano. O contexto da interlocução volta-se a uma atividade de construção de uma fazenda, valendo-se de pequenos objetos e materiais que compõem a ambientação do local. Nesse sentido, o menino

e a mulher envolvem-se nessa brincadeira, debatendo, na língua germânica, onde e como poderiam organizar a disposição dos utensílios.

[DADO 2]
2 anos e 11 meses

Na situação transcrita, Lauro (LAU) está na casa de seus avós maternos, conversando e brincando com sua avó (VNI). Ambos estão na sala da residência, cujo chão contém um tapete com vários bichinhos de brinquedo, cercas e utensílios que o menino utiliza para montar “fazendas” em miniatura. Inicialmente, somente a avó está no aposento; não obstante, no decorrer da ocasião outros familiares se fazem presentes na interlocução: os tios (DIA e DIO), advindos de outros cômodos da casa, e a bisavó materna (BIS), vinda de sua residência.

Quadro 3 – Transcrição e Tradução da Situação Interativa 2

	TRANSCRIÇÃO ORIGINAL		TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS	
01	Com	[LAU junta algumas cercas do chão e se direciona à avó]	Com	[LAU junta algumas cercas do chão e se direciona à avó]
02				
03	LAU	Mach ein fazenda .	LAU	Faz uma fazenda .
04	VNI	Wo wolle mer jetz hin-mache?	VNI	Onde nós faremos agora?
05	LAU	Dort [aponta para o meio do tapete]	LAU	Lá [aponta para o meio do tapete]
06	Com	[LAU vai buscar animais na caixa de brinquedos e quase cai no chão]	Com	LAU vai buscar animais na caixa de brinquedos e quase cai no chão
07				
08	LAU	Ai, hon druff piseerd ⁸⁶	LAU	Ai, pisei em cima.
09	Com	[VNI e LAU começam a montar a fazenda]	Com	[VNI e LAU começam a montar a fazenda]
10				
11	LAU	Machd de fazenda bis dart runner.	LAU	Faz a fazenda até lá embaixo. O
12		De Lagart woldd dort rin-komme un		lagarto queria ir lá e as vaquinhas
13		de <u>Memeche</u> ⁸⁷ sin fort hie rin-		correram aqui pra dentro.
14		gelaaf.		
15	VNI	Jetzt mache-mer hie so ruff	VNI	Agora faremos aqui assim pra cima
16		[continua montando]		[continua montando]
17	LAU	Hie so ruff. O bebê gosta da	LAU	Aqui assim pra cima. O bebê gosta
18		fazenda assim [fala olhando para o		da fazenda assim [fala olhando para
19		que montaram até o momento]		o que montaram até o momento]
20	Com	[DIO chega na sala e se senta no	Com	[DIO chega na sala e se senta no
21		sofá, com as mãos posicionadas de		sofá, com as mãos posicionadas de
22		forma fechada]		forma fechada]
23	LAU	Mach de fazenda bis dart runner.	LAU	Faz a fazenda até lá embaixo. Ajuda.
24		Hellef.		

⁸⁶ Elaboração de um termo específico, por parte do sujeito da pesquisa, cujo sentido se trata de “pisar”.

⁸⁷ Elaboração de um termo específico, por parte do sujeito da pesquisa, cujo sentido se trata de “vaquinhas”.

25	VNI	Wer solld hellfe?	VNI	Quem é pra ajudar?
26	LAU	Die vovó Ni.	LAU	A vovó Ni.
27	Com	[A avó continua ajudando a montar.	Com	[A avó continua ajudando a montar.
28		LAU vira e pega muitas cercas da		LAU vira e pega muitas cercas da
29		caixa e se direciona a DIO]		caixa e se direciona a DIO]
30	LAU	Tem mais uma cerca ali dentro	LAU	Tem mais uma cerca ali dentro da
31		da mão.		mão.
32	Com	[DIO abriu as mãos]	Com	[DIO abriu as mãos]
33	VNI	Ah, ele achou que tinha uma cerca	VNI	Ah, ele achou que tinha uma cerca
34		dentro da tua mão.		dentro da tua mão.
35	LAU	O bebê falou: tem uma cerca	LAU	O bebê falou: tem uma cerca dentro
36		dentro da mão.		da mão.
37	DIO	Não, Lauro. Eu não peguei	DIO	Não, Lauro. Eu não peguei nenhuma
38		nenhuma cerca [rio e saiu para		cerca [rio e saiu para atender o
39		atender o celular]		celular]
40	Com	[A bisavó chegou de sua casa e	Com	[A bisavó chegou de sua casa e
41		também riu da situação. LAU		também riu da situação. LAU
42		começou a colocar os animais		começou a colocar os animais dentro
43		dentro da fazenda e sua avó		da fazenda e sua avó colocou ali um
44		colocou ali um pintinho de corda		pintinho de corda que anda]
45		que anda]		
46	BIS	Das Bippche reise aus. Das is die	BIS	O pintinho vai fugir. É o pintinho da
47		Gluck sein Bippche.		galinha.
48	LAU	Gluck sein Bippche.	LAU	O pintinho da galinha.
49	BIS	Jo, wo is die Gluck?	BIS	Sim, onde está a galinha?
50	LAU	Dort uffem [aponta para o alto do	LAU	Lá em cima [aponta para o alto do
51		baú]		baú]
52	VNI	Hast-du schun die Bisa ferzeeld,	VNI	Tu já contou pra bisa o que tu viu
53		was du heit meuend gesihn: ein		hoje de manhã: um pintinho que não
54		Bippche, wo keener Been hod?		tinha perna?
55	LAU	Das Bippche hod so hockd un die	LAU	O pintinho estava assim sentado e o
56		Lagart [is] komm un das Beenche		lagarto veio e comeu a sua perninha.
57		gess.		
58	VNI	Un dann die Schorsch [o vizinho]	VNI	Então o Jorge [o vizinho] amarrou um
59		hod en Lumpe dromm gebunn.		pano ao redor.
60	LAU	Die Schorsch [hod] en Curativo	LAU	O Jorge fez um curativo na perna do
61		gemach in Bippche sein Been.		pintinho.
62	Com	[DIA veio do seu quarto e se sentou	Com	[DIA veio do seu quarto e se sentou
63		no sofá]		no sofá]
64	LAU	Die Bippche mit de Curativo so	LAU	O pintinho com o curativo correu
65		fortgesprung [imitou como o		assim embora [imitou como o pintinho
66		pintinho correu]. Un dann das		correu]. E então o pintinho disse:
67		Bippche hod gesaad: mamãe,		mamãe, mamãe, mamãe.
68		mamãe, mamãe.		
69	VNI	Un dann de Mimosa [a vaca] is	VNI	Então a Mimosa [a vaca] foi lá e
70		hingang un de Lagart noh-gesprung		correu atrás do lagarto e onde o
71		un wo is de Lagart hin-gefall?		lagarto caiu?
72	LAU	So runner in de Rio.	LAU	Assim pra baixo no rio.
73	DIA	Awer kann de Bippche wirklich	DIA	Mas o pintinho realmente consegue
74		gehn odder net?		caminhar ou não?
75	LAU	De Lagart hod en nei Been hin-	LAU	O lagarto colocou uma nova perna no
76		gemach in de Bippche		pintinho.
77	DIA	Dann is alles gud schun.	DIA	Então já está tudo bem.
78	Com	[DIA senta no chão ao lado do	Com	[DIA senta no chão ao lado do
79		menino e começa a brincar com a		menino e começa a brincar com a

80	fazenda que ele montou com a avó]	fazenda que ele montou com a avó]
----	-----------------------------------	-----------------------------------

Fonte: elaborado pela autora

Verifica-se que nesse recorte do diálogo o menino realiza somente dois *code-switching* intra-sentenciais unitários (l.3 e l.11), introduzindo o termo “fazenda”, em português, no seu dizer em *Hunsrückisch*. O uso desse vocábulo justifica-se em decorrência de Lauro não ter conhecimento da expressão equivalente em alemão, de modo a empregá-lo sempre na Língua Portuguesa, desde o início de sua aquisição da linguagem.

Após terem posicionado algumas cercas e alguns bichinhos sobre o tapete, Lauro realizou um *code-switching* intersentencial, proferindo a seguinte sentença: “O bebê gosta da fazenda assim” (l.17-18). A produção dessa oração apresentou-se como uma constatação de apreço do menino da fazenda construída conjuntamente com a avó. Tal realização do dizer em português tornou-se apropriada, dado que a avó é bilíngue e, portanto, compreende esse idioma, ainda que sua inter-relação com ela se dê majoritariamente em hunsriqueano.

A fala da criança elucida a habilidade de movimentação entre os seus dois códigos de conhecimento, revelando diferentes facetas de sua identidade enquanto sujeito bilíngue. Assim, tem-se a transgressão do uso quase único do alemão, de modo a trazer, ao diálogo, uma “ampliação” do traço linguístico do sujeito: instaura-se um lembrete de que o menino, ainda que empregue frequentemente o alemão com a avó, também pode lhe dirigir a palavra em português.

Após proferida a sentença, DIO chega na sala e senta-se no sofá. No entanto, ainda que o tio esteja presente no recinto, Lauro permanece se comunicando na língua de imigração com a avó, direcionando suas falas durante dois turnos especificamente a ela. Então, o garoto realiza um *code-switching* intersentencial, encaminhando-se ao dindo para lhe dizer: “Tem mais uma cerca ali dentro da mão” (l.30-31). Dado que o menino estava juntando cerquinhas de brinquedo para posicioná-las na fazenda, ao ver o homem com as mãos fechadas, inferiu a possibilidade de DIO carregar, na palma das mãos, uma cerca – um chamado para participar da brincadeira. A situação revelou-se cômica, tendo a avó pontuado o pensamento do garoto, o qual repetiu em português, em forma de discurso reportado, a fala direcionada ao tio previamente. Como forma de resposta, a figura

masculina mencionou a Lauro que não havia pegado nenhuma peça, tendo deixado a sala para atender o celular.

Instantes antes, a bisavó materna (BIS) havia chegado ao local, vinda de sua casa e, ao presenciar a situação, riu, assim como os demais presentes. A idosa, ao visualizar a avó do menino posicionando um pintinho de brinquedo na fazenda, voltou-se ao garoto, falando-lhe em hunsriqueano. A bisavó mencionou o fato de que o pintinho era filhote de uma galinha choca, tendo Lauro repetido esse dizer, também na língua germânica. Tal ocorrência configurou-se um *code-switching* entre enunciados, dado que se realizou em tópicos de conversa distintos, após ações contextuais marcadas pela troca de interlocutores. Outrossim, quando questionado, pela bisavó, quanto ao local onde estava a galinha, o garoto indicou que o animal estava em cima do baú – ambos comunicando-se em *Hunsrückisch*.

No tocante à relação entre Lauro e a bisavó, menciona-se que eles possuem um vínculo marcado por proximidade, uma vez que ela reside ao lado de sua casa. Ademais, as interações entre ambos são atravessadas por muitas brincadeiras, estando ambos sempre propondo atividades divertidas um ao outro. Em virtude desses aspectos, o menino captou as nuances de sua identidade, de modo que ao se dirigir à bisavó, tem-se o mapeamento de que ela se trata de uma mulher idosa, que é mãe do seu avô e que, assim como os demais familiares, é bilíngue. Sendo assim, dado o uso prioritário do hunsriqueano, por parte da bisavó, em seus atos conversacionais com o menino desde o princípio, instituiu-se esse código como o preferencial para a comunicação entre os dois sujeitos.

Por esse motivo, na sequência do diálogo, quando VNI perguntou à criança se ela já havia contado à bisavó que naquela manhã o garoto presenciara um pintinho que não possuía perna, Lauro iniciou a contação da história em *Hunsrückisch*. A criança mencionou que o fato se sucedeu na casa do vizinho, devido a um ataque de um lagarto ao pintinho, culminando na perda de um dos membros inferiores da ave. A avó auxiliou na descrição dos fatos, relatando outros acontecimentos próprios do evento. Nesse contexto, Lauro realizou *code-switching* intra-sentencial em três turnos de fala, incluindo termos da Língua Portuguesa na narração dos fatos, inteiramente dada em alemão.

Um dos vocábulos imersos no interior de uma sentença, por duas vezes, tratou-se da palavra “curativo” (I.60 e I.64) cuja expressão equivalente, em hunsriqueano, é desconhecida pelo sujeito da pesquisa. No que concerne à outra

alternância linguística, LAU simulou uma fala dita pelo pintinho, na forma de discurso reportado, pontuando que o animal teria corrido até a galinha, invocando-a com “mamãe, mamãe, mamãe” (l.67-68). A preferência pelo termo na Língua Portuguesa foi interpretada como influenciada pela experiência própria do menino concernente ao fato de ele se dirigir à sua mãe com a expressão “mamãe”. Dessa forma, para a criança, essa palavra configura-se como uma forma de endereçamento afetivo à figura materna, tendo, por isso, transposto o dizer à fala fictícia do bichinho. Por fim, o último termo incluído de forma intra-sentencial unitária na frase em alemão “so runner in de Rio” (l.72) (pt. assim pra baixo no rio) tratou-se do vocábulo “rio”. Esse termo refere-se a um empréstimo antigo do português, incorporado nos falares em hunsriqueano.

Menciona-se que, no decorrer dos últimos turnos de fala do recorte, DIA chegou à sala, sentando-se no sofá e permanecendo em silêncio, a fim de acompanhar a contação da história. Após Lauro ter mencionado que o lagarto havia caído no rio, a tia questionou o menino, em alemão, quanto ao “destino” do pintinho, perguntando se ele realmente conseguia caminhar. O garoto respondeu-lhe nessa mesma língua.

Diante dos fatos descritos no presente dado, verifica-se o uso único da Língua Portuguesa com o ouvinte monolíngue. No que se refere à comunicação com as três interlocutoras bilíngues, há um predomínio do emprego do hunsriqueano por parte do menino – e dessas participantes. Sendo assim, a alternância linguística empregada pelo garoto, na condição de ter como alocutárias tais mulheres, se resume, quase unicamente, ao *code-switching* intra-sentencial. Esse, na forma de inclusão de itens lexicais do português, unitários e segmentais, no interior de suas frases em *Hunsrückisch*. As palavras “fazenda” e “mamãe” indexam o uso do português por parte de falantes que fazem uso dessa língua, isto é, diante da criança nunca usaram esses substantivos em *Hunsrückisch*, dado que LAU sempre as emprega nessa língua, tanto com falantes monolíngues quanto com bilíngues. Vale constatar que a inclusão desses vocábulos na fala na língua de imigração obedece tanto às restrições sintáticas, quanto às pragmáticas. Quanto ao último aspecto, o *code-switching* faz-se plausível, dado que as alocutárias, ao dominarem a Língua Portuguesa, compreendem inteiramente os dizeres do menino, não havendo a quebra da transmissão semântica da mensagem.

A preferência pelo uso do *Hunsrückisch* sinaliza uma troca interpessoal já firmada entre o locutor e as ouvintes, transparecendo a relação de intimidade que eles detêm. Isso elucida o vínculo de afetividade que Lauro possui com esse círculo familiar, de modo que negociação identitária entre tais sujeitos tenha culminado na consolidação do hunsriqueano como um inter-código linguístico-social em suas situações de interação.

4.3 SITUAÇÃO INTERATIVA 3

No episódio transcrito na terceira interlocução, Lauro está no escritório de sua casa, junto de sua mãe e de sua tia, aguardando a impressão de um desenho. Verifica-se que na cena inicial do recorte o menino volta-se à sua mãe, dirigindo-lhe a palavra em Língua Portuguesa. Ao enunciar “mamãe”, vocativo que o garoto utiliza para se direcionar à figura materna, Lauro reconhece os índices que mapeiam a identidade da interlocutora: mulher, adulta, mãe e bilíngue. Diante disso, ao apreender o bilinguismo da figura materna, o garoto identifica seu domínio nos mesmos dois idiomas que ele adquiriu, instaurando-se a possibilidade de comunicação com ela em tais códigos. Logo, “mamãe” indexa, nessa situação comunicativa, falante bilíngue.

O diálogo entre LAU e MAE se dá unicamente em português, no decorrer de toda a situação interativa. À vista disso, ambos estão conversando nesse idioma, tendo o primeiro *code-switching* empregado pelo menino se sucedido no momento em que o garoto tem como alocutária DIA. Essa mulher se comunica com o menino em *Hunsrückisch*, de modo que a criança realiza uma convergência linguística e, portanto, responde-lhe nessa mesma língua de imigração. Tal alternância linguística configurou-se como um CS intersentencial, uma vez que esteve relacionada ao mesmo tópico da conversa presente no dizer do menino português, nesse caso, língua base do discurso.

[DADO 3] 3 anos e 6 meses

Na cena em questão, LAU está na casa de seus pais, especificamente no escritório, acompanhado de sua tia (DIA) e de sua mãe (MAE). O menino havia

pedido à figura materna que imprimisse um desenho contendo uma fazenda. Na ocasião, a impressora travou, não realizando a impressão. Sendo assim, LAU estava aguardando a mãe resolver a situação, no intuito de receber o desenho.

Quadro 4 – Transcrição e Tradução da Situação Interativa 3

	TRANSCRIÇÃO ORIGINAL		TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS	
01	Com	[LAU olha para a impressora que estava fazendo barulho]	Com	[LAU olha para a impressora que estava fazendo barulho]
02				
03	LAU	Não saiu nada?	LAU	Não saiu nada?
04	MAE	Não.	MAE	Não.
05	LAU	Por que não?	LAU	Por que não?
06	Com	[MAE permanece olhando para a impressora. Então, LAU vê um caderno disposto em uma prateleira baixa próxima dele]	Com	[MAE permanece olhando para a impressora. Então, LAU vê um caderno disposto em uma prateleira baixa próxima dele]
07				
08				
09				
10	LAU	Eu quero olhar esse papel. Tira, eu não consigo tirar.	LAU	Eu quero olhar esse papel. Tira, eu não consigo tirar.
11				
12	Com	[DIA percebe a dificuldade de LAU em retirar o caderno da prateleira]	Com	[DIA percebe a dificuldade de LAU em retirar o caderno da prateleira]
13				
14	DIA	Is schwäer?	DIA	É pesado?
15	LAU	Is schwäer.	LAU	É pesado.
16	Com	[DIA retira o caderno e LAU fica olhando a capa do material]	Com	[DIA retira o caderno e LAU fica olhando a capa do material]
17				
18	DIA	Was is das?	DIA	O que é isso?
19	LAU	Ich hon gemennd waar en Kuh, wo	LAU	Eu achei que fosse uma vaca que tivesse manchas .
20		Manchas hod.		
21	DIA	Is net.	DIA	Não é.
22	Com	[A impressora faz um barulho]	Com	[A impressora faz um barulho]
23	LAU	Mamãe, tá indo?	LAU	Mamãe, tá indo?
24	MAE	Hum [interjeição]	MAE	Hum [interjeição]
25	DIA	O quê? Cortou?	DIA	O quê? Cortou?
26	MAE	A impressão tá terrível, tá tudo cortado.	MAE	A impressão tá terrível, tá tudo cortado.
27				
28	LAU	Então eu quero desenhar uma vaca [fala com tom de irritação]	LAU	Então eu quero desenhar uma vaca [fala com tom de irritação].
29				
30	MAE	Só um pouquinho, deixa ela alinhar os cartuchos.	MAE	Só um pouquinho, deixa ela alinhar os cartuchos.
31				
32	LAU	Que cartuchos?	LAU	Que cartuchos?
33	MAE	Aqui, a tinta, tem que arrumar.	MAE	Aqui, a tinta, tem que arrumar.
34	Com	[LAU espera]	Com	[LAU espera]
35	LAU	Eu quero um papel e uma caneta.	LAU	Eu quero um papel e uma caneta.
36	Com	[MAE e DIA observam a impressora alinhando os cartuchos]	Com	[MAE e DIA observam a impressora alinhando os cartuchos]
37				
38	LAU	Mamãe, eu quero um papel para desenhar o <u>Braunche</u> ⁸⁸ .	LAU	Mamãe, eu quero um papel para desenhar o <u>Braunche</u> .
39				
40	Com	[MAE lhe dá um papel e LAU, desistindo de aguardar a impressão, sai do escritório e vai	Com	[MAE lhe dá um papel e LAU, desistindo de aguardar a impressão, sai do escritório e vai desenhar na
41				
42				

⁸⁸ Nome dado ao bozinho, com sentido de “marronzinho”.

43	desenhar na sala]	sala]
----	-------------------	-------

Fonte: elaborado pela autora

Lauro dialoga com sua tia em hunsriqueano, realizando uma comutação de códigos intra-sentencial unitária ao introduzir o termo “manchas” (l. 20) no falar em alemão: “Ich hon gemennd waar en Kuh wo manchas hod” (l.19-20) (pt. eu achei que fosse uma vaca que tivesse manchas). Até o momento da realização dessa gravação, o menino não tinha conhecimento acerca do termo “manchado/malhado” em hunsriqueano, empregando sempre o vocábulo “manchas”, no interior de suas falas na língua alemã, para se referir a um animal com um padrão de coloração diferente. Porém, tempos depois, a criança aprendeu o termo equivalente na língua germânica, passando a empregar a palavra “scheckich” para tratar desse aspecto.

Findo o pequeno diálogo com a dinda, Lauro, ouvindo o barulho da impressora e demonstrando interesse em saber se sua ilustração estava sendo impressa, volta-se à sua mãe, questionando-a com “mamãe, tá indo?” (l.23). Esse *code-switching* tratou-se de uma alternância entre enunciados, em virtude de estar dissociado temporalmente da última fala do menino em Língua Portuguesa, bem como por abordar um tópico referencial distinto do que estava em vigor até então.

A comunicação seguiu-se em português entre os três participantes discursivos, tendo LAU e MAE tomado parte no diálogo predominantemente. Observa-se, assim, que a situação comunicativa é pautada por comutações de código em função das interlocutoras da criança. Em virtude de ambas as ouvintes se apresentarem como bilíngues, postula-se a possibilidade de Lauro ter se valido de um único código para proferir seus dizeres. Sendo esse o caso, as duas entenderiam sua fala, mediante a seleção linguística única por qualquer um dos idiomas. No entanto, tal decisão não transcorreu, tendo o garoto optado por utilizar uma língua com cada uma das mulheres.

Conforme analisado em dados prévios, verificou-se a preferência de Lauro pelo emprego do hunsriqueano em situação de interlocução com sua tia. Dessa forma, no momento em que DIA se dirigiu ao menino, abordando-lhe em alemão, por haver uma negociação decretada entre ambos, Lauro efetivou uma acomodação à língua dessa parceira do discurso.

No que tange à sua conduta linguística mediante o fato de ter a mãe como alocutária, verifica-se a consolidação de uma troca identitária distinta da consolidada

com os demais falantes bilíngues da família com os quais a língua preferencial de comunicação é o *Hunsrückisch*. Desde o início do seu processo de fala, Lauro e sua progenitora conversam, predominantemente em português. Inicialmente, essa circunstância foi resultante de MAE dialogar frequentemente com o menino em Língua Portuguesa, empregando eventualmente o hunsriqueano. Logo, a palavra “mamãe” indexa um usuário do português.

Sendo assim, infere-se que o garoto tenha apreendido esse traço linguístico-identitário da mãe, relacionado ao fato de que o idioma pelo qual ela detém maior apreço é o português. Dessa forma, essa característica passou a influenciar sua escolha linguística, passando o garoto a realizar, constantemente, acomodações à língua (portuguesa) da figura materna, quando conversando com ela. Tal circunstância instituiu-se como um acordo entre ambos, marcado pelo emprego basicamente categórico da Língua Portuguesa como seu principal meio linguístico de interação, percebido, inclusive, pelos demais membros da família.

Diante dessa troca interpessoal, Lauro passou a evitar, frequentemente, o emprego do hunsriqueano com a mãe, solicitando-lhe que lhe dirigisse a palavra em português quando ela o fazia no outro idioma. Interpreta-se que o menino tenha tomado o português como um código que instaura uma diferenciação interativa com a mãe, rompendo com o “padrão” de interação estabelecido com os demais integrantes bilíngues da família.

Nesse sentido, dado o laço de fraternidade intrínseco ao vínculo mãe-filho, a escolha pela Língua Portuguesa pode ser justificada em decorrência de a criança ter assumido essa língua como um “inter-código” exclusivo a ambos. Afinal, essa seleção linguística, linguagem própria aos dois, traz benefícios a tais sujeitos. Tem-se, portanto, um encadeamento social: um meio de comunicação particular e afetivo por efeito do apego entre o menino e a figura materna. Trata-se de haver uma língua comum a eles, e somente prevalente a eles, como um espaço simbólico de intimidade e de aconchego que permeia sua conexão físico-subjetiva.

Daí, tem-se um câmbio legítimo de identidades, marcado pelo viés emocional próprio com o maternal, uma vez que a significação existencial da mãe está no cerne da vida da criança, na condição de sujeito infantil. Elucida-se, assim, a alternância linguística como um elemento que sinaliza significados linguístico-sociais subjacentes, indo de encontro ao pressuposto de que a língua é puro instrumento de comunicação.

4.4 SITUAÇÃO INTERATIVA 4

Na situação interativa da quarta interlocução, Lauro estava na casa de seus avós paternos, envolvendo-se em uma brincadeira com o avô e com os seus pais. No que se refere à sua relação com os seus avós (VRE e VLI), o menino apresenta um vínculo de proximidade com tais sujeitos, dado que eles residem a poucos quilômetros de sua casa. Sendo assim, o garoto os vê pelo menos uma vez por semana, através de visitas realizadas pelos avós à casa de Lauro e vice-versa. A criança não é tão próxima dos avós paternos como o é dos avós maternos, não obstante tenha um laço de intimidade com esses indivíduos também.

Nessa perspectiva, ao enunciar o termo “vovô”, dada a convivência de anos com tal pessoa, Lauro tem consciência de alguns de seus aspectos identitários: ele é um homem, é adulto, é seu avô (pai do pai) e é bilíngue. Da mesma forma, no tocante à “vovó”, tem-se o seguinte mapeamento: ela é uma mulher, é adulta, é sua avó (mãe do pai) e é bilíngue. Com relação à esfera linguística, tais avós, assim como os demais integrantes da família, incentivaram o menino a aprender a língua de imigração, tendo, desde cedo, dirigido-lhe a palavra nessa língua. Portanto, de modo semelhante ao ocorrido com os familiares, da parte materna, Lauro emprega predominantemente o hunsriqueano em suas interações com esses sujeitos, sentindo-se mais confortável para proferir seus dizeres no idioma em questão se comparado à Língua Portuguesa.

[DADO 4]
3 anos e 9 meses

Na situação interativa descrita abaixo, LAU estava na casa de seus avós paternos, cuja residência se situa, também, no Tirol. O menino estava na sala da moradia, brincando, sobretudo, com o seu avô (VRE) há muitos minutos, valendo-se de um peso de porta em formato de gato. No local estavam presentes, também, sua avó paterna (VLI), sua mãe (MAE) e seu pai (PAI).

Quadro 5 – Transcrição e Tradução da Situação Interativa 4

	TRANSCRIÇÃO ORIGINAL	TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS
01	Com [LAU simulou que o gato estava	Com [LAU simulou que o gato estava
02	arranhando o avô]	arranhando o avô]
03	VRE Die Katz gebb einfach net zaam.	VRE O gato simplesmente não fica manso.
04	Com [LAU simulou que o gato saiu	Com [LAU simulou que o gato saiu
05	correndo]	correndo]
06	LAU Saa mol: volta aqui , Katz.	LAU Diga: volta aqui , Gato.
07	VRE Volta aqui, Katz. <u>Quero ver quem</u>	VRE Volta aqui, Katz. <u>Quero ver quem</u>
08	<u>manda aqui: eu ou o gato.</u>	<u>manda aqui: eu ou o gato.</u>
09	LAU Vovô Renato, guck mol de [Katz]	LAU Vovô Renato, olha, o [gato] está te
10	dud dich kratze, vovô Renato.	arranhando, vovô Renato.
11	VRE Jesses Gott! Där hod mich ganz	VRE Jesus! [interjeição]. Ele me arranhou
12	ferkratzd, guck mol do hin!	todo, olha aqui!
13	Com [LAU continuou simulando que o	Com [LAU continuou simulando que o gato
14	gato estava arranhando]	estava arranhando]
15	VRE Auch! [interjeição de dor]. Guck mol	VRE Ai! [interjeição de dor]. Olha aqui,
16	do hin, alles ferkratzd do hin langst.	tudo arranhado aqui do lado. Olha
17	Olha aqui. Jetz hon meer schun	aqui. Agora nós já brincamos o
18	genugh spield mit de Katz.	suficiente com o gato.
19	LAU Vovô Renato [tentando continuar a	LAU Vovô Renato [tentando continuar a
20	brincadeira]	brincadeira]
21	VRE De Katz is schun mied, jetz kann	VRE O gato já está cansado, agora ele
22	där nimmi schreue.	não consegue mais gritar.
23	LAU Miau, miau.	LAU Miau, miau.
24	VRE Där is krank gebb, de Katz.	VRE Ele ficou doente, o gato.
25	Com [LAU simulou que o gato queria	Com [LAU simulou que o gato queria
26	machucar o avô]	machucar o avô]
27	LAU Guck mol, Ich dun mit de Katz	LAU Olha, eu vou brigar com o gato.
28	brike.	
29	VRE Jetz brikes mol mit de Katz, isso aí.	VRE Agora você tá brigando com o gato,
30		isso aí.
31	Com [VRE levanta do sofá e vai até a	Com [VRE levanta do sofá e vai até a
32	cozinha. LAU então se dirige à	cozinha. LAU então se dirige à mãe]
33	mãe]	
34	LAU Cuidado! Ele vai te arranhar com	LAU Cuidado! Ele vai te arranhar com o
35	o rabo dele.	rabo dele.
36	MAE Dud er mich kratze?	MAE Ele vai me arranhar?
37	LAU Jo. olha.	LAU Sim, olha.
38	Com [LAU simula que o gato está	Com [LAU simula que o gato está
39	arranhando a mãe]	arranhando a mãe]
40	LAU Fala: “isso dói”.	LAU Fala: “isso dói”.
41	MAE Isso dói. Lauro, me salva, Lauro.	MAE Isso dói. Lauro, me salva, Lauro.
42	LAU Mamãe, eu tô indo, eu tô indo que	LAU Mamãe, eu tô indo, eu tô indo que
43	aquele gato vai voltar.	aquele gato vai voltar.
44	MAE Ai, ele não pode me machucar.	MAE Ai, ele não pode me machucar.
45	Com [LAU simula que o gato está	Com [LAU simula que o gato está
46	machucando o pai]	machucando o pai]
47	LAU Papai, dud mol de Katz fort-	LAU Papai, toca o gato embora para o
48	docke uff die Hecke.	matagal.
49	Com [PAI simula que está pedindo para	Com [PAI simula que está pedindo para o
50	o gato ir embora]	gato ir embora]
51	PAI Geh mol fort, du bist foll Fleh, wech	PAI Vai embora, tu está cheio de pulgas,

52		mit deer.			sai daqui.
53	LAU	Mamãe, escutou? Esse gato tá cheio de pulga.	LAU	Mamãe, escutou? Esse gato tá cheio de pulga.	
54					
55	MAE	Ai! A casa aqui vai ficar cheia de Fleh.	MAE	Ai! A casa aqui vai ficar cheia de Fleh.	
56					
57	Com	[LAU ri]	Com	[LAU ri]	
58	LAU	Papai, guck mol, de Katz dud in dich huppse.	LAU	Papai, olha, o gato vai pular em ti.	
59					
60	PAI	Meu Deus! De Katz is foll Fleh, wech mit deer.	PAI	Meu Deus! O gato está cheio de pulgas, sai daqui.	
61					
62	Com	[LAU simulou que o felino estava arranhando o pai]	Com	[LAU simulou que o felino estava arranhando o pai]	
63					
64	LAU	Guck mol, ich dun de Katz nohsprunge.	LAU	Olha, eu vou correr atrás do gato.	
65					
66	Com	[LAU simula que está correndo para pegar o gato e se dirige a ele]	Com	[LAU simula que está correndo para pegar o gato e se dirige a ele]	
67					
68	LAU	Volta aqui, eu tô correndo atrás de você, gato maluco. Você tá cheio de pulga, sai daqui.	LAU	Volta aqui, eu tô correndo atrás de você, gato maluco. Você tá cheio de pulga, sai daqui.	
69					
70					
71	VLI	Lauro, bist du maluco?	VLI	Lauro, tu está maluco?	
72	LAU	Vovó Lilian, de Katz hod Fleh	LAU	Vovó Lilian, o gato tem pulgas.	
73	Com	[LAU correu atrás do gato, segurando ele nas mãos]	Com	[LAU correu atrás do gato, segurando ele nas mãos]	
74					
75	LAU	Volta aqui, seu gato maluco. Tu não vai mais arrANHAR minha mãe, meu pai e minha família.	LAU	Volta aqui, seu gato maluco. Tu não vai mais arrANHAR minha mãe, meu pai e minha família.	
76					
77					
78	Com	[Todos riem. LAU para de correr porque está cansado]	Com	[Todos riem. LAU para de correr porque está cansado]	
79					
80	LAU	Mamãe, eu desmaiei de tanto correr.	LAU	Mamãe, eu desmaiei de tanto correr.	
81					
82	Com	[LAU se aproxima da cozinha]	Com	[LAU se aproxima da cozinha]	
83	LAU	Vovô Renato, komm her, dud mol gucke wie ich de Katz [LAU foi interrompido]	LAU	Vovô Renato, vem aqui, olha como eu vou [correr atrás] o gato [LAU foi interrompido]	
84					
85					
86	VRE	Ich gucke wie du spiele dust, fun hie aan.	VRE	Eu vou olhar daqui como tu está brincando.	
87					
88	LAU	Não, vovô Renato, dud mol nore mit-komme	LAU	Não, vovô Renato, só vem junto.	
89					
90	Com	[LAU puxa o avô pela mão, conduzindo-o até a porta da sala. O avô permanece ali em pé]	Com	[LAU puxa o avô pela mão, conduzindo-o até a porta da sala. O avô permanece ali em pé]	
91					
92					
93	LAU	Mamãe, olha também. Papai, olha.	LAU	Mamãe, olha também. Papai, olha.	
94					
95	Com	[Voltou a correr atrás do gato]	Com	[Voltou a correr atrás do gato]	
96	LAU	Gato maluco que tem pulga, to correndo atrás de você, gato que mora lá na floresta, no mato. Sai gato, que arranha com o rabo.	LAU	Gato maluco que tem pulga, to correndo atrás de você, gato que mora lá na floresta, no mato. Sai gato, que arranha com o rabo.	
97					
98					
99					
100	Com	[O gato caiu no chão]	Com	[O gato caiu no chão]	
101	MAE	Un jetz?	MAE	E agora?	
102	LAU	Is kaputtgang. Não, ele não morreu.	LAU	Morreu. Não, ele não morreu.	
103					
104	Com	[LAU caminha até perto da mãe]	Com	[LAU caminha até perto da mãe]	
105	LAU	Mamãe, vem também aqui, no chão.	LAU	Mamãe, vem também aqui, no chão.	
106					

107	MAE	Mas eu tô aqui	MAE	Mas eu tô aqui
108	LAU	No chão. O gato não vai mais te	LAU	No chão. O gato não vai mais te
109		arranhar, porque eu tô correndo		arranhar, porque eu tô correndo atrás
110		atrás dele.		dele.
111	Com	[MAE senta-se no tapete no chão.	Com	[MAE senta-se no tapete no chão.
112		Nesse momento, um carro		Nesse momento, um carro barulhento
113		barulhento passa na rua]		passa na rua]
114	LAU	Ai, um fuca. Mamãe, olha [se	LAU	Ai, um fuca. Mamãe, olha [se
115		referindo ao gato]		referindo ao gato]
116	MAE	Mas eu tô olhando.	MAE	Mas eu tô olhando.
117	LAU	Vovô Renato, kommd do uff de	LAU	Vovô Renato, vem aqui na sala. Ai,
118		Sala. Ai, vovô Renato, du bist		vovô Renato, tu está na cozinha de
119		nommol in de Kich.		novo.
120	VRE	Wart mol dann.	VRE	Espera então.
121	LAU	Ai, kommd jetz.	LAU	Ai, vem agora.
122	VRE	Wo is de Laurinho mit de Katz?	VRE	Onde está o Laurinho com o gato? Lá
123		Dort is er nommol.		está ele de novo.
124	LAU	Vovô, ich komme nommol raus mit	LAU	Vovô, eu virei novamente pra fora
125		de Katz.		com o gato.
126	Com	[LAU simula que o gato quer	Com	[LAU simula que o gato quer
127		machucar os familiares, buscando		machucar os familiares, buscando
128		evitar essa ação. A brincadeira		evitar essa ação. A brincadeira segue
129		segue de forma semelhante ao já		de forma semelhante ao já ocorrido,
130		ocorrido, com os familiares		com os familiares presentes na sala]
131		presentes na sala]		

Fonte: elaborado pela autora

No início do recorte discursivo, observa-se que LAU e VRE conversam em alemão. No primeiro turno de fala do menino há a realização de um *code-switching* intra-sentencial segmental, na condição de introdução dos termos “volta aqui” na sentença: “Saa mol: volta aqui, Katz” (l.06) (pt. diga: volta aqui, Gato). Objetivando nortear a direção da brincadeira, Lauro solicitou ao avô que ele dissesse para o gato (de tecido) voltar, visto que ele havia, imaginativamente, se afastado. Percebe-se que o garoto mantém o vocativo “Katz” em alemão, não realizando, nesse momento, o endereçamento ao animal em português.

Na sequência da conversa, Lauro continuou falando em alemão com o avô, tendo o ato comunicativo sucedido nesse código. O assunto em enfoque tratava-se da tentativa de o gato arranhar o avô, por meio da simulação do menino de que o animal estava realizando tal ação. Após o homem sair do recinto, o garoto volta-se à sua mãe, a fim de continuar a brincadeira com ela. Percebe-se a realização de uma alternância linguística do hunsriqueano ao português, através da seguinte frase: “cuidado, ele [o gato] vai te arranhar com o rabo dele” (l.34-35). Essa comutação configurou-se um *code-switching* entre enunciados, dado haver um distanciamento

entre o uso do português nos dizeres de Lauro, já que houve um período considerável de fala em alemão.

Já que o menino estava falando *Hunsrückisch* com frequência com o avô, a mãe não acatou a escolha da Língua Portuguesa, realizando-lhe um questionamento na língua germânica. No entanto, a resposta de LAU comportou apenas um elemento em alemão: o advérbio de afirmação “jo” (sim). Logo, é possível afirmar que a fala com a mãe indexa um sujeito usuário do português para o menino (embora ela seja bilíngue). Seguido dele, as próximas construções discursivas da criança foram proferidas em português. De forma semelhante às demais dramatizações, Lauro buscou direcionar a brincadeira de acordo com os seus interesses, orientando os participantes a falarem expressões específicas.

Em seguida, o menino dirigiu-se ao pai, também simulando que o felino lhe machucava, realizando, novamente, uma alternância linguística, agora para o hunsriqueano: “papai, dud mol de Katz fort-docke uff die Hecke” (l.47-48) (pt. papai, toca o gato embora para o matagal). Pode-se apontar que a palavra “papai”, indexa, ao menino, traços passíveis de serem mapeados: ele é um homem, é adulto, é seu pai e é bilíngue. Desde pequeno, o genitor conversa com Lauro frequentemente em alemão, de modo que a criança, no domínio doméstico de sua casa, esteja sempre imersa no entremeio de dois idiomas: o português (empregado majoritariamente pela mãe) e o *Hunsrückisch* (utilizado de forma comumente pelo pai).

Nesse sentido, a comutação de códigos empregada por Lauro, sempre tendo como língua predominante o *Hunsrückisch*, sinaliza a preferência por essa língua de imigração na interação com a figura paterna. Dessa forma, verifica-se uma negociação linguístico-identitária consolidada, a qual culminou na escolha desse idioma como o preferencial para a troca interpessoal entre ambos. Em consonância com esse fato, tem-se, no decorrer do dado, a presença de turnos de fala do locutor e de seu alocutário em hunsriqueano.

Logo após a uma resposta do pai, o menino encaminhou-se novamente à sua mãe, realizando um *code-switching* intersentencial, a partir da frase: “Mamãe, escutou? Esse gato tá cheio de pulga” (l.53-54). A sentença tinha relação com o assunto abordado pela figura paterna, uma vez que quem pontuou a presença dos parasitas no animal foi o homem. Então, o garoto dirigiu-se ao pai, empregando outra comutação de códigos intersentencial, abordando-o em *Hunsrückisch*. Observa-se, aqui, um “vaivém” de interlocutores, marcado pelo direcionamento da

fala ora para o pai, ora para a mãe, momento em que códigos se alternam. Consta-se, dessa forma, que esse “vaivém” recai sobre o aspecto linguístico, de modo que com cada alocutário seja utilizado uma língua diferente, ainda que ambos sejam bilíngues e poder-se-ia ter empregado somente um dos idiomas.

Após conversar com o pai, Lauro realizou um *code-switching* intersentencial, passando do hunsriqueano, até então em uso, para a Língua Portuguesa. Tal fato mostrou-se curioso, uma vez que o interlocutor do menino foi o gato de brinquedo, de modo que a criança tenha empregado uma alternância de códigos para dirigir a palavra ao felino. O menino, imerso na dinâmica de dramatização, proferiu o seguinte falar: “Volta aqui, eu tô correndo atrás de você, gato maluco. Você tá cheio de pulga, sai daqui” (l.68-70). Sendo assim, verifica-se que o imaginário do garoto atribuiu um papel inventivo à figura do bicho, por meio do qual houve a proposição de uma identidade linguística fantasiosa ao animal, a qual seria usuária de português (ou seja, não era seu “papai” que falava). Devido a isso, através do delineamento desse aspecto linguístico, Lauro assumiu que a língua de conhecimento do gato seria o português.

Percebe-se, daí, a movimentação do menino entre suas duas línguas maternas, de modo que ele mobilize dizeres – na forma de escolhas linguísticas – que lhe parecem estratégicas, mediante o contexto da situação interativa. Trata-se de um entrelaçamento dos idiomas, fazendo, do campo da linguagem, espaço de manifestação do lúdico, da imaginação e da criatividade.

Diante da atitude do menino, pautada pelo ato de correr atrás do gato e, de certa forma, proferir-lhe dizeres de xingamento, a avó da criança, até então somente observando a situação da cozinha, envolveu-se no diálogo. A mulher questionou o garoto se ele estava “maluco” (l.71), em uma articulação linguística que mesclou o hunsriqueano e o português. Lauro, então, como forma de justificar seu comportamento, mencionou à avó que o bicho estava com pulgas, dizendo-lhe: “Vovó Lilian, de Katz hod Fleh” (l.72). Considerando que sua fala, prévia a essa, deu-se em português, o dizer em questão, em alemão, apontou-se como um *code-switching* intersentencial, visto que “vovó” indexa um falante bilíngue.

Nas passagens remanescentes do dado, verifica-se a recorrência do comportamento de Lauro, no que se refere às suas escolhas linguísticas consoante o interlocutor. Observa-se, assim, que o menino, simulando que o gato estava fugindo, tratou de correr atrás do bicho, carregando-o em suas mãos e falando-lhe

novamente em português. Após, Lauro dirigiu-se à sua mãe, mencionando que tinha desmaiado em virtude da corrida, mantendo o emprego da Língua Portuguesa.

A alternância linguística se deu no momento em que a criança abordou o avô, proferindo-lhe a palavra em *Hunsrückisch*, tendo recebido, como resposta, uma fala nesse mesmo idioma. Ao dialogar com o homem, LAU realizou um *code-switching* intra-sentencial, introduzindo o advérbio de negação “não” (l.88) no seu falar na variedade germânica. Então, o garoto empregou outra comutação de códigos, ao se voltar aos seus pais, pedindo-lhes, em Língua Portuguesa, que prestassem atenção no que ele faria: voltar a correr atrás do gato, a fim de capturá-lo, já que o bichano havia arranhado seus familiares. As expressões dirigidas ao felino deram-se, tal como previamente, em português.

A mãe então questionou o garoto, em alemão, sobre o que aconteceria naquele momento, dado que o gato caíra no chão. Como forma de resposta, a criança iniciou a sentença também em hunsriqueano, mencionando: “[De Katz] is kaputtgang” (l.102-103) (pt. [O gato] morreu). No entanto, logo em seguida, contradiz o então dito e, como forma de resposta a si mesmo, menciona em Língua Portuguesa que o felino não morreu. Logo após, Lauro permanece conversando com sua mãe nesse idioma, no decorrer dos turnos de fala subsequentes, solicitando que a figura materna se aproxime de onde a criança está.

O português é alternado para o hunsriqueano quando LAU pede que o avô, que está na cozinha, se encaminhe para o recinto no qual o menino está. O pedido se realizou na língua de imigração, configurando um *code-switching* entre enunciados: “Vovô Renato, kommd do uff de sala” (l.117-118). Percebe-se, também, no interior da oração, a inclusão do termo “sala” (l.118), em português, no dizer da criança – o que caracteriza uma comutação intra-sentencial unitária. A introdução desse termo é decorrente do não conhecimento de LAU do vocábulo equivalente em *Hunsrückisch*.

Na situação interativa do recorte, tem-se um contexto de interação no qual os quatro sujeitos, interlocutores de Lauro, eram bilíngues. Sendo assim, a comunicação mútua em um único idioma seria possível, visto que todos compreenderiam as mensagens transmitidas. Ainda assim, é notável a seleção linguística dessemelhante mediante cada participante social do discurso, de modo que a fala do menino tenha sido pautada por inúmeras alternâncias linguísticas. Isso porque a relação de intimidade e de proximidade, marcada pela indexicalidade nos

vocativos – que especificam falantes bilíngues e aqueles que usam português – de Lauro com tais alocutários delimitou um código preferencial de comunicação com cada um deles, na condição de troca interpessoal particular.

4.5 SITUAÇÃO INTERATIVA 5

Na quinta interlocução, Lauro está imerso em um contexto de interação pautado por diferentes interlocutores, na condição de convidados de sua festa de aniversário. No início do dado, o menino está conversando com o seu padrinho de batismo (PWI) em Língua Portuguesa. A relação com esse sujeito não é atravessada por intimidade, dado que o homem reside em outra cidade e, por isso, tem contato com o garoto somente eventualmente. Como forma de endereçar esse indivíduo, a criança tem o costume de chamá-lo de “patt” (padrinho), em virtude de o homem ser um falante bilíngue. Além dessa característica, outros elementos mapeiam sua identidade: o padrinho é do gênero masculino e é jovem.

No que se refere ao aspecto linguístico, desde o início de sua relação interpessoal, o menino e o homem se comunicam em *Hunsrückisch* e em português, empregando alternâncias linguísticas em suas falas, geralmente intersentenciais ou entre enunciados. Sendo assim, por ambos não terem um vínculo de proximidade constante, parece, até então, não ter havido um “consenso” bilateral concernente à língua preferencial para sua interação. Interpreta-se que o grau de distanciamento que se faz presente entre eles não possibilitou a apreensão integral dos traços linguísticos, sociais e identitários um do outro, ocasionando uma não delimitação de um idioma prioritário para uso em suas conversas.

[DADO 5] **4 anos**

A situação de interlocução exposta abaixo contempla a realização da festa de aniversário de quatro anos de LAU, ocorrida na sua casa. Na ocasião, diferentes familiares e parentes se fizeram presentes no evento, de modo que a cena expõe o menino conversando e brincando, na sala, com os diferentes convidados da festa. Estavam no recinto, no momento do recorte, seu padrinho de batismo (PWI), sua bisavó (BIS), sua dinda (DIA), sua avó paterna (VLI), sua priminha (PNA) e a mãe da

prima (PCA). Lauro estava brincando com os personagens da Fazenda do Zenon – um desenho que costuma assistir –, personagens os quais havia ganho de presente nesse dia.

Quadro 6 – Transcrição e Tradução da Situação Interativa 5

	TRANSCRIÇÃO ORIGINAL		TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS	
01	Com	[LAU estava brincando, em silêncio,	Com	[LAU estava brincando, em silêncio,
02		com os personagens da fazenda,		com os personagens da fazenda,
03		dispostos sobre um banquinho]		dispostos sobre um banquinho]
04	PWI	<u>Tu comeu torta, Lauro?</u>	PWI	<u>Tu comeu torta, Lauro?</u>
05	LAU	Sim, primeiro a cobertura da torta	LAU	Sim, primeiro a cobertura da torta
06	PWI	Primeiro a cobertura da torta? Era	PWI	Primeiro a cobertura da torta? Era
07		cobertura de quê? Chocolate, né?		cobertura de quê? Chocolate, né?
08	LAU	Acho que sim, ou de laranja. Acho	LAU	Acho que sim, ou de laranja. Acho
09		que misturado chocolate e laranja.		que misturado chocolate e laranja.
10	Com	[Um dos personagens caiu no chão e	Com	[Um dos personagens caiu no chão e
11		PWI o juntou]		PWI o juntou]
12	LAU	Obrigado.	LAU	Obrigado
13	PWI	De nada. Ó, vou colocar todos	PWI	De nada. Ó, vou colocar todos juntos
14		juntos [pegou dois personagens		[pegou dois personagens que
15		que estavam no banquinho]. <u>Noch</u>		estavam no banquinho]. <u>Mais um</u>
16		<u>een hier</u> : Maria.		<u>aqui</u> : Maria.
17	Com	[LAU caminha para o sofá,	Com	[LAU caminha para o sofá, colocando
18		colocando os personagens sobre o		os personagens sobre o assento]
19		assento]		
20	PCA	<u>Meu Deus, wiffel Dings hast du.</u>	PCA	<u>Meu Deus, quantas coisas tu tem.</u>
21		<u>Wie heesd de Galo?</u>		<u>Como se chama o galo?</u>
22	LAU	Bartolino. De Kuh heese Vaca	LAU	Bartolino. A vaca se chama Vaca
23		Maru.		Maru.
24	BIS	Was is hie das do? [BIS pega o	BIS	O que é isso aqui? [BIS pega o
25		chapéu de brinquedo de um dos		chapéu de brinquedo de um dos
26		personagens] En Katz?		personagens] Um gato?
27	Com	[A mulher simula o som de um	Com	[A mulher simula o som de um gato.
28		gato. [LAU se vira para PWI]		[LAU se vira para PWI]
29	LAU	A bisa tá achando que o chapéu	LAU	A bisa tá achando que o chapéu é
30		é um gato.		um gato.
31	BIS	Eu falei um galo.	BIS	Eu falei um galo.
32	LAU	Eu ouvi que ela falou um gato e ela	LAU	Eu ouvi que ela falou um gato e ela
33		“fazeu” assim: miau.		“fazeu” assim: miau.
34	COM	[Todos riem. BIS pegou a vaca]	COM	[Todos riem. BIS pegou a vaca]
35	BIS	Hie das is en Gato.	BIS	Esse é um gato.
36	LAU	Ela falou agora [que] a Vaca Maru	LAU	Ela falou agora [que] a Vaca Maru é
37		é um gato. Isso é um gato [pega o		um gato. Isso é um gato [pega o
38		gatinho de brinquedo]		gatinho de brinquedo]
39	PWI	Net, Bisa.	PWI	Não, bisa.
40	Com	[DIA chega na sala. PNA vê que	Com	[DIA chega na sala. PNA vê que
41		alguns personagens têm luz e se		alguns personagens têm luz e se
42		dirige a PWI]		dirige a PWI]
43	PNA	O que que é isso?	PNA	O que que é isso?
44	Com	[LAU se dirige à menina]	Com	[LAU se dirige à menina]

45	LAU	Isso é a Maria.	LAU	Isso é a Maria.
46	Com	[PNA pega outro personagem]	Com	[PNA pega outro personagem]
47	LAU	Esse é o Zenon.	LAU	Esse é o Zenon.
48	Com	[BIS começa a pegar os animais na	Com	[BIS começa a pegar os animais na
49		mão, imitando seus sons]		mão, imitando seus sons]
50	DIA	<u>Is das Bisa nommol ferrickd?</u>	DIA	<u>A bisa está novamente maluca?</u>
51	LAU	Jo, das hod gesaad, de Kuh waar	LAU	Sim, ela disse que a vaca era um
52		en Katz.		gato.
53	Com	[Todos riem]	Com	[Todos riem]
54	DIA	Não acredito.	DIA	Não acredito.
55	Com	[PNA leva a personagem Maria	Com	[PNA leva a personagem Maria para
56		para PWI e conversa paralelamente		PWI e conversa paralelamente com
57		com ele]		ele]
58	PWI	<u>Ela tem um coração de luz, Lauro?</u>	PWI	<u>Ela tem um coração de luz, Lauro? A</u>
59		<u>A Maria.</u>		<u>Maria.</u>
60	LAU	Quê?	LAU	Quê?
61	PWI	A Maria tem um coração de luz?	PWI	A Maria tem um coração de luz? Olha
62		Olha ali, sai a luzinha.		ali, sai a luzinha.
63	PNA	Todo mundo tem um coração de	PNA	Todo mundo tem um coração de luz.
64		luz.		
65	LAU	Mas a vaca não.	LAU	Mas a vaca não.
66	PNA	É, o da vaca não.	PNA	É, o da vaca não.
67	LAU	O coração da vaca não liga	LAU	O coração da vaca não liga
68	Com	[BIS pega Maria e se dirige à PNA]	Com	[BIS pega Maria e se dirige à PNA]
69	BIA	Mas onde liga isso aqui?	BIA	Mas onde liga isso aqui?
70	PNA	Tem um botão [PNA tenta ligar]	PNA	Tem um botão [PNA tenta ligar]
71	BIS	Não liga? Terminou a bateria	BIS	Não liga? Terminou a bateria
72	Com	[PNA conseguiu ligar]	Com	[PNA conseguiu ligar]
73	BIS	Ahhh [tom de surpresa]	BIS	Ahhh [tom de surpresa]
74	LAU	Por que tu falou [que] a bateria	LAU	Por que tu falou [que] a bateria
75		acabou? [falou rindo]		acabou? [falou rindo]
76	BIS	Eu achei que a bateria acabou	BIS	Mas eu achei que a bateria acabou
77	Com	[BIS pega um dos personagens	Com	[BIS pega um dos personagens
78		homens]		homens]
79	BIS	Guck mol de Papai Noel.	BIS	Olha o Papai Noel.
80	Com	[LAU se dirigiu a PWI]	Com	[LAU se dirigiu a PWI]
81	LAU	A bisa sempre fala que alguém é o	LAU	A bisa sempre fala que alguém é o
82		Papai Noel.		Papai Noel.
83	PWI	<u>E como é a cor do Papai Noel?</u>	PWI	<u>E como é a cor do Papai Noel?</u>
84		<u>Rod, gel?</u>		<u>Vermelho, amarelo?</u>
85	LAU	Rod mit weis.	LAU	Vermelho com branco.
86	PWI	Jo.	PWI	Sim.
87	Com	[BIS e LAU começam a brincar com	Com	[BIS e LAU começam a brincar com
88		os animais, imitando seus sons]		os animais, imitando seus sons]
89	LAU	Guck mol, de Kuh kemmd do on.	LAU	Olha, a vaca está vindo aqui.
90	BIS	Das kemmd do bei mich?	BIS	Ela virá aqui em mim?
91	LAU	Jo, das is do [simula que a vaca	LAU	Sim, ela tá aqui [simula que a vaca
92		está subindo na bisa]		está subindo na bisa]
93	PWI	<u>Escuta, Lauro. Como é o nome do</u>	PWI	<u>Escuta, Lauro. Como é o nome do</u>
94		<u>cavalo? Wie heesd de Gaul?</u>		<u>cavalo? Como o cavalo se chama?</u>
95	Com	[VLI chega na sala]	Com	[VLI chega na sala]
96	LAU	Cavalo Bretão	LAU	Cavalo Bretão
97	PWI	<u>Ele é amarelo que nem esse?</u>	PWI	<u>Ele é amarelo que nem esse?</u>
98		<u>Amarelo mit weis?</u>		<u>Amarelo com branco?</u>
99	LAU	Amarelo mit weis. Wie de Papai	LAU	Amarelo com branco. Assim como

100		Noel rod is mit weis.		o Papai Noel é vermelho com branco.
101				
102	PWI	Ah, jo.	PWI	Ah, sim.
103	VLI	<u>De Gaul is gel mit weis un de Papai</u>	VLI	<u>O cavalo é amarelo com branco e o</u>
104		<u>Noel is rod mit weis.</u>		<u>Papai Noel é vermelho com branco.</u>
105	Com	[LAU caminha até a avó]	Com	[LAU caminha até a avó]
106	LAU	Guck mol wie de Cavalo “neim	LAU	Olha como o cavalo cavalo faz “neim
107		neim” machd: neim, neim, neim ⁸⁹		neim”: neim, neim, neim [imita o
108		[imita o cavalo caminhando]		cavalo caminhando]
109	LAU	For was dud er immer de Been ruff-	LAU	Por que ele sempre coloca a perna
110		dun?		para cima?
111	VLI	De dud so ruff dun fer ruff-huppse.	VLI	Ele coloca a perna assim para pular
112				para cima.
113	Com	[LAU continuou brincando com a	Com	[LAU continuou brincando com a avó
114		avó paterna]		paterna]

Fonte: elaborado pela autora

Com relação ao dado, nos primeiros turnos de fala do menino e de seu tio há um emprego majoritário da Língua Portuguesa, iniciado pelo interlocutor, de modo que o garoto tenha realizado uma convergência por tal escolha. A única comutação de códigos que se interpôs nessas passagens do ato comunicativo adveio do padrinho. Dessa forma, LAU não realizou qualquer *code-switching*, mantendo seus dizeres no idioma proposto pelo alocutário. Pode-se depreender que “patt” indexa falante usuário do português.

Em seguida, Lauro se aproxima do sofá, dispondo sobre o assento os personagens de brinquedo com os quais estava interagindo. Ao perceber a quantidade de personagens, a mãe de sua priminha (PCA) direcionou-lhe a palavra em hunsriqueano, questionando o menino sobre o nome do galo – um dos animais presentes no grupo de brinquedos. O menino respondeu-lhe com uma construção sentencial nessa língua de imigração, caracterizando um *code-switching* entre enunciados, visto que suas falas prévias se deram em português, tendo como tópico de conversa outro assunto.

A relação de Lauro com essa interlocutora também não é pautada por intimidade, em virtude de ambos terem contato de forma pouco frequente, ainda que a mulher resida na sua vizinhança. No que se refere aos seus traços identitários, trata-se de uma mulher, jovem e mãe de seus primos (um menino e uma menina com os quais LAU tem contato ocasionalmente). O garoto também sabe que ela prenuncia um falante bilíngue, sendo sua interação comunicativa atravessada pelo

⁸⁹ Onomatopeia que simula o som do cavalo, de acordo com a Língua Inglesa.

uso contínuo do português e do *Hunsrückisch*. De forma semelhante ao que se sucede com o seu padrinho, não há entre ambos uma língua dialógica acordada como a preferencial. Ainda assim, verifica-se que Lauro respondeu à mulher de modo a manter a língua por ela proposta, o que se aponta como uma acomodação linguística.

Na sequência da conversa, a bisavó do garoto (BIS) pontuou que o chapéu de um dos personagens se tratava de um gato. Diante disso, LAU empregou outra alternância linguística, agora intersentencial, voltando-se ao padrinho em Língua Portuguesa, mencionando que “A bisa tá achando que o chapéu é um gato” (l.29-30). A mulher responde que, na verdade, havia dito “um galo” (l.31); no entanto, o menino justificou que isso não ocorreu, argumentando o contrário. Sua argumentação foi direcionada a PWI, mantendo, novamente, o uso do português. A idosa, então, pegou uma vaquinha de brinquedo na mão e, voltando-se a Lauro, mencionou a ele, em *Hunsrückisch*, que a vaca era um gato. Novamente, o menino não respondeu a ela, direcionando-se ao padrinho, em tom de indignação, repetindo o dizer da mulher e apontando qual dos bichos era de fato um felino.

Em seguida, a priminha de Lauro (PNA) dirige-se ao padrinho, fazendo-lhe um questionamento. Antes que o homem pudesse responder, o menino “intrometeu-se” na conversa e mencionou o nome da personagem à garota. De forma idêntica, o fez novamente, no momento em que PNA pegou outro personagem nas mãos. A prima é uma menina de oito anos, monolíngue (português), que mora nas proximidades de sua residência. Ela apresenta-se como uma das poucas crianças que moram no local, tendo ambos contato casualmente; não têm muita proximidade, nem muito distanciamento. Devido a isso, LAU tem consciência de que se trata de uma criança, do gênero feminino, que pertence à sua família e que não fala o hunsriqueano. Em virtude desse último aspecto, próprio da esfera linguística, não haveria outra possibilidade de comunicação com a menina, se não o emprego do português para se dirigir a ela – tal como Lauro fez, nos dois turnos sequenciais de conversa com a menina.

Momentos depois, o garoto realizou um *code-switching* entre enunciados, efetuando uma alternância do português, até então em uso, para o *Hunsrückisch*. O dizer do menino, na língua de imigração, apresentou-se como uma resposta à fala de DIA, a qual havia chegado à sala momentos antes, tendo permanecido em silêncio no local. A mulher questionou o menino quanto a idosa estar novamente

“maluca”, visto que sempre se envolve nas brincadeiras, divertindo o garoto. LAU então respondeu-lhe com: “Jo, das hod gesaad, de Kuh waar en Katz” (l.51-52) (pt. sim, ela disse que a vaca era um gato).

Enquanto tal diálogo se sucedia, a prima de Lauro conversou com o padrinho, de modo que, desse ato comunicativo paralelo, surgiu um questionamento do homem ao menino. Já que LAU estava, momentos antes, concentrado em conversar com a bisavó, sua resposta à PWI foi um simples “quê?” (l.60), em português – constituindo novamente uma alternância linguística. O padrinho havia-lhe abordado nesse mesmo idioma, possivelmente em virtude de a menina, monolíngue, estar participando como ouvinte da interação. Nos turnos de fala seguintes, os três sujeitos do discurso se comunicaram unicamente nessa língua, debatendo acerca do fato de os personagens terem ou não um botão de luz em seu corpo.

Então, a bisavó, curiosa diante da situação, também se envolveu no diálogo, falando com a garota em Língua Portuguesa, acerca dessa luz, presente em uma das personagens. Após alguns turnos de fala de ambas, Lauro questionou a idosa do porquê de ela ter mencionado que a bateria havia acabado – fazendo referência ao fato de a luzinha, previamente, não ter ligado. O menino manteve o uso do português, da mesma forma que a bisavó lhe respondeu também nesse código. Infere-se que, apesar de ambos terem o hunsriqueano como idioma de prevalência em seus diálogos, na situação em questão a escolha linguística pela Língua Portuguesa se deu em decorrência dos dois estarem tratando de um tópico de conversa interessante aos demais sujeitos ali presentes (padrinho e prima)

Logo em seguida, BIS dirigiu-se especificamente a LAU, dessa vez empregando o hunsriqueano, ainda que tenha incluído o termo “Papai Noel” (l.79) no seu discurso. Contudo, tal como ocorreu em passagens prévias do presente excerto, o menino não proferiu uma resposta à bisavó na língua germânica, de modo a se dirigir a outro(s) interlocutor(es), valendo-se do português para a comunicação. Nesse caso, o garoto realizou uma constatação sobre o dizer da idosa, pontuando que “A bisa sempre fala que alguém é o Papai Noel” (l.81-82). Diante dessa sentença, o padrinho voltou-se a Lauro, questionando-o acerca da cor da roupa do Papai Noel, em uma construção discursiva permeada pelo uso do português e do *Hunsrückisch*. À vista da pergunta do homem, o menino respondeu-lhe na língua germânica, mencionando que a cor da vestimenta da figura representativa do Natal

é “rod mit weis” (l.85) (pt. vermelho com branco). Essa fala consistiu em um *code-switching* entre enunciados, já que após um longo período dialógico, frases de um outro código, nesse caso a língua de imigração, foram integradas ao ato conversacional. Nota-se que LAU responde ao padrinho segundo a língua pelo adulto usada.

Lauro, então, começa a brincar especificamente com a bisavó, agora dirigindo-lhe a palavra em hunsriqueano. Ambos se envolvem em uma brincadeira na qual há a simulação de que a vaquinha de brinquedo está subindo na mulher, conversando unicamente nessa língua de imigração. Então, o padrinho dirige-se ao garoto, questionando-o acerca da cor do cavalo – bichinho pertencente aos personagens da fazenda. Tal como sucedido previamente, o homem formulou um enunciado englobando dizeres em português e em *Hunsrückisch*, de modo que o menino lhe tenha respondido na língua de imigração.

A resposta do menino deu-se em duas orações distintas, cada qual englobando um *code-switching* intra-sentencial. Na primeira sentença, houve a inclusão do termo “amarelo”, de modo unitário, na frase “amarelo mit weis” (l.99) (pt. amarelo com branco); não obstante, tal dizer foi proferido, da mesma maneira, na pergunta do padrinho. Sendo assim, LAU apenas repetiu o enunciado do homem, agora em forma de resposta. Com relação à segunda sentença, a alternância ocorreu de modo intra-sentencial segmental, havendo a introdução dos termos “Papai Noel” na locução “Wie de Papai Noel rod is mit weis” (l.99-100) (pt. assim como o Papai Noel é vermelho com branco). A inclusão desses vocábulos, em português, na frase na variedade alemã justifica-se em virtude dessa expressão ter sido usada desse modo em turnos de fala anteriores, sem que tenha havido menção à figura natalina em alemão.

Logo após, a avó paterna, que havia chegado momentos antes na sala, envolveu-se no ato comunicativo, tratando desse mesmo tópico em enfoque. A mulher dirigiu-se ao garoto em *Hunsrückisch*, dada essa ser a língua preferida de interação entre ambos, tendo LAU respondido-lhe nesse código e, por conseguinte, a conversa seguido nesse idioma. Em um dos turnos de fala da criança, verifica-se a realização de uma comutação de códigos intra-sentencial unitária, através da inserção do vocábulo “cavalo” (l.106) no seu enunciado em hunsriqueano. Ainda que Lauro saiba o termo equivalente na língua alemã, a seleção pela palavra em Língua Portuguesa presumivelmente recai no fato de que o menino detém habilidades

linguísticas bilíngues e por haver duas pessoas que fazem uso do português (padrinho e prima). Nesse sentido, ele tem, a seu dispor, um amplo arcabouço lexical nos dois idiomas de domínio e, portanto, mobiliza saberes próprios de suas duas línguas maternas.

No presente dado, observa-se que a situação dialógica exposta é pautada por um contexto situacional no qual se fizeram presentes diferentes participantes discursivos. Nota-se que no que concerne à interação com os sujeitos cuja inter-relação de Lauro é íntima – bisavó, dinda e avó paterna –, há uma tendência para a manutenção da língua acordada com cada alocutária. Com relação à interlocutora monolíngue (a prima), o garoto comunica-se com a menina unicamente em português.

Já no que se refere aos atos comunicativos com o padrinho e, em certa medida, com a mãe da menina, ambos bilíngues, cuja relação não é de proximidade, houve uma propensão à acomodação da língua proposta pelo interlocutor, seja ela o *Hunsrückisch* ou a Língua Portuguesa. Visto que há uma negociação linguístico-social em vigor com tais sujeitos, a convergência linguística apresenta-se como uma forma de firmar uma afinidade com o alocutário, atestando solidariedade a outrem, na forma de adaptação ao idioma por ele trazido à conversa. Outrossim, aponta-se que é notável o uso mais frequente do português na interação entre Lauro e o homem (padrinho), especialmente nas passagens iniciais e do meio do excerto. Possivelmente tal fato justifica-se em decorrência do contexto específico da situação conversacional: a presença da prima, falante monolíngue, na condição de falante/ouvinte dos dizeres que estavam ali sendo proferidos.

4.6 SITUAÇÃO INTERATIVA 6

Na situação interativa da sexta interlocução, Lauro está imerso em um contexto dialógico permeado por diferentes participantes discursivos: sua mãe, sua avó materna, sua dinda, seu padrinho, a irmã do padrinho e uma vizinha. No início do excerto, o menino conversa com o padrinho (PWI) em português, já que o homem lhe abordou nesse idioma, perguntando o que a criança tinha nas mãos. Lauro lhe respondeu em Língua Portuguesa, tendo a conversa se seguido nesse código, agora tratando do desejo de o menino ver o arroio, que estava grande em virtude da cheia do dia anterior. Então, após alguns turnos de fala, o padrinho

direciona um enunciado a LAU (l.11-12) contendo uma justaposição de elementos do português e do *Hunsrückisch*. A resposta do menino ao dizer do homem é dada na língua de imigração (l.13), o que configurou um *code-switching* intersentencial, já que esteve relacionado ao mesmo tópico da conversa, quando essa se seguia em português.

Após a resposta do menino, o padrinho novamente constrói um discurso contendo alternância linguística, havendo, dessa vez, a predominância de construções sentenciais na Língua Portuguesa. O garoto o questiona com “quê?” (l.16), realizando uma comutação de códigos do *Hunsrückisch*, empregado em sua última fala, ao português. Os dois sujeitos, Lauro e seu padrinho, conversam, por mais dois turnos, nesse mesmo idioma. A possibilidade de comunicação nos dois códigos se faz presente, em virtude de “patt” (o padrinho) indexar um falante bilíngue, tal como observado no dado anterior. Ademais, reitera-se que a relação de ambos não é atravessada por proximidade, o que favorece a não-delimitação de uma língua de preferência para a conversa, de modo que sua interação seja permeada por constantes alternâncias linguísticas.

[DADO 6]
3 anos e 10 meses

A situação de interlocução apresentada abaixo compreende um diálogo ocorrido em um ambiente externo, próximo à residência da avó materna de Lauro. Na ocasião, o menino estava acompanhado de sua mãe (MAE), de sua avó materna (VNI) e de sua dinda (DIA). Elas decidiram caminhar para aproveitar o dia, tendo então ido até o gramado localizado nos fundos do terreno dos avós e ali se sentado. No dia anterior, em virtude de fortes chuvas, ocorreu uma enchente, de modo que o rio que passa próximo dali tenha invadido a plantação dos vizinhos. Por isso, em dado momento, o padrinho de Lauro (PWI), a irmã do padrinho (TAL) e uma vizinha (VYO) – essa última, proprietária da plantação –, foram checar os estragos efetuados pela água. Lauro e seus familiares decidiram, então, se aproximar dos demais sujeitos, para conversar. No decorrer do diálogo, conversas paralelas se fizeram presentes entre alguns participantes discursivos, tendo sido essas ignoradas, já que não envolveram LAU.

Quadro 7 – Transcrição e Tradução da Situação Interativa 6

	TRANSCRIÇÃO ORIGINAL		TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS	
01	PWI	Oi.	PWI	Oi.
02	(todos)	Oi.	(todos)	Oi.
03	Com	[PWI se dirige a LAU]	Com	[PWI se dirige a LAU]
04	PWI	<u>O que tu tem na mão?</u>	PWI	O que tu tem na mão?
05	LAU	Balinhas.	LAU	Balinhas.
06	MAE	Ele tá brabo, porque queria ir no	MAE	Ele tá brabo, porque queria ir no
07		Bach. [o arroio que fica ao lado do		arroio. [o arroio que fica ao lado do
08		rio]		rio]
09	PWI	Não dá pra ir no Bach.	PWI	Não dá pra ir no arroio.
10	LAU	Ai, eu queria ver [tom de irritação]	LAU	Ai, eu queria ver [tom de irritação]
11	PWI	<u>Is ein groser Baam lá no Bach,</u>	PWI	Tem uma árvore grande lá no
12		<u>não dá pra descer.</u>		arroio, não dá pra descer.
13	LAU	Ich wolld gucke.	LAU	Eu queria ver.
14	PWI	<u>Lauro, vem aqui ver o groser</u>	PWI	Lauro, vem aqui ver a árvore grande
15		<u>Baam que tá no Bach.</u>		que tá no arroio.
16	LAU	Quê?	LAU	Quê?
17	PWI	Ali tem areia, acho que afunda.	PWI	Ali tem areia, acho que afunda.
18	LAU	É areia de praia.	LAU	É areia de praia.
19	TAL	Vamos fazer um castelinho,	TAL	Vamos fazer um castelinho, Lauro?
20		Lauro?		
21	LAU	Quando?	LAU	Quando?
22	TAL	Aqui, vamos fazer um castelinho.	TAL	Aqui, vamos fazer um castelinho.
23	Com	[se dirige à MAE}	Com	[se dirige à MAE}
24	LAU	Mamãe, pode tirar? É fofinho.	LAU	Mamãe, pode tirar? É fofinho.
25		[questiona se pode tirar os		[questiona se pode tirar os chinelos
26		chinelos sobre a areia]		sobre a areia]
27	MAE	Sim, pode tirar.	MAE	Sim, pode tirar.
28	VNI	Kommd, dort runner gucke de Rio.	VNI	Vem, aqui embaixo ver o rio. [VNI
29		[VNI chama de onde ela estava]		chama de onde ela estava]
30	LAU	Talita, depois a gente vai fazer o	LAU	Talita, depois a gente vai fazer o
31		castelo.		castelo.
32	PWI	Vocês vão fazer um castelo de	PWI	Vocês vão fazer um castelo de
33		areia?		areia?
34	LAU	Uhum [consente]. Eu nunca fazi	LAU	Uhum [consente]. Eu nunca fazi
35		castelo.		castelo.
36	Com	[VNI e VYO saem caminhando	Com	[VNI e VYO saem caminhando
37		alguns metros]		alguns metros]
38	VNI	Kommd hier gucke.	VNI	Vem aqui olhar.
39	Com	[LAU vê VYO se aproximando do	Com	[LAU vê VYO se aproximando do
40		rochedo próximo ao rio]		rochedo próximo ao rio]
41	LAU	Yone, bass uff.	LAU	Yone, toma cuidado.
42	VYO	Jo. Guck mol hier, Nennë. Hier die	VYO	Sim. Olha aqui, bebê. Aqui a Yone
43		Yone hod immer zugemach		sempre fechou [aponta para uma
44		[aponta para uma cerca]. Kommd,		cerca]. Vem, nós vamos agora lá
45		meer gehn jetzt dort druff		pra cima [apontando para outro
46		[apontando para outro lugar]. Die		lugar]. A madrinha, a dinda, também
47		Got, die dinda, gehd aach mit.		vai junto. Nós vamos lá em cima
48		Meer gehn uffem gucke wo das		olhar onde o gado sempre fica.
49		Fieh immer bleibd.		
50	LAU	Não. Ich wolle de Castelo mache.	LAU	Não. Eu quero fazer o castelo .
51	Com	[se dirige a TAL]	Com	[se dirige a TAL]

52	LAU	Eu queria fazer um castelo, porque eu nunca fazi um castelo.	LAU	Eu queria fazer um castelo, porque eu nunca fazi um castelo.
53				
54				
55	DIA	Calma, Lauro.	DIA	Calma, Lauro.
56	Com	[Todos caminham alguns metros adiante e visualizam o rio]	Com	[todos caminham alguns metros adiante e visualizam o rio]
57				
58	LAU	Mamãe, onde é lá? Onde é lá,	LAU	Mamãe, onde é lá? Onde é lá,
59		mamãe? [aponta para o rio]		mamãe? [aponta para o rio]
60	MAE	Onde? Aquilo é o rio.	MAE	Onde? Aquilo é o rio.
61	LAU	Não.	LAU	Não.
62	MAE	Aquelas arvorezinhas pequenas?	MAE	Aquelas arvorezinhas pequenas?
63	LAU	Uhum.	LAU	Uhum.
64	MAE	Isso é o “sanga”.	MAE	Isso é a várzea.
65	LAU	Mamãe, quando a gente faz	LAU	Mamãe, quando a gente faz assim,
66		assim, assim e assim a gente já tá		assim e assim a gente já tá no rio
67		no rio [simulando o caminho a		[simulando o caminho a seguir para
68		seguir para chegar lá]		chegar lá]
69	MAE	É, mas tá vendo onde tem essas	MAE	É, mas tá vendo onde tem essas
70		ondas? Ali é muito fundo.		ondas? Ali é muito fundo.
71	LAU	Essa coisa branca?	LAU	Essa coisa branca?
72	MAE	É.	MAE	É.
73	Com	[DIA se dirige a TAL]	Com	[DIA se dirige a TAL]
74	DIA	Olha como tá tudo limpo aqui.	DIA	Olha como tá tudo limpo aqui.
75	TAL	Sim, tá bem diferente.	TAL	Sim, tá bem diferente.
76	LAU	Aleluia! Is keen Maratsch dohin.	LAU	Aleluia! Não tem lama aqui.
77	Com	[LAU se dirige a TAL]	Com	[LAU se dirige a TAL]
78	LAU	Talita, du wollst mit mich ein	LAU	Talita, você queria fazer um
79		Castelo mache?		castelo comigo?
80	VNI	Was soll Talita mache?	VNI	O que a Talita é pra fazer?
81	LAU	Ein Castelo .	LAU	Um castelo .
82	TAL	Willst-du net dohin sich hocke?	TAL	Você não quer se sentar aqui?
83	LAU	Não . Ich wolld ein castelo mache.	LAU	Não . Eu queria fazer um castelo .
84	TAL	Aqui também tem Sand.	TAL	Aqui também tem areia.
85	LAU	Não, mas a gente vai lá.	LAU	Não, mas a gente vai lá.
86	Com	[LAU, DIA, TAL e MAE começam	Com	[LAU, DIA, TAL e MAE começam a
87		a caminhar de volta onde estavam		caminhar de volta onde estavam no
88		no início]		início]
89	LAU	Tá louco. Host-du gesihn aquelas	LAU	Tá louco. Você viu aquelas ondas?
90		ondas? [se dirige a DIA]		[se dirige a DIA]
91	DIA	Eu vi.	DIA	Eu vi.
92	TAL	Ai, gente. Será que a gente vai	TAL	Ai, gente. Será que a gente vai
93		chegar até os nossos 90 anos?		chegar até os nossos 90 anos?
94	LAU	Ai, mas eu tenho 3 anos.	LAU	Ai, mas eu tenho 3 anos.
95	Com	[Todos riem]	Com	[todos riem]
96	Com	[Eles chegam ao local onde está a	Com	[Eles chegam ao local onde está a
97		areia]		areia]
98	TAL	Hier is keen Balde, keen Wasser.	TAL	Aqui não tem balde, não tem água.
99		Muss-ma das hole [aponta para a		Precisamos pegar essa [aponta
100		areia]. Das is bissje herter [aponta		para a areia]. Essa [outra] é um
101		para um barro mais seco]. Das do		pouco mais dura [aponta para um
102		is nasser. Guck mol, das do kann		barro mais seco]. Essa aqui está
103		meer hole.		mais molhada. Olha, essa podemos
104				pegar.
105	Com	[LAU se dirige a MAE]	Com	[LAU se dirige a MAE]
106	LAU	Acho que a gente pode pegar uma	LAU	Acho que a gente pode pegar uma

107		pá.			pá.
108	MAE	Não tem pá aqui, Lauro.		MAE	Não tem pá aqui, Lauro.
109	Com	[TAL começa a pegar areia com a		Com	[TAL começa a pegar areia com a
110		mão e jogar num monte]			mão e jogar num monte]
111	TAL	Ich dun schmeise un du dust		TAL	Eu vou jogar e você monta. Posso
112		mache. Kann-ich schmeise?			jogar?
113	LAU	Jo.		LAU	Sim.
114	TAL	Dort kann meer ein Torre mache.		TAL	Ali podemos fazer uma torre.
115	LAU	Não. Muss-ma nore hon Areia fer		LAU	Não. Precisamos só de areia pra
116		das mache.			fazer.
117	Com	[LAU pega areia na mão]		Com	[LAU pega areia na mão]
118	LAU	Kann-ich druff-schmeise?		LAU	Posso jogar em cima?
119	TAL	Jo. Vamo bissje meh rund mache.		TAL	Sim. Vamos fazer um pouco mais
120					redondo.
121	LAU	A gente precisa só um		LAU	A gente precisa só um pouquinho
122		pouquinho molhar esse castelo.			molhar esse castelo.
123	TAL	Molhar? Is keen Wasser hier, nore		TAL	Molhar? Não tem água, só lá no
124		in de Rio Baranke.			barranco do rio.
125	LAU	Muss-ma in de Rio Baranke		LAU	Precisamos ir no barranco do rio
126		hole.			pegar.
127	TAL	Awer das is so perigoso. Como é		TAL	Mas é muito perigoso. Como é
128		perigoso em alemão, Lauro?			perigoso em alemão, Lauro?
129	Com	[TAL pensa]		Com	Com: [TAL pensa]
130	TAL	Gefel.		TAL	Peri...
131	DIA	Gefährlich.		DIA	Perigoso.
132	LAU	Jo, gefährlich.		LAU	Sim, perigoso.
133	Com	[LAU e TAL dão forma ao castelo]		Com	[LAU e TAL dão forma ao castelo]
134	LAU	Dud mol noch Grund hole.		LAU	Pega mais areia.
135	TAL	Druff-schmeise?		TAL	Jogar em cima?
136	LAU	Jo. Du kannst druff-schmeise.		LAU	Sim. Você pode jogar em cima.
137	TAL	Tá bom. Tu manda, eu faço.		TAL	Tá bom. Tu manda, eu faço.
138	Com	[TAL pega mais areia]		Com	[TAL pega mais areia]
139	LAU	Precisa ficar maior.		LAU	Precisa ficar maior.
140	TAL	Ich hon neechst in deinem Gesicht		TAL	Eu quase joguei no teu rosto [risos].
141		geschmiss [risos]. Guck mol mein			Olha as minhas mãos.
142		Henn.			
143	LAU	Guck mol mein.		LAU	Olha as minhas.
144	TAL	Un is kenn Wasser fer de Henn		TAL	E não tem nenhuma água para lavar
145		wesche. Toca aqui.			as mãos. Toca aqui.
146	LAU	Ai, é que a gente podia ir no		LAU	Ai, é que a gente podia ir no
147		arroio.			arroio.
148	Com	[todos riem]		Com	[todos riem]
149	TAL	Não, de arroio is so gefährlich heit,		TAL	Não, o arroio está muito perigoso,
150		is zu fiel Wasser. Ich dun			tem muita água. Eu vou dirigir pra
151		hemmfaare jetz.			casa.
152	LAU	Wie hemmfaare?		LAU	Como dirigir pra casa?
153	TAL	Gehn. [TAL ri]		TAL	Caminhar. [TAL ri]
154	Com	[TAL se despede e vai para casa]		Com	[TAL se despede e vai para casa]

Fonte: elaborado pela autora

Nesse início do excerto, nota-se a acomodação linguística que Lauro realiza à língua proposta por seu interlocutor. Quando o padrinho enuncia um dizer em

Língua Portuguesa, o menino o responde em tal código. Já quando o falar do homem comporta elementos mistos do português e do hunsriqueano, a resposta do garoto se dá em uma ou outra língua, havendo uma tendência para que sua fala seja produzida no idioma predominante presente no discurso do alocutário.

Na continuidade da interlocução, Lauro foi abordado pela irmã do padrinho (TAL), a qual lhe dirigiu a palavra em Língua Portuguesa (l.19-20), tendo-o questionado sobre seu interesse em montar um castelo de areia. A criança então lhe respondeu nesse mesmo código. No que se refere à relação da criança com a mulher, o vínculo de ambos também não é atravessado por proximidade. A moça reside em sua vizinhança; o menino e ela têm contato de forma pouco frequente, não detendo laços de afinidade. Com relação aos seus traços identitários, trata-se de uma mulher, jovem, irmã de seu padrinho e sua vizinha. TAL enuncia um falante bilíngue e os atos comunicativos com ela são marcados pelo emprego de alternâncias linguísticas entre o hunsriqueano e o português. Tal fato se sucede especialmente em decorrência de ambos estarem imersos em um processo de negociação linguístico-identitária que ainda não consolidou uma língua preferencial para a interação.

Após conversar brevemente com essa interlocutora em português, Lauro volta-se à sua MAE, questionando-a sobre a possibilidade de tirar os seus chinelos e ficar com os pés descalços na areia. A abordagem à figura materna segue na Língua Portuguesa, dada a estipulação desse idioma como o prioritário em suas interações. Então, a avó materna (VNI), que havia caminhado alguns metros para além do local com a vizinha (VYO), chama a todos para irem lá olhar o rio. Mediante o pedido da avó, Lauro se dirige à irmã do padrinho, mencionando a ela, em português, que posteriormente poderiam fazer o castelo (l.30-31). Logo em seguida, o padrinho questiona a criança, também em Língua Portuguesa, quanto à construção do castelo usando areia, de modo que o garoto lhe tenha respondido nesse idioma.

Novamente, a avó materna chama a todos para se aproximarem de onde ela e a vizinha estavam. Ao ver a vizinha (VYO) se encaminhar para perto do rochedo do rio, Lauro começa a caminhar para perto da mulher e lhe diz: “Yone, bass uff” (l.41) (pt. Yone, toma cuidado). Essa fala configurou um *code-switching* entre enunciados, visto que o *Hunsrückisch* foi empregado após um longo período de conversa, na qual a Língua Portuguesa foi utilizada. Considerando que LAU se dirigiu à mulher na língua de imigração, constata-se que “Yone” enuncia um falante

bilíngue, havendo a possibilidade de se dirigir a ela tanto em português quanto em hunsriqueano.

A mulher reside nas proximidades de sua casa, detém uma idade mais avançada e é próxima à sua avó materna. Devido a isso, a vizinha visita a avó pelo menos uma vez por semana e o menino, dado que fica aos cuidados da avó, acaba se relacionando com VYO. No entanto, tais episódios interativos não consolidaram um vínculo de grande proximidade entre a criança e a vizinha, não sendo sua relação atravessada nem por distância, nem por intimidade. Ainda assim, dentre os indivíduos que residem nos arredores da casa de Lauro, essa vizinha se apresenta como a mais próxima.

No que tange ao aspecto linguístico, a língua de imigração é empregada nos diálogos de ambos com maior predomínio do que o uso do português. Esse fato se justifica por dois motivos: (a) VYO tem o costume de falar com o garoto na variedade alemã e (b) LAU tem contato com VYO em interações nas quais a avó materna está presente. Com relação ao último ponto, dado que a avó incentiva o uso do alemão por parte da criança e que ela conversa com a vizinha em alemão, Lauro, nas interações com a vizinha, está imerso em um entremeio atravessado predominantemente pelo *Hunsrückisch*.

Diante do conselho para que VYO tomasse cuidado, proferido em *Hunsrückisch* por LAU, a vizinha também lhe respondeu nesse idioma (I.42-49). A mulher o convidou para ir à sua casa ver o local onde os animais permanecem, já que o garoto apresenta muito interesse pela vida campestre, e esse fato é conhecido pelo seu círculo social de convivência. A resposta da criança à vizinha deu-se em hunsriqueano (I.50); todavia, comportou duas alternâncias linguísticas intra-sentenciais: “não” e “castelo”. No que se refere ao advérbio de negação, Lauro o emprega com certa frequência no interior de seus dizeres na língua de imigração. Já no tocante ao termo “castelo”, o vocábulo equivalente na variedade alemã provavelmente é desconhecido pela criança, uma vez que não se faz muito presente em suas construções discursivas diárias. À vista disso, em todos os momentos em que o infante trata de algum assunto relativo ao “castelo”, há o emprego do vocábulo dessa mesma forma.

Logo em seguida, LAU reitera seu interesse em construir um castelo, agora se voltando à irmã do padrinho (TAL), quem primeiro o convidou para realizar essa ação. O menino expressou o seguinte dizer: “eu queria fazer um castelo, porque eu

nunca fazi um castelo” (l.52-54), novamente empregando a Língua Portuguesa. Essa comutação revelou-se intersentencial, já que esteve relacionada ao mesmo tópico conversacional da sua fala em alemão. Diante da insistência do menino, a dinda pede-lhe que tenha calma.

Na sequência, Lauro, a mãe, a tia, o padrinho e a irmã do padrinho caminham um pouco adiante, de onde é possível ver o rio. Lauro se direciona à mãe, falando-lhe em português (l.58-59) e lhe fazendo um questionamento acerca das árvores próximas ao curso de água. Verifica-se o emprego do vocativo “mamãe”, o qual indexa o uso do português, mesmo diante da figura materna, sujeito bilíngue, cuja língua preferencial é a portuguesa. Devido a isso, a mãe e o garoto conversam unicamente em português, pelos próximos turnos de fala.

Em dado momento, Lauro emprega um *code-switching* entre enunciados, ao enunciar a sentença: “aleluia! Is keen maratsch dohin” (l.76) (pt. “aleluia! não tem lama aqui”). Essa oração não foi direcionada especificamente a nenhum interlocutor; não obstante, estava relacionada a uma frase dita pela dinda, momentos antes, à irmã do padrinho. A tia havia mencionado o quanto tudo estava limpo após a água do rio ter lavado a sujeira do local.

Após essa fala, Lauro volta-se à TAL, novamente a questionando sobre a possibilidade de construção do castelo. Contudo, de modo contrário às abordagens anteriores à mulher, o garoto exprime seu discurso em *Hunsrückisch*, ao pronunciar: “Talita, du wollsd mit mich ein castelo mache?” (l.78-79) (pt. “Talita, você queria fazer um castelo comigo?”). O vocativo “Talita”, nesse caso, indexa um falante do hunsriqueano, tendo havido uma alternância (de identidade) da interlocutora, assim essa dinâmica culminou na escolha linguística de Lauro para a variedade alemã. Outrossim, nota-se no dizer infantil a introdução do termo “castelo” como *code-switching* intra-sentencial unitário.

Diante da fala do menino, a avó o questiona em alemão acerca do que ele espera que a moça faça, tendo Lauro lhe respondido nesse idioma, ainda que tenha mantido o vocábulo “castelo” (l.81) como comutação intra-sentencial. TAL responde ao questionamento de Lauro, realizando uma acomodação ao código proposto pela criança. A resposta da moça consistiu em uma pergunta (l.82), à qual LAU respondeu também na língua de imigração, realizando a mesma alternância linguística intra-sentencial empregada anteriormente: a introdução de “não” e “castelo” em português (l.83).

A mulher dá continuidade ao diálogo, realizando uma comutação à Língua Portuguesa, mencionando que onde estavam também havia areia e, portanto, não havia a necessidade de caminhar para o ambiente inicial no qual viram esse material. Contudo, Lauro insiste na ideia de retornar ao outro local, respondendo à TAL em português, o que, por conseguinte, configura uma convergência ao idioma proposto pela interlocutora.

O menino, a mãe, a tia e a irmã do padrinho caminham em direção ao aglomerado de areia, localizado a alguns metros dali. Ainda vendo o rio, Lauro fica intrigado com as ondas que se formam na água, dirigindo-se à DIA e proferindo o seguinte dizer: “Tá louco. Host-du gesihn aquelas ondas?” (l.89-90). (pt. “Tá louco. Você viu aquelas ondas?”). Nota-se, aí, a introdução de dois termos do hunsriqueano no interior da fala em português, na condição de *code-switching* intra-sentencial segmental.

Ainda enquanto se encaminhavam ao local, em virtude da enchente, TAL proferiu um comentário em português (l.92-93), tendo Lauro lhe respondido nesse mesmo idioma (l.94). Logo em seguida, os quatro chegaram ao espaço no qual havia areia, e a mulher pontuou, em *Hunsrückisch*, que ali não se fazia presente água, tampouco um balde para a construção do castelo. A moça, então, vai em busca de um aglomerado de areia hidratada, mencionando, ainda em alemão, ter encontrado um material ideal para o “castelo”. Mediante a constatação da interlocutora, a criança se dirige à sua mãe, pontuando que seria interessante buscar uma pá para facilitar a apreensão da areia. O enunciado do menino se deu em Língua Portuguesa (l.106-107), tendo a figura feminina lhe respondido nesse código, mencionando a impossibilidade de buscar o objeto.

Na sequência, TAL junta a areia com as mãos, dirigindo-se a LAU em *Hunsrückisch*, tal como o fez no turno de fala anterior. A mulher perguntou se podia jogar areia, enquanto o menino construía o castelo (l.111-112), tendo Lauro realizado uma acomodação linguística e lhe dito “jo” (l.113). Ambos passaram a conversar na língua de imigração, debatendo acerca do processo de construção do castelo de areia. Em dado ponto do diálogo, o garoto realizou um *code-switching* intra-sentencial (l.115), introduzindo o advérbio de negação “não” e o vocábulo “areia” na fala em alemão.

Então, após estruturarem o castelo, Lauro realizou uma comutação de códigos intersentencial, alternando sua fala, da variedade germânica até então em

uso, para a Língua Portuguesa. O garoto apontou à TAL a necessidade de molhar um pouco o castelo (l.121-122), tendo a garota lhe respondido – em hunsriqueano – que havia água somente no barranco do rio. Então, LAU efetua uma convergência à língua da alocutária, dirigindo-lhe a palavra também na língua de imigração (l.125): “muss-ma in de rio Baranke hole” (pt. “precisamos ir no barranco do rio pegar). A moça indica que essa ação é perigosa, questionando o garoto acerca de um conhecimento metalinguístico: o termo equivalente à “perigoso” na variedade alemã, uma vez que a mulher o esqueceu. Nesse momento, a dinda, que estava ali ao lado tendo uma conversa paralela com a mãe de Lauro, percebendo que Talita não lembra do vocábulo, exprime o termo referente à palavra “perigoso” em alemão. Lauro confirma a adequação do vocabulário dito pela tia.

O infante volta-se à construção do castelo, dirigindo-se à TAL, conversando com ela em *Hunsrückisch*. Ambos permaneceram interagindo nessa língua, até que a interlocutora realizou uma alternância para o português. Por conseguinte, o dizer subsequente o garoto também foi produzido nesse idioma, tendo ele dito que o castelo deveria ficar maior. Após, a jovem emprega novamente uma comutação de códigos, passando a falar em hunsriqueano. Mais uma vez, Lauro realizou uma acomodação à fala da mulher, respondendo-lhe nessa língua de imigração (l.143). Ambos falam sobre a areia presente em suas mãos, não havendo água ali para limpá-las.

Lauro sinaliza a possibilidade de ir lavar as mãos no arroio, aproveitando esse fato como “desculpa” para olhar o córrego, visto que, no diálogo inteiro, demonstrou interesse nisso. A fala do menino se deu em Língua Portuguesa, tendo ele realizado um *code-switching* intersentencial, em turnos próximos de conversação e mantendo o mesmo tópico de conversa. Como forma de resposta a esse dizer, a mulher produz um discurso bilíngue, no qual predomina a língua germânica, declarando a impossibilidade de irem ao arroio, bem como mencionando que iria para casa. Todavia, ao mencionar esse fato, TAL emprega o verbo “dirigir”, de forma errônea, tendo sido questionada por Lauro em *Hunsrückisch* quanto ao uso desse termo. A mulher, por conseguinte, corrige sua fala, utilizando o termo correto.

No presente dado, verifica-se que a interlocução comporta participantes discursivos distintos, tendo se realizado em um contexto de área externa. No que tange à interação com os interlocutores de maior intimidade – a mãe, a dinda e a avó materna –, há o emprego predominante do português com a primeira e do

Hunsrückisch com as duas últimas. A comunicação com essas alocutárias segue, assim, na língua estipulada com cada sujeito, em virtude do acordo linguístico-identitário consolidado com tais indivíduos.

Já com relação aos participantes discursivos cujo vínculo não é atravessado por afetividade, a dinâmica interativa deu-se de outro modo. Na comunicação com a vizinha (VYO), tem-se um emprego mais predominante da língua de imigração, visto o frequente emprego desse código em seus atos conversacionais. Por outro lado, na comunicação de Lauro com o padrinho (PWI) e com a irmã dele (TAL), por ainda não ter havido a delimitação de um código preferencial para diálogo, faz-se presente uma constante alternância linguística nas suas interlocuções. Nesse contexto, nota-se a constante acomodação linguística empregada por LAU às línguas usadas por seus alocutários. Nessa perspectiva, a frequente troca para o idioma proposto pelo parceiro do discurso sinaliza uma demonstração de cooperação e solidariedade, elucidando uma tentativa de estabelecimento de um laço com esse “outro social”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo interessou-se pela análise do emprego do *code-switching* por parte de um menino constituído bilíngue português-hunsrückisch ainda na primeira infância. Para isso, a pesquisa focalizou a produção discursiva do infante em situações de interação espontânea com seus familiares, a fim de verificar a influência dos traços identitários de tais interlocutores na escolha linguística do garoto.

Nessa perspectiva, o trabalho se organizou de modo a contemplar um capítulo de referencial teórico, um relativo à metodologia e outro à análise e discussão dos dados. No capítulo 2 buscou-se elucidar a noção de bilinguismo, entendida aqui como a possibilidade de o sujeito bilíngue se movimentar por entre suas duas línguas de conhecimento, empregando, mediante o contexto de uso da linguagem, o *code-switching*. O capítulo abordou, também, a variabilidade inerente ao conceito, bem como as peculiaridades cognitivo-sociais relativas ao bilinguismo infantil.

Além disso, definiu-se a alternância linguística sob diferentes óticas teóricas, tendo-se evidenciado os aspectos intra e extralinguísticos pertencentes à dinâmica de comutação de códigos. Outrossim, explicitaram-se as peculiaridades do *code-switching* infantil, de forma a pontuar o emprego desse fenômeno no que tange à fala das crianças. Observou-se que o discurso infantil segue as restrições sintáticas e pragmáticas, sendo as crianças passíveis de separar os códigos linguísticos, empregando-os de forma adequada à situacionalidade contextual da interlocução.

Em seguida, buscou-se conceituar a noção de identidade, tendo sido proposta a relação intrínseca entre o aspecto identitário e o *code-switching*. Nesse sentido, verificou-se a identidade como um elemento mutuamente produzido pela diferença, isto é, pelo traço da alteridade. Portanto, esse componente comporta a ordem do individual e do social, sendo a alternância linguística produto de uma negociação entre o “eu” e o “você”, na condição de enunciadores do discurso.

No capítulo 3 houve um enfoque nos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Primeiramente, apontou-se o percurso do trabalho, no que se refere à sua constituição enquanto estudo de caso, à sua abordagem qualitativa, à hipótese norteadora da pesquisa e aos objetivos do trabalho. Então, identificou-se o

sujeito da pesquisa, tendo sido explorados os aspectos da vida particular da criança. Após, houve a menção ao contexto sociocultural de inserção do infante, no tocante à formação histórica de sua localidade de residência e ao panorama atual da comunidade do Tirol, Nova Petrópolis (RS). Houve também uma seção referente ao *Hunsrückisch*, tendo-se postulado seu *status* social como uma língua de imigração, dado seu caráter composicional heterogêneo, atravessado pela articulação de variedades alemãs, bem como pela influência do contato linguístico com o português. Por fim, explicitaram-se os procedimentos da coleta de dados, através da realização de gravações audiovisuais no decorrer de múltiplos meses, a fim de apreender a fala infantil em contextos de interlocução espontânea.

No capítulo 4, foi exposta a análise e discussão dos dados. Para isso, foram selecionados seis contextos de interlocução do menino com os seus interlocutores, sendo alguns desses monolíngues (português) e outros bilíngues (português-hunsrückisch). A investigação dos dados evidenciou o quanto o vocativo empregado pela criança para endereçar o interlocutor indexa os traços identitários desse parceiro do discurso (Silverstein, 2003), motivando a escolha linguística de um código em detrimento de outro. Além disso, a inter-relação do infante com os sujeitos, em um viés de proximidade ou afastamento, também direciona a seleção linguística do falante e do ouvinte.

No que se refere à interação com os sujeitos monolíngues (português), cuja relação é de proximidade ou de afastamento, houve um uso categórico, por parte da criança, da língua de domínio desse indivíduo, em virtude da apreensão desse aspecto linguístico que mapeia a identidade do interlocutor. Sendo assim, a fala do menino obedece às restrições pragmáticas do contexto interativo, ou seja, à comunicação unicamente no código conhecido pelo alocutário.

Já no que concerne à interlocução com os indivíduos bilíngues, o grau de proximidade e intimidade com o interlocutor norteia a escolha linguística da criança. Nas interações com participantes bilíngues cuja relação com o menino não é atravessada por afinidade, proximidade e afetividade (indexicalidade de segunda ordem), não há uma negociação linguístico-social findada. Isso significa que o afastamento entre o falante e o ouvinte não possibilitou a consolidação de uma língua predominante para a comunicação, de modo que ambos estejam imersos em uma matriz de experimentação: o uso alternado frequente do português e do *Hunsrückisch*. À vista disso, há uma constante movimentação entre tais idiomas, um

“vaivém” de línguas, como forma de sondagem do código suscetível de se tornar o predominante para a comunicação. Ademais, não havendo ainda a delimitação de uma língua basilar de interação, verificou-se uma conduta linguística do garoto pautada por acomodação ao idioma do interlocutor. Portanto, a convergência ao código proposto pelo participante discursivo elucida uma tentativa de o menino criar um vínculo de proximidade com o alocutário, atestando cooperação e solidariedade a ele.

Por outro lado, com relação aos interlocutores bilíngues com os quais o garoto firmou vínculos de proximidade e intimidade, há uma negociação linguístico-identitária já estipulada. Isso implica a delimitação de uma língua predominante para a interação comunicativa com cada alocutário. Nota-se uma preferência pela utilização do *Hunsrückisch* com a maioria dos integrantes do círculo familiar (pai, avó materna, dinda, bisavó materna e avós paternos), de modo que o sujeito da pesquisa se sinta confortável para interagir e se expressar nesse código. Em virtude de questões sociolinguísticas, o uso do português com tais indivíduos se dá de formas pontuais: estratégia do falante para obter efeitos sociais, desconhecimento de termos equivalentes na língua de imigração (*code-switching* intra-sentencial), relação de afetividade com vocábulos específicos, entre outros. Em contrapartida, a Língua Portuguesa se faz predominante na inter-relação com a mãe, tendo o vínculo de proximidade entre o menino e a figura materna delimitado esse código como o preferencial para comunicação. Trata-se de tomar a linguagem como “espaço de intimidade particular”, considerando o português como um inter-código comum somente a eles.

Em uma perspectiva de estudos futuros, traça-se a possibilidade de ampliar a análise acerca do emprego do *code-switching*, dando-se enfoque tanto em aspectos intra-linguísticos, quanto em extralinguísticos. Com relação aos primeiros, pode-se realizar um estudo morfossintático, no sentido de verificar a introdução de empréstimos e a ocorrência de interferências de uma língua à outra, elementos não explorados no presente estudo. Já com relação aos fatores sociais, torna-se possível investigar se as escolhas linguísticas da criança se mostraram não-marcadas (esperadas) ou marcadas (não esperadas) no contexto social da conversa. Assim, há a possibilidade de análise do *code-switching* empregado de acordo ou desacordo com as expectativas conversacionais, através do modelo de marcabilidade linguística proposto por Myers-Scotton (1993).

O estudo desenvolvido focalizou o bilinguismo português-hunsrückisch na fala de uma criança, fomentando, assim, a valorização dessa língua de imigração. Esse código, enquanto herança linguístico-cultural alemã, encaminha-se para a extinção, uma vez que ele é empregado sobretudo pelos membros mais antigos das comunidades de descendência germânica. Sendo assim, tem-se um contexto de perda incipiente dessa língua, não havendo muitas crianças e jovens que o empregam. Portanto, a presente pesquisa revela-se peculiar, dado que contempla um infante cujo processo de aquisição da linguagem se deu de forma bilíngue, nessa língua de imigração e no português. Contribui-se, assim, para a ampliação dos estudos sociolinguísticos na área do *code-switching* infantil, compreendendo os aspectos étnicos, culturais, sociais e linguísticos que permeiam o contato linguístico entre o português e o *Hunsrückisch* – bem cultural do estado do Rio Grande do Sul.

A presente pesquisa elucidou o quanto uma criança bilíngue é passível de se movimentar entre suas duas línguas maternas, deslocando-se por entre elas mediante os fatores sociais e linguísticos próprios da dinâmica de interação. Nessa conjuntura, a prática de experienciação da realidade, a inter-relação com o indivíduo-outro e a fusão com a alteridade, fazem-se primordiais. Trata-se de existir na e pela língua, de ser um sujeito entre-línguas e, estando nesse (entre)meio, estar no limiar, também, de duas culturas e de duas historicidades. Mobilidade, transporte, ida e vinda, alternância: de uma língua à outra, de uma faceta da identidade à outra, tendo como campo desse fenômeno a linguagem – matriz marcada por prismas subjetivo-identitário-sociais que constituem os efeitos simbólicos e semânticos do dizer.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, C. V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. *In*: NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A.; TÍLIO, R.; ROCHA, C. H. (orgs.) . **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 93–116.
- ALTENHOFEN, C. V. **O contato entre o Português e as línguas de imigrantes no Brasil: o exemplo do Hunsrückisch**. *In*: Palavra, Rio de Janeiro, n. 11, 2003, p. 146-165.
- ALTENHOFEN, C. V. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. *In*: AMMON, U.; SAMBE, S.; SCHMIDT, G. (Hrsg.). **Förderung der deutschen Sprache weltweit**. Vorschläge, Ansätze und Konzepte [Arbeitstitel]. Berlin: de Gruyter, 2018.
- ALTENHOFEN, C. V.; MORELLO, R. (*et al.*). **Hunsrückisch: inventário de uma Língua do Brasil**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.
- ALTENHOFEN, C. V.; STEFFEN, J.; THUN, H.. **Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2018.
- ALTENHOFEN, C. V.. Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. **Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen**. Stuttgart: Steiner, 1996.
- ALTENHOFEN, C.V.; KLASSMANN, M. S.. **Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**: cartas semântico-lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis, Ed. UFSC, 960 p. 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo V. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. *In*: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & CORTAZZO, Uruguay (orgs.). **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Editora UFPEL, 2014. p. 69-103.
- ANSCHAU, F. **Bases teórico-metodológicas para a elaboração de um dicionário do Hunsrückisch falado no Brasil**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117599>>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- ASSMANN, B. E. S.. **Feliz ontem e hoje**. Caxias do Sul: São Miguel, 2020.
- AUER, P. The pragmatics of code-switching: a sequential approach. *In*: MILROY; MUYSKEN (eds.). **One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 115-135.

BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKER, C. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. 4. ed. Multilingual Matters, 2006.

BASSANI, I. S. **Fundamentos linguísticos: bilinguismo e multilinguismo**. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2015.

BIALYSTOCK, E. **Bilingualism in development: Language, literacy, and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2001.

BIALYSTOCK, E.. **Bilingualism**. WIREs Cogni Sci, 1, 2010, p. 559-572.

BIALYSTOCK, E.; WERKER, J. F. **The Systematic Effects of Bilingualism on Children's Development**. Dev Sci, 2018, p. 2-5.

BLOMMAERT, J. **Discourse: a critical introduction**. Cambridge: Cambridge University Press (Key Topics in Sociolinguistics), 2005.

BLOOM, J. P.; GUMPERZ, J. J.. Social Meaning in Linguistic Structures: Code-Switching in Norway. *In*: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (eds.), **Directions in sociolinguistics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

BLOOMFIELD, L.. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.

BORELLA, G. G.; ZIMMER, M. C. **A influência do dialeto alemão Hunsrückisch na aquisição da escrita do PB entre participantes bilíngues**. *In*: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa. Anais da Abralín. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 2541-2550. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Sabrina%20Gewehr%20Borella.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 498 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K.. **Sociolinguistic Nostalgia and the Authentication of Identity**. Journal of Sociolinguistics, 2003, p. 398-416.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. **Norma Culta e Variedade Linguística**. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto: UNESP, 2004.

CHENG, K. K. Y. **Code-switching for a purpose: focus on pre-school Malaysian children**. Multilingua 22, 2003, p. 59-77.

COMEAU, L.; GENESEE, F.; LAPAQUETTE, L.. **The Modeling Hypothesis and child bilingual codemixing**. Canada: International Journal of Bilingualism, v. 7, n. 2, 2003, p. 113-126.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas. Cuadernos de Lingüística, v. 8, 1982.

CUMMINS, J. **Bilingualism and Minority Language Children**. Ontario: Ontario Institute for studies in Education, 1981.

CUMMINS, J. **Bilingualism and the development of metalinguistic awareness**. Journal of Cross-Cultural Psychology, 9, 1979, p. 131-149.

DE HOUWER, A. Early Bilingualism. *In*: CHAPELLE, C. A. (ed.). **The Encyclopedia of Applied Linguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013, p. 2-8.

DIAMOND, A. The early Development of Executive Functions. *In*: BIALYSTOK, E.; CRAIK, F. (orgs.) **Lifespan cognition: Mechanisms of change**. New York: Oxford University Press, 2006, p. 70-95.

EDWARDS, J. Foundations of Bilingualism. *In*: BHATIA, T.K.; RITCHIE, W. C. (eds.). **The Handbook of Bilingualism**. Oxford: Blackwell, 2006, p. 7-31.

ETHNOLOGUE. **Languages of the World**. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FIGUEROA, R. A.; VALDÉS, G. **Bilingualism and Testing: A Special Case of Bias**. Norwood, New Jersey: ABLEX Publishing Corporation, 1996.

FINGER, I.; BRENTANO, L. Bilinguismo infantil e cognição. *In*: ORTIZ-PREUSS, E.; FINGER, I. (org.). **A dinâmica do processamento bilíngue**. Campinas, SP: Pontes, 2018, p. 185-206.

FISHMAN, J. **Sociolinguistics**. Rowley, Mass: Newbury, 1971.

FLORY, E. V.; SOUZA, M. T. C. C.. Bilinguismo: Diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio**, v. 19, São Paulo, LAEL/PUC-SP, 2009, p. 23-40.

FRITSCH, C. E. **O r-tepe no português brasileiro de contato com o Hunsrückisch e o “preconceito linguístico” com descendentes de imigrantes alemães na comunidade escolar de Feliz**. 2018. 88 f. TCC (Graduação) - Licenciatura em Letras - Português e Inglês, IFRS, Feliz, 2018.

GOOGLE MAPS. 2023. **Tirol**. [s.l.]: Google Maps, 2023. Disponível em: <<https://maps.app.goo.gl/zNes5kj4e8iVG5oz8>>. Acesso em: 25 out. 2023.

GRICE, H.T. P. Logic and conversation. *In*: COLE, P.; MORGAN, J. (org.). **Syntax and semantics**, v. 3. New York: Academic Press, 1975, p. 43.

GROSJEAN, F. **Life with Two Languages**: an introduction to bilingualism. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GUMPERZ, J. J.. **Communicative competence revisited**. Berkeley: University of California, 1986.

GUMPERZ, J. J.. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HABEL, J. M. **Fundamentos para os estudos das línguas dos imigrantes boêmios no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

HAMERS, J.; BLANC, M. H. **Bilinguality and bilingualism**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HAUGEN, E. **The Norwegian language in America**. 2. ed. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1950.

HORST, A. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117599>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

IPOL. Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística. Lista de línguas cooficiais em municípios brasileiros. Florianópolis, 2022. Disponível em: <<http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>>. Acesso em: 19 dez. 2023.

JAFFE, A. **Stance**: sociolinguistic perspectives. New York: Oxford University Press, 2009.

KING, K.; MACKEY, A. **The Bilingual Edge**: why, when and how to teach your child a second language. Harper Collins, 2007, p. 289.

KÖPPE, R.; MEISEL, J. M.. Code-switching in bilingual first language acquisition. In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. (orgs.), **One Speaker, Two Languages**: Cross-Disciplinary Perspectives on *Code-Switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 276-301.

LANZA, E. **Can bilingual two-year-olds code-switch?** Journal of Child Language. Great Britain, v. 19, 1992, p. 633-658.

LANZA, E. **Language Contact in Bilingual Two-year-olds and Code-switching**: Language Encounters of a Different Kind? Oslo: University of Oslo, v. 7, 1997, p. 135-162.

LE PAGE, R.; TABOURET-KELLER, A. **Acts of Identity**: creole-based approaches to Language and ethnicity. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LENNEBERG, E. **Biological foundations of language**. Nova York: Wiley, 1967, p. 158.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. *In*: WEI, L. (org.). **The Bilingualism Reader**. London: Routledge, 2000. p. 22-50.

MACKEY, W. F. **The description of Bilingualism**. *In*: WEI, L. *The Bilingualism Reader*. Taylor & Francis e-library, 2005, p. 22-50.

MACNAMARA, J. How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency? *In*: KELLY, L. G.. **Description and measure of the bilingualism**. Toronto: University of Toronto Press, 1969.

MARCHMAN, V.A; FERNALD, A.; HURTADO, N. **How vocabulary size in two languages relates to efficiency in spoken word recognition by young Spanish-English bilinguals**. *Journal of Child Language*, 2010.

MCCLURE, E. Formal and functional aspects of the code-switched discourse of bilingual children. *In*: DURAN, R. (ed.), **Latino language and communicative behavior**. Norwood, NJ: Ablex, 1981.

MEISEL, J. M. **Code-switching in young bilingual children: the acquisition of grammatical constraint**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 16, 1994, p. 413-439.

MEISEL, J. M.. Early differentiation of languages in bilingual children. *In*: K. H.; L. O. (eds.), **Bilingualism across the lifespan: Aspects of acquisition, maturity and loss**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1989, p. 13-40.

MEYER, M. **Deutsch ou Deutsch? Macroanálise pluridimensional da variação do hunsrückisch rio-grandense em contato com o português**. 2009. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2009.

MILROY; L.; MUYSKEN, P. **One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MORELLO, R. (org.). **Leis e línguas no Brasil: o processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: Ipol e Nova Letra, 2015.

MOUTINHO, A. P.; PEREIRA, M. G. Di. P. **O code-switching na perspectiva da intercompreensão: interações em chat plurilíngue no projeto Galanet**. *Veredas on-line*, v.19, nº 1, 2015, p. 176-197.

MOZZILLO, I.. O code-switching: fenômeno inerente ao falante bilíngue. **PAPIA**, n. 19, 2009, p. 185-200.

MYERS-SCOTTON, C.. Code switching as indexical of social negotiations. *In*: HELLER, M. (ed.). **Codeswitching: anthropological and sociolinguistic perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1993.

MYERS-SCOTTON, C.. **Social Motivations for Code-switching**. Evidence from Africa. Oxford: Clarendon Press, 1993.

OATES, J.; GRAYSON, A. **Cognitive and Language Development in Children**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Member States**. Nova York, 2023. Disponível em: <<https://www.un.org/en/about-us/member-states>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PEAL, E.; LAMBERT, W. **The relationship of bilingualism to intelligence**. Psychological Monographs, v. 76, n. 27, 1962, p. 1-23.

PEARSON, B. Z.; FERNÁNDEZ S. C.; OLLER, K. **Lexical development in bilingual infants and toddlers**: Comparison to monolingual norms. Language Learning, 1993, p. 93-120.

PEARSON, B. Z.; FERNÁNDEZ, S. C. **Patterns of Interaction in the Lexical Growth in Two Languages of Bilingual Infants and Toddlers**. Language Learning, v. 44, n. 4, 1994, p. 617-653.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PEREIRA, M. C. **Naquela comunidade rural os adultos falam alemão e o brasileiro: na escola, as crianças aprendem o português**. Tese de doutorado, IEL, UNICAMP, 1999.

POPLACK, S. **Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL**: Toward a typology of code-switching. Linguistics, v. 18, n. 7-8, 1980, p. 581-618.

PORTO, R. S. **Code-switching: perspectivas multidisciplinares**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PRIBERAM. **Bilinguismo**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/bilinguismo#:~:text=1.,por%20parte%20de%20um%20falante>>. Acesso em: 09 nov. 2023.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1997.

SAER, D. J. **The Effects of Bilingualism on Intelligence**. British Journal of Psychology, v. 14, 1924, p. 25-38.

SAUNDERS, G. **Bilingual children: from birth to teens**. 2. ed. Clevedon, Avon: Multilingual Matters, 1988.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCHNEIDER, P.. **Estudo de caso: o code-switching no hunsriqueano-português nas famílias Schneider e Massing na cidade de Vale Real-RS**. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês, IFRS, *Campus Feliz*. Feliz, 2018.

SEARLE, J. R.. **Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SILVA, T. T.. A produção social da identidade e da diferença. *In*: HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVERSTEIN, M.. **Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life**. *Language & Communication*, n. 23, 2003, p. 193-229.

SPINASSÉ, K. P.. **Contribuição do português para a constituição lexical do Hunsrückisch em situação de contato linguístico**. *Linguística, UFRGS*, n. 13, v. 13, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179067/001067208.pdf?sequence=1&sAllowed=y>. Acesso em: 22 nov. 2023.

SPINASSÉ, K. P.. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Contingentia**, Porto Alegre, v. 1, p.1-10, nov. 2006.

STETS, J.; BURKE, P. Identity Theory and Social Identity Theort. **Social Psychology Quarterly**, v. 63, nº 3, 2000, p. 224-237. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2695870?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: 7 abr. 2023.

TABOURET-KELLER, A. Language and Identity. *In*: COULMAS (org.). **The Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 1997, p. 315-326. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781405166256.ch19>. Acesso em: 01 mai. 2023.

THORNBORROW, J. Language and Identity. *In*: THOMAS, L.; WAREING, S. (orgs.). **Language, Society and Power: an introduction**. London: Routledge, 2. ed., 2004.

VIHMAN, M. A developmental perspective on code-switching: conversations between a pair of bilingual siblings. *In*: **Language differentiation by the bilingual child**. Stanford University, 1985, 297-324.

WEINREICH, U. **Languages in contact**. The Hague: Mouton, 1953.

WEISSHEIMER, E. **Os pioneiros da Picada Feliz**. Porto Alegre, 2010.

WU, Y. Whether Codeswitching can Project Identity? Relationship between Codeswitching and Identity among Malaysian Chinese University Students. **Advances in Literaty Study**, 2021, p. 91-103. Disponível em: <https://doi.org/10.4236/als.2021.92011>. Acesso em: 20 abr. 2023.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre, Bookman, 2015.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO
SUL – IFRS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPI
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(para pais e/ou responsáveis)

Prezado (a) Senhor (a):

Seu filho está sendo respeitosamente convidado a participar do projeto de pesquisa intitulado: “Os efeitos da identidade do interlocutor no *code-switching* empregado por uma criança bilíngue português-hunsrückisch: um estudo de caso”, cujos objetivos são: (a) classificar o *code-switching* do sujeito da pesquisa através da proposta de Dabène e Moore (1995); e (b) apontar as possíveis indexicalidades (Silverstein, 2003) que favorecem a alternância linguística da criança. Este projeto está vinculado a um Trabalho de Conclusão de Curso, sendo requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português e Inglês.

A pesquisa será feita na localidade do Tirol, Nova Petrópolis, em domínio doméstico, através de gravações audiovisuais, após sua autorização. Para a coleta de dados será utilizado um aparelho celular que visa a apreensão da fala de seu representado em situações interativas espontâneas com os seus familiares.

=====

Foi destacado que a participação do meu representado no estudo é de extrema importância, uma vez que se espera analisar a influência da identidade linguístico-social do interlocutor nas escolhas linguísticas de uma criança, por meio do estudo do fenômeno do *code-switching* de um infante bilíngue português-hunsrückisch.

Estou ciente e foram assegurados os seguintes direitos:

- da liberdade de retirar o consentimento, a qualquer momento, e que meu representado poderá deixar de participar do estudo, sem que isso lhe traga prejuízo de qualquer ordem;
- da segurança de que não será identificado e que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas à sua privacidade;
- de que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término da pesquisa, de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde;
- do compromisso de ter acesso às informações em todas as etapas do estudo, bem como aos resultados, ainda que isso possa afetar meu interesse em que meu representado continue participando da pesquisa;
- de que não haverá nenhum tipo de despesa ou ônus financeiro, bem como não haverá nenhuma recompensa financeira relacionada com a participação nesse estudo;
- de que não está previsto nenhum tipo de procedimento invasivo, coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos;

- de que meu representado não responda qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada.

Eu _____, portador do documento de identidade nº _____, aceito que meu representado _____ participe da pesquisa intitulada: “Os efeitos da identidade do interlocutor no *code-switching* empregado por uma criança bilíngue português-hunsrückisch: um estudo de caso”. Fui informada dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada, bem como sobre a metodologia que será adotada, sobre os riscos e benefícios envolvidos. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Uso de imagem/gravação

Autorizo o uso de imagem e de áudio de meu representado para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito à transcrição das gravações audiovisuais, à análise de seus dados de fala e, dessa forma, à contribuição à pesquisa em enfoque.

Feliz, ____ de _____ de _____.

Assinatura dos pais e/ou responsáveis

Assinatura do (a) pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, poderei consultar:

CEP/IFRS

E-mail: cepesquisa@ifrs.edu.br

Endereço: Rua General Osório, 348, Centro, Bento Gonçalves, RS, CEP: 95.700-000

Telefone: (54) 3449-3340

Pesquisador(a) principal: _____

Telefone para contato: _____

E-mail para contato: _____